

Educação pela Arte
Uma experiência para dar sentido aos sentidos

Anabela Marques Saraiva Libânio

Trabalho de Projeto de Mestrado em Ciências da Educação

Agosto, 2013

Agradecimentos

Às Crianças e Jovens do Lar de Acolhimento.

Aos meus Mareantes.

À Professora Doutora Maria do Carmo Vieira da Silva por ter orientado o Trabalho de Projeto, pela sua compreensão e sabedoria para despertar em mim sentidos e significados nos trilhos da Educação e da linguagem académica.

Ao José Vale, meu Companheiro de vida, pelo seu amor e dedicação, pelas partilhas e conversas a conferir sentido à formação académica. Por ter sido o meu guardião de afetos, o nosso “Cozinheiro-Arte” preferido e o cuidador de energias da equipa. Obrigado ainda por ter comissariado a Exposição *Entre Sentidos*.

À minha Mãe, Maria dos Anjos, pelo colo, pelo carinho e coragem impressa em tantas conversas ao telefone impostas pela distância, ao longo de dois anos de formação.

Aos meus irmãos Paulo Libânio e Francisco Libânio por estarem sempre comigo, incondicionalmente.

Às minhas cunhadas Alexandra e Joana, por serem Amigas e companheiras de vida.

Aos meus sobrinhos Gonçalo, Afonso, André e Eva pelas gargalhadas, pelas traquinices e partilhas dentro de uma casa com muitos livros marcados para leituras.

À Minha Família Saraiva e Vale, pelo saber esperar e pela coragem ao longo destes dois anos académicos.

À Joana Alves Barbosa, Amiga Desafiante, pela dedicação e companhia ao longo de cinco meses intensivos de partilha, de trabalho e registos fotográficos.

À Andreia Botelho e ao João Rosa pela Amizade e disponibilidade para um acervo significativo de registos fotográficos com cor e pureza.

À família Ponciano pela Amizade e disponibilidade.

Às colegas de mestrado Liliana, Silvana, Ana e Emília pela amizade, pela partilha académica nesta caminhada feita em conjunto.

Ao Senhor Provedor Joaquim Barbosa por ter autorizado a realização do Trabalho de Projeto no Lar de Crianças e Jovens.

À Diretora Coordenadora Técnica Dra. Maria de Assis, por ter colaborado em parceria com o Senhor Provedor na ativação dos processos de implementação do Trabalho de Projeto.

À Dra. Célia Félix, Diretora do Lar de Crianças e Jovens pela orientação, pela dedicação, pelo profissionalismo e amizade, pelo espírito altruísta e positivo em tornar exequíveis projetos com sentido para as Crianças e Jovens do Lar.

À Voluntária Alexandra Silva pelo tempo disponibilizado para acompanhar os jovens na fase de integração e nas atividades do programa.

À Animadora do ateliê Helena Queiroga, pela disponibilidade e acolhimento.

A todos os elementos da equipa técnica do Lar de Crianças e Jovens pela disponibilidade e caminho em parceria.

Aos colaboradores dos diferentes serviços do Lar pela disponibilidade e simpatia.

Aos Amigos que “apadrinharam o projeto”, contribuindo com ajuda para a compra das telas e algum material de desgaste: Lar de Crianças e Jovens, à São e ao Chico, à Marlene, ao Rosa, à Patrícia, à Sandra e ao Fernando.

Às minhas Amigas e “Assistentes” Maria dos Anjos Saraiva, Ester Vale e Rita Santiago, com os contributos de tantos fios de lã e algodão para fazer rosetas crochetas.

À Avó Grande por tantos anos de partilha, amizade e dedicação. Costureira oficial da nossa Manta de Retalhos.

À Bárbara Lagos, Amiga e ex. aluna, por ter elaborado a minha biografia e por fazer parte do caminho de uma “Educação pela Arte”.

À Ana Rita Vale e à Bárbara Pereira pela amizade e pela disponibilidade para contar a história “A Manta- Uma história aos quadradinhos (De tecido)”.

A todos os Amigos e Familiares que me acompanharam na inauguração da exposição *Entre Sentidos*.

Ao Centro Social Paroquial Nossa Senhora da Conceição por me ter concedido o estatuto de Trabalhador Estudante durante os dois anos de formação.

Às Colegas das equipas docente e não docente do Centro Paroquial por terem contribuído com a sua ajuda durante os meus dias de ausência do local de trabalho.

À Dra. Eunice, Diretora da Rede Municipal de Bibliotecas de Almada, pelo desafio, pela acreditação e confiança.

Ao Instituto Piaget por ter acolhido o programa do Trabalho de Projeto no IX Encontro de Educação.

Aos meus dois “pedaços de fio prateado e cintilante”.

A arte...

A arte envolve segredos, sonhos e cor. Envolve tamanhos, larguras e sentidos.

A arte procura e encontra no interior, dentro de quem a constrói. Exalta sentimentos, habilidades, sensibilidades que o próprio autor desconhece.

Arte significa construir e desconstruir, concertar e desconsertar, alargar, juntar, emparelhar o pensamento ao sentimento, transformar.

Será a arte, mãe? A arte é voz serena, é verdade, é inventar. A arte faz bombear o coração, acelera o deslizar do sangue nas veias, arrepiam a pele, inventa no cérebro, pesquisa com o olhar e produz com todo o corpo a sentir.

Arte é mãos e pés, é cabelos em franja desgrenhada, é pele arrepiada ou transpirada. É arrumar o que parece baralhado, é subir e subir, correr e saltar por um caminho nunca esperado!

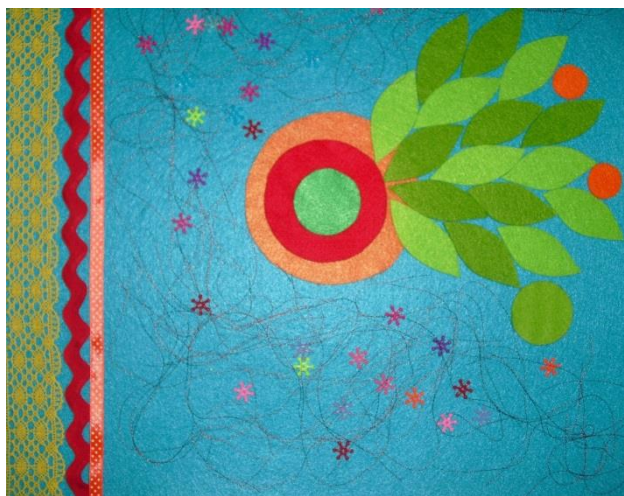
Tão bom que é ver a arte a brotar das mãos de uma criança. São dedos tão pequeninos a “fugir” da garatuja e a descobrir o “eu” que pinta e segue o seu coração.

Arte é descobrir, modelar, sentir e sonhar.

O sonho cria-se dentro de si. São desafios a despertar dentro do sonho. Mas...os sonhos prendem?

As coisas que prendem, são as que dão sentido ao sonho. Não significa ficar preso ao que cada ser reserva dentro de si - um vasto padrão sobre o conhecimento do mundo. Significa encontrar sentidos e significados. É criar raízes e ganhar asas para sentir e voar!

Arte, é uma experiência para dar sentido aos sentidos!



O Desfolhar de Alana – 08.dezembro.2012

Trabalho de Projeto apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à
obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação, realizado sob a
orientação científica da Professora Doutora Maria do Carmo Vieira da Silva

RESUMO

EDUCAÇÃO PELA ARTE

UMA EXPERIÊNCIA PARA DAR SENTIDO AOS SENTIDOS

Anabela Marques Saraiva Libânio

PALAVRAS-CHAVE: Educação; Arte; Estratégias Educativas.

Este trabalho de projeto apresenta um estudo centrado no tema *Educação pela Arte*, tendo sido realizado num lar de crianças e jovens da Santa Casa da Misericórdia, com um grupo heterogêneo de participantes.

O plano de sustentação referencial do trabalho explorou dois artistas plásticos, Joan Miró e Ana Pimentel, através da realização de ateliês, que visaram oferecer um leque variado de oportunidades para *dar sentido aos sentidos*. De Joan Miró interessou-nos a arte de pintar, enquanto que, de Ana Pimentel, a arte de criar a partir da utilização de múltiplos materiais.

O estudo tem forte incidência na exploração do domínio da expressão plástica, a funcionar como veículo facilitador de aprendizagens significativas e como promotor de libertação para a construção do imaginário e/ou do real desejado pela criança/jovem.

O objetivo deste estudo pretende avaliar um programa planificado com intencionalidade educativa, de modo a perceber junto dos participantes, de que forma as estratégias planificadas no programa sensibilizam as crianças para a arte, despertando nelas espanto, interesse, apreciação e sentido estético.

Por fim, procederemos à ponderação dos resultados obtidos e à delineação de ulteriores possibilidades de ação que visem, no futuro, assegurar um desenvolvimento sustentado do nosso trabalho de projeto.

ABSTRACT

ART EDUCATION

AN EXPERIENCE TO GIVE SENSE TO SENSES

Anabela Marques Saraiva Libânio

KEYWORDS: Education; Art; Educational Strategies.

This project work presents a study centered on the theme *Art Education*, developed in a Children's Home from Santa Casa da Misericórdia, with an heterogeneous group of participants.

The work's referential support explores two plastic artists, Joan Miró and Ana Pimentel, by conducting workshops that aimed to offer a range of opportunities to *give sense to* senses. From Miró, we were interested in the art of painting, whilst, from Ana Pimentel, the art of creating based on the use of multiple materials.

The study has a strong focus on exploring the realm of artistic expression, functioning as vehicle for meaningful learning and a promoter of liberation for the construction of the reality and/or imaginary desired by the child/adolescent.

This study aims to evaluate a planned program, with an educational purpose, in order to realize how the strategies planned within the program, sensitize children to art, awakening in them astonishment, interest, appreciation and aesthetic sense.

Finally, we will weigh up the results and proceed with the delineation of future lines of action, capable of ensuring, in the near future, a sustainable development of our project work.

ÍNDICE

Introdução	1
I Parte: <i>Educação pela Arte</i>	3
I. 1 Educação e sentidos	3
I. 2 A arte – <i>Um despertador para os sentidos</i>	8
I. 3 Criatividade	11
I. 4 Cidadania.....	13
I. 5 <i>Educação pela Arte</i> ou <i>Educação para a Arte</i>	15
I. 6 <i>Educação Expressiva</i>	17
I. 7 <i>Educação Expressiva</i> – Uma metodologia geradora de oportunidades de expressão para crianças e jovens em perigo.....	18
II Parte: Estudo empírico	21
II. 1 Introdução	21
II. 2 Construção do programa	23
II. 3 Metodologia	24
II. 3. 1 O método – observação participante	24
II. 4 Instrumentos e procedimentos.....	26
II. 4. 1 Planificação dos ateliês	26
II. 4. 2 Grelhas de observação	28
II. 4. 3. Caracterização do espaço que acolheu o Trabalho de Projeto	28
II. 4. 4 Os participantes e o lar.....	29
II. 4. 5 Os participantes e o trabalho de projeto	30
II. 4. 6 Estratégias utilizadas na organização dos ateliês	30
II. 4. 7 Registos fotográficos	31
II. 4. 8 Histórias.....	32

II. 4. 9 A seleção musical.....	32
II. 4. 10 Ferramentas multimédia	33
II. 4. 11 Recolha e organização dos recursos materiais	34
II. 4. 12 Artesãs de rosetas em lã e algodão	35
II. 4. 13 Questionários.....	35
II. 5 Análise e discussão dos resultados.....	36
II. 5. 1 Recordando a pergunta de partida	36
II. 5. 2 Ateliês de sustentação	39
II. 5. 3 Ateliês do programa – Entre Miró, Ana Pimentel e Tela Livre	39
II. 5. 4 O programa e a comunidade	43
II. 5. 4. 1 Adulto – Um interruptor da criatividade?	44
II. 5. 5 Registos fotográficos	46
II. 5. 5. 1 Os desafios desafiam-se.....	46
II. 5. 5. 2 O meu sentido... o sentido do “outro”	47
II. 5. 6 Opinião dos envolvidos	48
III Parte: Conclusões e recomendações	49
Bibliografia	54
Anexos	59

Introdução

O presente Trabalho de Projeto¹ assenta numa tomada de consciência para a cidadania. Ser educador ou investigador cidadão foi o desafio que nos colocaram.

O Trabalho de Projeto descrito nas páginas que precedem esta introdução tinha o seu percurso inicial gizado para um grupo regular a frequentar a valência do Pré-escolar de uma IPSS. Surgiu, entretanto, um desafio centrado numa necessidade que apelou à responsabilidade cidadã. A investigadora foi colocada perante a pergunta concreta: *Queres dar cor à vida de quarenta crianças e jovens institucionalizados num Lar de Acolhimento?*

Ser cidadão é ser caminheiro, é estar atento às particularidades da vida, é procurar dar respostas susceptíveis de contribuir para uma comunidade mais rica, neste caso mais colorida.

Deste modo, ao longo de cinco meses foi desenvolvido junto das crianças e jovens de um Lar de Acolhimento, um programa desenhado para procurar respostas para a seguinte pergunta:

Será a *Educação pela Arte* uma matriz integradora que nos permite uma maior compreensão da habilidade das crianças e jovens para olhar, pensar, sentir e transformar os “objetos” à sua volta?

O objetivo do trabalho desenvolvido passou assim a atentar a dois pontos essenciais: dar cor às crianças e jovens e encontrar resposta para a pergunta de partida. Esta última não tinha por objetivo a obtenção de resultados de natureza estética, mas sim a apreensão de todo um processo vivencial experimentado no decurso das atividades, com destaque para o bem-estar, a liberdade de expressão, de manuseamento e aplicação dos recursos disponíveis, para transformar os objetos de acordo com a imaginação e a necessidade sentida por cada participante.

O trabalho assenta nos pressupostos definidos para uma *Educação pela Arte*, tendo sido a observação participante a metodologia utilizada para planificar, implementar, observar, executar e avaliar as diferentes fases do programa.

¹ A redação do presente Trabalho de Projeto segue as normas ditadas pelo novo Acordo Ortográfico. A autora solicitou ainda as devidas autorizações para citar nomes e publicar as imagens apresentadas em todos os materiais de suporte deste trabalho.

Este trabalho incorpora uma preocupação prévia: distinguir *á priori* as diferenças entre *Educação pela Arte* e *Educação para a Arte*. Esta pesquisa conduziu-nos à abordagem de outros conceitos, tais como os de *Educação Artística* e *Educação Expressiva*.

O programa é constituído por três momentos com pintura e aplicações de natureza plástica em tela, sendo o primeiro inspirado no artista plástico espanhol Joan Miró, o segundo na artista plástica portuguesa Ana Pimentel, e o terceiro, composto por uma tela branca inteiramente dedicada à arte de cada participante.

Durante a revisão de literatura relativa à temática explorada, não foram encontradas referências a quaisquer estudos concretos, de natureza programática similares ao programa implementado durante o presente trabalho de projecto, algo que a investigadora julgou, desde logo, passível de conferir algum carácter de novidade.

Os ateliês do programa foram antecidos pelo que se designou como *Ateliês de Sustentação*, visando proporcionar ao grupo de participantes uma resposta concreta às suas solicitações iniciais, o que facilitou, de igual modo, a estratégia de aproximação ao grupo.

A descrição dos ateliês permite validar a *Educação pela Arte* junto de crianças e jovens institucionalizados, seja pela intervenção intencional através de programas ou planificações desenhadas, seja pela “simples” realização de atividades lúdicas com o objetivo de divertir e proporcionar bem-estar aos participantes. É importante realçar que nas experiências vivenciais registadas, estão implícitas regras, momentos de informação e formação. Outra referência que pretendemos deixar para uma “leitura expressiva”, é o sentimento de responsabilidade que habitou os momentos partilhados.

O trabalho desenvolvido é apresentado em três partes distintas. A primeira parte faz a abordagem teórica à *Educação pela Arte*, a funcionar como «despertador para os sentidos». A segunda descreve o trabalho de projecto e a terceira e última parte, apresenta as conclusões, as limitações detetadas e algumas recomendações.

I Parte: *Educação pela Arte*

I.1 Educação e Sentidos

O termo educação é vasto e polissêmico, abarcando teorias e definições relativas a uma construção alargada do conhecimento, para um saber transversal com base em estudos, experiências e descobertas a gerar debates entre os homens, para que sejam encontradas metodologias que possibilitem aprendizagens nas quais o *bem estar* seja um objetivo, *ser* seja uma condição, *ouvir* seja uma atitude, *mediar* seja uma postura e *permitir* seja uma condição.

Arénilla, Gossot, Rolland e Roussel (2000), definem a educação como uma troca de saberes e de experiências: “Numa vasta aceitação, a educação designa o conjunto das influências do ambiente, as dos homens ou as das coisas, chegando a transformar o comportamento do indivíduo que as experimenta...” (p.167). Esta é uma definição que concentra a educação na “roda viva” da vida, na pele do quotidiano, onde os poros absorvem sensações variadas a orientar construções de personalidades, a conduzir sentidos de vida, a ajustar valores e regras de conduta social.

Pensar em educação imprime no docente a necessidade de pensar a criança de modo a que, nela própria, seja possível encontrar o caminho para uma prática pedagógica ajustada. É importante que se decodifique o comportamento usual, quase padronizado, que assenta na premissa de que o adulto é o grande detentor de conhecimento, remetendo a criança para a mera necessidade de estar concentrada, a fim de aprender conceitos e definições, e a encontrar lugar nos carris impostos e fundamentados em teorias por vezes rígidas, desprovidas de espaço, de cor, de luz e de poesia.

Loponte (2008) propõe uma reflexão semelhante ao levantar questões relacionadas com perspetivas de educação:

Há que pensar nos modos como a infância e a arte têm sido “pedagogizadas”, “didatizadas”, “controladas” pela docência e pelas escolas. Por que ainda queremos crianças-camelo, queremos ensiná-las a obedecer, a cumprir ordens, ver o que queremos que ela veja (...). Uma infância concebida como acontecimento não é passível de discursos prescritivos ou de controle, aprisionada em um tempo linear e progressivo. Uma infância cujas palavras-chave são criação, invenção, descontinuidade, subversão (...). (p.4)

Entrelaçar a arte com a educação permite encontrar a possibilidade de realizar aprendizagens que potenciem o sonho e a subjetividade das emoções e das sensações. Educar pela Arte é um universo de expressões a conferir qualidade, a valorizar as ações, as expressões, a espontaneidade e a inspiração natural. É uma metodologia que faz brotar a cor, a forma e a textura de traços de vida, a tatuar um percurso de prática pedagógica experimentada pela investigadora.

A revisão da literatura encontrou tentativas de implementar uma *Educação pela Arte* em Portugal, com datas significativas que sinalizam marcos históricos relativamente aos esforços de integração do valor da arte na educação.

Castelão (2011) traça uma breve abordagem histórica deste processo, assinalando:

Podemos marcar como um dos primeiros e mais relevantes movimentos ligados à *Educação pela Arte* em Portugal, a criação da Associação Portuguesa de Educação pela Arte, criada em 1956 por nomes como, Almada Negreiros, J. F. Branco, João dos Santos, António Pedro e Cecília Menano (entre outros). Esta associação segundo Arquimedes Santos (2008), foi actuante durante os anos 60 e 70, no Centro de Investigação Pedagógica da Fundação Calouste Gulbenkian, onde promoveu a valorização da educação das várias expressões artísticas. A sua evolução veio, assim, a dar lugar ao Conservatório Nacional e, de um modo pioneiro na Escola Superior de Educação pela Arte, após o 25 de Abril. (p.19)

Sousa (2003a) proporciona uma perspetiva mais alargada sobre a “Evolução Cronológica da Educação Artística”. Segundo o autor, o trilho histórico em que se inscreve a valorização de uma *Educação pela Arte* remonta a Platão. É curioso perceber que já no ano 346 A.C. este filósofo defendia esta metodologia, ainda hoje não adotada ou implementada por muitos docentes e instituições escolares.

Importa realçar, na continuação das leituras de Sousa (2003a), muitas outras datas associadas a pensadores visionários, entre os quais se destacam Rousseau (1750), Kant (1764), Almeida Garrett (1823), Adolfo Coelho (1836), Clàparede (1903), Decroly (1910), João de Deus (1911), Herbert Read (1943), Celestin Freinet (1948), João dos Santos (1950), Dobbelaere (1955), Jean Piaget (1961), Carl Rogers (1961), Vigotsky (1970), assim como outros marcos cronológicos significativos e estruturantes, no processo de enraizamento desta metodologia (pp.38-40).

Sousa, Monteiro e Mendes (s.d.) fazem uma breve abordagem às origens da *Educação pela Arte*:

A Educação pela Arte teve origem na Alemanha do pós-guerra, tendo como seus principais mentores - Read (1893-1968) e Lowenfelt (1903-1960) - dando ênfase à esfera emocional do indivíduo, valorizando a sua originalidade e expressão da personalidade, onde o papel do professor se diluía. Nesta acepção, as artes visuais não eram entendidas como um fim, mas como um meio. Para Read (1982), a arte deveria ser a base da Educação. (pp. 3-4)

A necessidade de implementar modelos educativos centrados na descoberta, facilita o despertar de potencialidades no indivíduo enquanto ser com competências naturais para a expressão do “eu criativo”. Como consequência, é urgente possibilitar estímulos que despertem nas crianças, nos jovens e, porque não, noutras faixas etárias, o interesse numa *Educação pela Arte*. Ainda assim, muitos técnicos de educação preocupam-se com percentagens de sucesso, vivendo apressados no cumprimento de currículos exaustivos para uma educação que massifica conteúdos, desfocando os alunos do interesse para uma “educação humana”, para uma educação que privilegie processos de socialização.

A metamorfose acontece na vida dos docentes que permitem a entrada de novos desafios a promover encontros com sentido entre o “educador expressante” e o “aluno expressante”. Estes são conceitos que recentemente vieram habitar a “Educação Expressiva”, conferindo um renovado estatuto a educadores e alunos.

Ferraz (2011) sublinha:

Esta metodologia mais ativa baseia-se em princípios tais como a actividade, a liberdade e a auto-Educação. Somando a tudo isso os mediadores expressivos temos o que chamamos de Educação Expressiva, onde o Expressante aprende através da descoberta pessoal, vivenciando e experienciando as diversas situações. Através desta nova metodologia, consegue-se assegurar assim a autonomia do sujeito, assim como se contribui para o seu desenvolvimento pessoal e social. (p.24)

É neste saber estar para o homem, para a criatividade na educação, que Sousa (2003a) reflete: “A educação que se afasta do modelo que apenas se limita ao ensino-aprendizagem e que se equaciona em termos da personalidade, já apresenta como

objectivos a satisfação das necessidades (biológicas, afectivas, cognitivas, sociais e motoras) desenvolvimentais da criança” (p.11).

Poder ser ator de experiências sensoriais, onde a “caixa emocional” é recheada diariamente com uma *Educação pela Arte* ao nível dos afetos, com base na cor, em descobertas significativas, transversais e integradoras a todas as áreas e domínios do conhecimento, é permitir a familiarização com experiências que poderão servir de ferramentas a desenhar uma vida rica em competências e a dar resposta a desafios. As diferentes condutas encontram-se, cruzam e conquistam competências através de uma experimentação, onde a cooperação, a motivação, o espírito crítico e a criatividade são desafiantes para o homem e todos os seus sentidos.

Ferraz (2011) destaca a importância de uma educação expressiva, referindo que “a arte possibilita, na compreensão de Vygotsky, a abertura para a expressão de sentimentos e compreensões do mundo que revelam aspetos da produção de sentidos de um Expressante que estão entrelaçados com sua subjetividade. Aquilo que o Expressante produz como expressão artística estará, de certo modo, resgatando a compreensão que o mesmo tem de sua existência no plano da materialidade” (p.141).

Materializar a educação oferece resultados quantitativos imediatos, enquanto formar e socializar através do ludismo, de estímulos com criatividade e expressividade, exige sensibilidade e disponibilidade por parte do educador/professor.

A educação socializadora é ainda um propósito carente de *missionários*, de educadores a atuar como veiculadores de experiências vivenciais, a traçar caminhos numa *Educação pela Arte*.

Ferraz (2011) refere, ainda, que “Nunca vivemos em uma Era, onde tantas crianças tiveram ao mesmo tempo tantas dificuldades e possibilidades. E também nunca vivemos em uma época com tantas crianças e jovens egoístas, desorganizados emocionalmente, frios, distantes, violentos, rijos, com tantos problemas de aprendizagens, hiperactividades, inaptações, dislexias e tantas outras disfunções cognitivas e de aprendizagem” (p.18).

Educação pela Arte é, desta forma, uma metodologia que promove um desenvolvimento da criança e do jovem em harmonia com as suas necessidades afetivas, cognitivas, motoras e sociais. O recurso e a implementação de um modelo centrado no interesse do

aluno pressupõe a criação de projetos educativos, pedagógicos e curriculares, conduzindo os participantes a uma ação libertadora através das linguagens verbal e não verbal.

Segundo Read (2010), “A arte, como quer que a definamos, está presente em tudo o que fazemos para agradar aos nossos sentidos” (p.28). É através dos nossos sentidos que nos é franqueada a possibilidade de observar a arte, de a sentir, de assinalar momentos, tomando consciência de que podemos ir além do que somos, do que vemos, do que pensamos, do que saboreamos e do que sentimos.

Estimular a criança através de uma *Educação pela Arte* é dobar uma meada de emoções registadas pelos sentidos, ainda que delas resulte uma inquietação, uma necessidade de experimentação, de descoberta e de expressão.

Para Sousa (2003b), “A expressão é como um vulcão, algo que brota espontaneamente, algo que vem do interior, das entranhas, do mais profundo ser. Expressar é tornar-se vulcão. Etimologicamente, é expulsar, exteriorizar sensações, sentimentos, um conjunto de factos emotivos” (p.165).

A escola é por esta razão um espaço de excelência para planificações com a intencionalidade de promover momentos de descoberta transversal com sentido, com variedades e variações na cor, na textura e na forma, com recurso a um leque variado de materiais, facilitando a libertação de expressões através de diferentes formas de comunicar, destacando a importância da linguagem não verbal.

Cabe ao adulto estar atento para “saber fazer acontecer”, através de uma postura de mediador, de elemento facilitador de vida, de experiências com sentido e significado. “Educar pela Arte” ativa o olhar atento do educador/professor para realidades do quotidiano das crianças e dos jovens, permitindo que a vida aconteça com criatividade e liberdade de expressão.

Weikart e Hohmann (1997) destacam a ênfase dada por John Dewey à responsabilidade do adulto no processo de aprendizagem: “O educador é responsável pelo conhecimento dos indivíduos e pelo conhecimento do assunto-tema, os quais permitirão que as actividades sejam seleccionadas, e levarão a uma organização social na qual todos os indivíduos têm oportunidade de contribuir com qualquer coisa e na qual os principais transmissores do controlo são as actividades em que todos participam (...)” (p.33).

Martins (2002) reflete sobre o “Binómio arte-educação” numa abordagem que destaca vários filósofos, pensadores e pedagogos, com especial ênfase em Platão e na sua “arte de pensar”:

Segundo Platão, a Educação deveria corresponder a uma maiêutica (maieutiké, que deriva do grego maía, parteira) o que significa *a arte da parteira*, que colocava a ênfase naquele(a) que ajuda a nascer. (...) Perante a essência metafórica da imagem da *parteira*, enquanto aquele(a) que ajuda o Ser a Ser, eis-nos assim em face do(a) Educador(a) e da sua função de ajudar o Ser a Ser. Com efeito, o(a) Educador(a) é aquele que exerce a *arte da maiêutica* ou a *arte da parteira*. Platão coloca-nos deste modo perante o desafio maior da Educação, o de ajudar a transformar as potencialidades que nascem com a Pessoa, em capacidades que se exprimem através do ser. (pp.49-50)

I. 2. A Arte - *Um despertador para os sentidos*

O olfato, a visão, o tato, o paladar e a audição fazem parte das capacidades humanas e inserem o homem num mundo repleto de estímulos. As funções de cada sentido conferem a cada ser características específicas para que as experiências sejam deliciosas, delicadas e perfumadas, para que a melodia e o momento encontrem na partitura da vida a nota certa, para que a cor pinte sonhos, fantasias e realidades, para que cada homem faça arte da sua expressão.

Não se explora neste trabalho o conceito de estética nem quaisquer relações dialéticas entre *arte* e *beleza*. Não é esse o seu propósito. O objetivo é explorar a expressão artística como processo, passível de recurso a campos tão diversos quanto a música ou as artes plásticas.

Martins (2002) refere:

O termo arte tem origem no latim *ars (artis)* e é definido como *a criação dos objectos tendo em vista a experiência estética*. Esta definição evoca, imediatamente, os três factores presentes na arte: criação, objeto e experiência estética. Estes factores estão, por sua vez, ligados a um certo *saber*, a um certo *fazer* e também a um certo *sentir*. A busca de uma simples reacção de agrado por parte do espectador, até ao deslumbramento, a contemplação e o êxtase, são algumas das intenções maiores que o objeto artístico procura. (p.51)

O apelo à expressão de natureza artística pode fazer-se com recurso ao sonho, à liberdade da imaginação e às experiências vividas e partilhadas por cada sujeito. Este estado de liberdade acontece de forma fluida e sem preconceitos quando uma criança desenha traços da sua imaginação, sentindo-se detentora das suas verdades, das suas certezas. A escola, por sua vez, deve respeitar, sem castrar esse estado de pureza, e deixar *fazer acontecer* com naturalidade expressiva.

Segundo Eisner (2008), “As artes ensinam os alunos a agir e a julgar na ausência de regras, a confiar nos sentimentos, a prestar atenção a nuances, a agir e a apreciar as consequências das escolhas, a revê-las e, depois, fazer outras escolhas” (p.10).

Ainda assim, as obras dos pequenos grandes artistas são por vezes desvalorizadas, por se lhes não reconhecer sentido ou conteúdo. Os juízos críticos de natureza depreciativa fazem, muitas vezes, implodir a obra produzida e abalar a confiança de crianças e jovens.

Relativamente à crítica das produções realizadas pela criança, Sousa (2003b) refere que “Os adultos em geral e os professores em particular têm uma tendência muito forte em efectuar julgamentos sobre os trabalhos realizados pelas crianças, esquecendo-se que ao investirem-se do papel de juízes despem-se do papel de educadores. Um julgamento não é um acto pedagógico, um juiz não é um educador e um tribunal é muito diferente de uma escola” (p. 178).

Rodrigues (2002) proporciona-nos uma perspectiva sobre as diferentes fases de construção e afinação de um despertador dos sentidos a tocar com cor, com arte e intencionalidade.

O instinto da pintura, associado ao prazer sensorial da cor, cedo se manifesta espontaneamente na criança mais pequena, primeiro de modo confuso e controlado, depois mais organizado e atento à distribuição das formas e das cores na superfície do papel. Com a prática continuada, a criança é capaz de pintar com pincéis grossos em grandes superfícies, movimentando o braço e o antebraço; ao revelar maior cuidado na escolha das cores que aplica com sensibilidade, está naturalmente atenta ao efeito visual. (...) Se há crianças que se emocionam com a cor, outras há que se concentram a desenhar, sensíveis à expressividade do traço e à definição do pormenor. Considerando estas diferenças, o educador deverá facultar-lhes o material adequado à sua expressão pessoal. (p. 40)

A ideia de que a arte é um despertador para os sentidos, encontra reforço na construção de Eisner (2008):

As artes são, no fim, uma forma especial de experiência mas, se há algum ponto que eu gostaria de enfatizar, é que a experiência que as artes possibilitam não está restrita ao que nós chamamos de belas artes. O sentido de vitalidade e a explosão de emoções que sentimos quando comovidos por uma das artes pode, também, ser assegurada nas ideias que exploramos com os estudantes, nos desafios que encontramos em fazer investigações críticas e no apetite de aprender que estimulamos. No longo caminho estas são as satisfações que interessam principalmente por serem as únicas que garantem, se é que se pode garantir, que, aquilo que nós ensinamos aos estudantes vai continuar a persegui-los voluntariamente, depois de todos os incentivos artificiais das nossas escolas serem esquecidos. É especialmente neste sentido que as artes servem de modelo para a educação. (p. 15)

Entre os sentidos e a arte existe uma oferta de estímulos que envolve ações e relações do quotidiano. Defender que através da absorção de estímulos o homem imagina, estabelece co-relações e reproduz imagens expressivas, remete o pensamento para Read (2010) segundo o qual “A resposta da mente a qualquer acto de percepção não é um acontecimento isolado: faz parte de um desenvolvimento serial, tem lugar dentro de uma completa orquestração das percepções dos sentidos e das sensações e é controlado – dado o seu lugar dentro do modelo - por aquilo a que chamam sentimento” (p.53).

Partilhar do princípio de que a arte é um despertador para os sentidos direcciona a presente investigação para as memórias de uma década pessoal de prática pedagógica. A criança, desde muito cedo, estabelece ligação com o ambiente que a envolve através de variadíssimas formas de expressão, seja na tentativa de obter alimento, higiene, aconchego, seja, obviamente, para receber estímulos para a aquisição de novas e significativas competências. Brincar ao faz de conta é expressar, é reproduzir uma expressão, uma ação observada. Pintar ou desenhar é expressar, ainda que em traços circulares com maior ou menor firmeza, e com apenas dois anos de idade, o “*pai e a mãe*” (registo do ano 2010, numa Sala de Creche).

Quanto a sentidos e a representações, Vygotsky (2012) entende que:

A atividade criativa é realização humana, geradora do novo, quer se trate dos reflexos de algum objeto do mundo exterior ou de determinadas elaborações do cérebro e do sentir que vivem e se manifestam apenas no próprio ser humano. (...) Outro aspeto importante para Vygotsky reside em que a criatividade tem uma origem social, veiculada através da atividade de troca simbólica entre os indivíduos, palavras, ou através do diálogo com uma «pintura» ou da leitura de um texto literário; é historicamente determinada e faz parte de um sistema de significados mais complexo que se modifica ao longo dos estádios de desenvolvimento humano. (p.13)

Atualmente a arte manifesta-se através de inúmeras formas de expressão, possibilitando uma apreciação alargada dentro de um vasto espectro de sensações, de percepções por parte dos observadores. Rodrigues (2002) indica que “A arte é, hoje entendida através de um olhar renovado. O que, durante muito tempo, foi considerado como expressão rudimentar, inábil ou inacabada, própria de quem “não sabe desenhar ou pintar” – segundo os ultrapassados conceitos académicos – é hoje olhado com mais respeito por psicólogos, pedagogos e artistas. Manifestações pessoais e originais não podem ser adulteradas por sistemas demasiado rígidos e normativos” (p.111).

Na contemporaneidade a arte, o entendimento e a utilização que dela se fazem, extravasa largamente os cânones da estética clássica que durante séculos, de uma forma ou de outra, a formataram. De um convite à contemplação, passamos hoje a um renovado olhar suscetível de catalisar os sentidos, abrindo janelas de renovadas possibilidades.

Cada ser tem dentro de si um despertador. É assim que funciona. Ele toca lá dentro, não se sabe muito bem onde, mas toca, e quando toca, a necessidade de produzir emerge como se de um vulcão se tratasse. Não há hora marcada para o despertador dos sentidos. Sente-se e acontece.

I. 3. Criatividade

A criatividade reside no desejo de criar, de descobrir a potencialidade dos objetos e dos materiais. Um olhar criativo é um olhar divergente a encontrar caminhos entre o consciente e a admiração. Drevdahl (1956, citado por Sousa, 2003a) alega: “A criatividade é a capacidade do homem produzir resultados de pensamento de qualquer

índice, que sejam essencialmente novos e que eram previamente desconhecidos de quem os produz. (...) “ (p.189).

Para Sousa (2003b), “A criatividade é uma capacidade humana, uma capacidade cognitiva que lhe permite pensar de modo antecipatório, imaginar, inventar, evocar, prever, projectar e que sucede internamente, a nível mental de modo mais ou menos consciente e voluntário” (p. 169).

Vygotsky foi caminhar entre a arte e a educação. Da sua obra emerge um considerável número de sugestões que ora problematizam, ora simplificam definições, conceitos, atitudes, inovações, intenções, impressões e expressões. Em Vygotsky (2012), entre a criatividade e a imaginação, podemos ler: “Qualquer ato humano que dá origem a algo criativo, independentemente do que é criado: pode ser um objeto do mundo exterior ou uma construção da mente ou do sentimento que vive e se encontra apenas no homem” (p.21).

A criatividade, em síntese, é vista como uma característica, um dom natural, criando e transformando com espontaneidade. O artista idealiza uma determinada peça e, a partir do momento em que a concebe, saboreia todos os pormenores com criatividade. É a criatividade que vai colorir a passagem do idealizado ao concreto, sujeita, muitas vezes, a mudanças significativas até à sua concretização. Por esta razão Read (2010) afirma: “A forma de uma obra de arte é a configuração que tomou. Não importa se é um edifício, uma estátua, um quadro, um poema ou uma sonata – todas estas coisas tomaram uma configuração particular ou «especializada» e essa configuração é a forma da obra de arte” (p.29).

A criatividade pode ainda ser tida como uma ferramenta essencial para encontrar caminhos, para auxiliar o criativo na resolução de problemas.

Para Craft (2004), criatividade “É a capacidade de encontrar caminhos, ao longo da vida. É um constante desembaraço que permite ao indivíduo traçar uma linha de acção detectando oportunidades e ultrapassando os obstáculos. Isto pode ocorrer em questões pessoais e sociais ou na persecução de uma actividade numa área curricular como, por exemplo, a matemática ou as Ciências Humanas. Para Ryle (1949), é um “Know-how” ligado a uma certa competência em lidar com conceitos, ideias, e com o mundo físico e social” (p. 17).

Assim, lecionar através de uma metodologia cuja essência assenta numa educação vincadamente expressiva, possibilita oportunidades diversificadas aos alunos, com o objetivo de estimular a sua imaginação e criatividade, fazendo o desafio para uma caminhada com sentido crítico, vontade de saber, de descobrir, de questionar, capaz de os encorajar a encontrar inúmeras soluções com criatividade.

A *Educação pela Arte* propõe-se ainda a estimular as crianças e os jovens para uma expressividade criativa que acolha as diferentes perceções proporcionadas por diferentes matrizes culturais.

I. 4. Cidadania

Abordar o tema cidadania numa investigação em *Educação pela Arte* remete a investigadora para uma reflexão específica:

- Ao equacionar-se uma educação artística nas escolas, deverá o objetivo último ser o de contribuir para uma comunidade mais criativa?

O documento Educação para a Cidadania – linhas orientadoras da Direção Geral da Educação (2012) refere que, “Enquanto processo educativo, a educação para a cidadania visa contribuir para a formação de pessoas responsáveis, autónomas, solidárias, que conhecem e exercem os seus direitos e deveres em diálogo e no respeito pelos outros, com espírito democrático, pluralista, crítico e criativo” (p.1).

As linhas orientadoras enunciadas pela Direção-Geral da Educação têm como objetivo a formação do cidadão em diferentes dimensões do ser e do saber para que, no momento de atuar no campo social, seja capaz de se sentir parte integrante de uma cultura, de uma sociedade com igualdade de direitos e deveres.

Educar para a cidadania é uma tarefa que assume contornos para uma educação cívica a estimular nos indivíduos, nos cidadãos, competências facilitadoras de relacionamento humano, onde deveres e direitos sejam respeitados através da partilha de aprendizagens, com base em diálogos a possibilitar que o “espírito democrático” funcione como uma estratégia facilitadora na construção do saber.

Gonçalves e Silva (2011), relativamente à “formação de professores para a cidadania“, partilham da opinião de Popovici e Sinclair:

Popovici (2006) relança o desafio de preparar estudantes para a vida, reforçando os quatro pilares da educação para o Sec. XXI, enunciados pelo Relatório Delors (1996): aprender a aprender, aprender a fazer, aprender a ser, aprender a viver com os outros. No mesmo sentido se pronuncia Sinclair (2004, citado por Popovici, 2006:61) que precisa os objetivos que podem ser atingidos através de programas conscientes de aprender a vida em conjunto: prevenção e resolução de conflitos, tolerância, respeito pelo bem-estar dos outros e do meio ambiente, aprendizagem para a comunicação intercultural. (p.85)

A recomendação feita pelo Ministério da Educação e Ciência (2012) aborda a questão da leitura de comportamentos sociais num quadro humano com diferentes características físicas, culturais e de género:

Numa perspectiva diacrónica, e considerando o poder (muitas vezes arbitrário) do Estado, a cidadania começou por ser, num certo sentido, muito mais um produto de exclusão do que de inclusão, uma vez que a sua atribuição e a conquista dos diferentes direitos a ela referenciáveis, em cada momento histórico, não só não ocorreu de forma simultânea, como pressupôs, em muitos casos, a manutenção de discriminações baseadas no género, idade, raça, condição ou classe social, escolaridade, propriedade, religião..., ou seja, não envolveu imediatamente, e em condições de igualdade jurídica, todos os indivíduos, ainda que estes vivessem no mesmo tempo e espaço nacionais (...). (p.2)

A conduta social é para o indivíduo uma aprendizagem que se constrói e refina ao longo da vida. Conviver com afinidades, com valores pessoais idênticos, não produz exclusão no seio de um determinado grupo, onde a empatia e a disponibilidade funcionam em harmonia. A tarefa difícil apresenta-se na construção social de um grupo em que os elementos que o integram apresentam características diferenciadas relativamente à sua forma de *ser*, de *estar* e de *fazer*.

Libânio (2003) proporciona a partilha de um relato que propõe um olhar diferente sobre o sentido prevalecente do sentido gregário da relação entre indivíduos. “A espécie humana, (...), é como um grupo de ouriços na noite fria. Quando se aproximam demasiado uns dos outros para se aquecerem e estarem menos sós, picam-se cruelmente e têm de se afastar desiludidos. Então são de novo tomados pelo frio da noite e pela intensidade da sua solidão e tentam de novo aproximar-se uns dos outros” (p.44).

É a partir das dificuldades acima mencionadas que a *Educação pela Arte* pode contribuir para a formação de indivíduos cooperantes, expressivos e criativos. Educar pela arte é uma metodologia construída com a colaboração de um determinado grupo. Logo, como consequência natural, todos se deverão construir e respeitar. Ainda assim, a liberdade de expressão, ou a liberdade expressiva, é partilhada com valores democráticos, sendo paralelamente respeitado cada elemento que do grupo faz parte. A inclusão é praticada, incorporando a noção de pessoa na sua globalidade e abraçando a diferença.

Raposo (2004) sustenta a afirmação anterior, alegando que “A arte aproxima-se da educação, numa linha que privilegia a construção da pessoa na sua globalidade, atendendo às várias dimensões implicadas na construção da vida humana e do próprio conhecimento” (p.43).

A *Educação pela Arte* permite que o indivíduo explore e descubra em interação com os seus pares. Nela predomina a característica de possibilitar conquistas progressivas, onde por vezes o próprio aluno é surpreendido com o resultado das suas produções.

“Educar pela Arte” não tem como ponto de chegada uma comunidade mais criativa, tem como pertinência desenvolver um trabalho rico em experiências, visando formar um cidadão criativo, contribuindo para a estruturação da sua personalidade, conferindo-lhe a capacidade de saber reagir e encontrar respostas face à adversidade.

Um cidadão criativo é um cidadão que sabe utilizar os recursos com criatividade, que ousa empreender, que sente necessidade de formação contínua. Nele predomina o desejo constante de saber, de aprender, de não resignação ou vinculação aos padrões ditos convencionais.

Se de uma *Educação pela Arte* resultarem cidadãos críticos, reflexivos, criativos e empreendedores, a consequência será uma comunidade mais atenta, capaz de saber olhar quer para o centro quer para as periferias do seu grupo, conciliadora e respeitadora.

1.5 *Educação pela Arte* ou *Educação para a Arte* ?

O conceito de “Educação Artística” em Portugal encontra-se consignado no Decreto-Lei n.º 344/90, de 2 de novembro. Os objetivos estabelecidos para a “Educação Artística”

são exaustivamente listados no art. 2.º do documento legal. De acordo com o art. 3.º é ainda de referir que, *A educação artística processa-se genericamente em todos os níveis de ensino como componente da formação geral dos alunos.*

Em Sousa (2003a) verifica-se a preocupação de esclarecimento das expressões “educação pela” ou “para a arte: “(...) um problema que se levanta a nível nacional é o da formação dos professores que terão a responsabilidade desta Educação Artística, num tempo Educação pela Arte e noutro Educação para a Arte” (p.33).

O Projeto do Plano Nacional de Educação Artística (1978, citado por Sousa, 2003) “define oficialmente a «Educação pela Arte» e a «Educação para a Arte»: *Educação pela Arte* propõe o desenvolvimento da expressão artística... (Educação para a arte) visa a formação de artistas profissionais e processa-se através do ensino artístico” (p.31).

Wojnar (1963, citado por Sousa, 2003a) refere:

A ideia de Educação pela Arte não se trata de um só domínio da educação correspondendo à formação de uma sensibilidade estética, do gosto pela beleza, mas de uma larga concepção da formação do homem, toda ela baseada no princípio estético e concedendo-lhe o primado entre outros factores exercendo o seu efeito sobre o ser humano. A formação do homem deve ser concebida como um processo total. A Arte nela intervém em diversos planos de vida, o que tem consequências não somente para a sensibilidade estética propriamente dita, mas também para a vida intelectual afectiva e moral. (p 80)

Sousa (2003a) esclarece, ainda, de forma sucinta, as diferentes características entre *Educação pela Arte*, as *Artes na Educação e Ensino Artístico*.

Na *Educação pela Arte*, o objetivo é educar, formar a pessoa num quadro vasto de experiências, através de uma metodologia em que a arte funciona como um meio para educar.

Para as *Artes na Educação* o objetivo é a educação cultural a contribuir para a formação pessoal e social da pessoa, através de uma metodologia centrada numa determinada *Arte* (como são exemplo, a dança, a música e o teatro).

Por último, o *Ensino Artístico* tem como objetivo a formação de artistas. O objeto é a *Arte* através de *cursos de formação profissional* onde são contempladas sessões para a aprendizagem de Piano, Escultura, Arquitetura e outras.

Educação pela Arte é uma metodologia que privilegia a liberdade de expressão do indivíduo para criar, inventar, experimentar, pensar, errar, desejar, sentir, questionar, criticar, transformar, para refletir sobre particularidades, semelhanças e diferenças, para explorar o lado sensível e emocional do ser, para extrair das expressões a arte, a versatilidade e a *criatividade expressiva* para saber argumentar, para saber mediar o seu pensamento, a sua forma de ser e de estar junto a grupos distintos no complexo processo da interação humana.

1.6 Educação Expressiva

Na revisão da literatura foi analisada uma coleção de três volumes (Ferraz [Coord.], 2009 e 2011; Dalmann e Ferraz [Coord.], 2012) sobre *Educação Expressiva*, elaborados por uma equipa multidisciplinar que se mobilizou com o objetivo de contribuir para um *novo paradigma educativo*, a possibilitar outras formas de expressão e enriquecimento de projetos nas escolas e na comunidade.

Nesses textos surgem conceitos e definições a distinguir “Educação Expressiva” e *Educação pela Arte*. Os diferentes autores defendem que a Educação Expressiva é completamente diferente da *Educação pela Arte*.

Para Ferraz (2011), “A Educação Expressiva, se define pelo estímulo de todas as formas de expressões humanas em contexto educativo, socio-educativo, em sala de aula ou em Educação comunitária, com a finalidade de promover a formulação do conhecimento, a aprendizagem e o desenvolvimento de competências humanas” (p.43).

Ainda segundo Ferraz (2011), a *Educação pela Arte* é considerada como sendo “(...) um método que utiliza a arte no processo educativo. É através da arte, da expressão artística do indivíduo que o conhecimento é adquirido. O professor tem na arte uma ferramenta de apoio efectivo na transmissão do conhecimento” (p.62).

O mesmo autor (Ferraz, (2011) salienta os benefícios de uma *Educação pela Arte* comparativamente à Educação Artística:

(...) podemos concluir que a *Arte Education* traz benefícios significativos para o desenvolvimento da Educação, sobretudo comparados simplesmente com o ensino de Artes em contexto escolar, ou seja, da Educação Artística, pois há já um processo vivencial que é valorizado na Educação. Entretanto, ainda mantém fundamentos básicos da pedagogia que a nosso ver são constrangedores para a assimilação mais eficaz do conhecimento. (p.63)

A finalizar a reflexão, Ferraz (2011) sugere:

A Educação Expressiva é completamente diferente da *Art Education* sobretudo porque não objetiva produzir Educação através da arte (ou vice-versa, arte através da Educação), simplesmente oportuniza que o indivíduo, conscientemente ou não, através da expressão de si também produza arte. Salienta-se ainda a tentativa de não priorizar a estética, mas sim o conteúdo ou emoção implícita ou explícita (o que é ainda melhor) no resultado que a Educação Expressiva revela. (p. 64)

Esta teoria de uma “Educação Expressiva” requer leituras mais aprofundadas para que se reflecta sobre de que modo poderá ser adotada como um *novo paradigma educativo*. Trata-se de uma teoria que vem contestar muitos dos modelos existentes e, simultaneamente, contribuir para novas reflexões, não só na área da educação mas em todas as áreas e domínios do conhecimento.

1.7 Educação Expressiva - Uma metodologia geradora de oportunidades de expressão para crianças e jovens em perigo

O presente Trabalho de Projeto não tem como objetivo analisar ou refletir as razões e processos que conduziram à institucionalização das crianças e jovens residentes no Lar, nem as particularidades da sua vivência diária na instituição. O seu objectivo circunscreve-se à avaliação da adesão dos participantes ao programa desenhado.

Não obstante, sendo o grupo de participantes constituído por crianças e jovens institucionalizados, a investigadora indagou junto da Diretora do Lar, através de uma conversa informal antes de serem iniciados os ateliês do programa, sobre qual o interesse e grau de participação no espaço *Ateliê* da instituição, por parte das suas crianças e jovens.

As nossas crianças e jovens ficam fascinadas quando realizam atividades de expressão plástica. Também gostam muito de ouvir música, de dançar, temos “meninas” a frequentar aulas de hip-hop, referiu a Diretora do Lar durante a caracterização do grupo. É um facto que as expressões são um “veículo” que possibilita a exteriorização do “bem-estar” e do “mal-estar”. As expressões são uma mais-valia, são uma excelente “receita” a contribuir para que o indivíduo disfrute do seu lado expressivo e sensorial, independentemente do fator etário.

A Lei Portuguesa de proteção de crianças e jovens em perigo, Lei nº 147/99, no nº2 do art 3º, determina várias situações susceptíveis de conduzir à institucionalização. Mas determina igualmente que, na eventualidade de tal situação, a criança ou o jovem deverá continuar a beneficiar dos *direitos e deveres* enunciados na *Constituição da República Portuguesa* e na *Convenção sobre os Direitos da Criança*.

Ora, compete às “instituições acolhedoras” a promoção e a salvaguarda dos *direitos e deveres* determinados pela lei. A preocupação deverá ser constante e diária, atuando de forma transversal e multidisciplinar junto das crianças e dos jovens, assim como das respetivas famílias.

Capul e Lemay (2003), na sua abordagem à questão da *intervenção social* por parte das entidades educadoras, referem que: “As crianças privadas de família ou de um meio familiar normal, chamadas de «casos sociais», apresentam frequentemente sequelas por carências subsequentes a internamentos repetidos ou de má qualidade. Podemos caracterizá-las por inúmeros traços já evocados. Medo persistente de abandono, reivindicação permanente, indiferença afectiva, impulsividade, etc.; até mesmo desorganização da personalidade, que pode surgir precoce ou tardiamente” (p.52).

Ainda nos textos de Capul e Lemay (2003), relativamente às *atividades enquanto mediadoras de uma promoção*, sublinha-se que:

Sabemos quantos dos nossos jovens têm uma identidade precária: o corpo, o espaço, o tempo, a causalidade e a relação de objectivação sendo mal reconhecidos, a emergência da angústia pode provocar o desmoronamento de mecanismos de defesa frágeis. Limitados frequentemente nas suas linguagens receptiva e expressiva, invadidos por imagens que não conseguem traduzir de maneira coerente nos seus

jogos e nos seus gestos, eles mergulham quer no fechamento sobre si próprios quer numa agitação febril e sem objetivo. (p.150)

Para muitas crianças e jovens, o Lar é a “casa” de há muitos anos, é um espaço de acolhimento com regras bem definidas, organizada em entidades e equipas a trabalhar diariamente para que o bem-estar seja encontrado. É uma caminhada acelerada em torno das responsabilidades conferidas a cada projeto de intervenção, aos técnicos que acumulam também, muitas vezes, o estatuto de encarregados de educação.

Perante esta situação, muitas perguntas se colocam: Que cheiros guardarão da infância as crianças institucionalizadas? Que formas e que traços lhes servem de orientação para desenhar e delimitar a sua construção pessoal e social?

Blades, Cowie e Smith (2001) refletem sobre os primeiros comportamentos e interações sociais:

Ao nascerem, as crianças são bastante indefesas e dependentes (ou altriciais). Dependem dos pais, ou de quem cuida delas, para obterem alimentos, aconchego, calor, afecto, abrigo e protecção. Estes elementos só por si revelam como é particularmente importante para as crianças, e para outros jovens mamíferos, que se desenvolva um relacionamento afectivo entre elas e a mãe (o pai, ou outro responsável...). Para além disso, é a partir desta relação afectiva que as crianças obtêm algo que se encontra em grande parte ausente nos outros mamíferos, ou seja, os fundamentos iniciais da comunicação simbólica e do significado da cultura. (p.100)

Pelas razões enunciadas anteriormente, se percebe a *sede* de tudo o que constitui novidade, de tudo o que confere cor, vida e forma, para uma criança institucionalizada. As expressões têm uma presença terapêutica, elas atuam, estimulam, são mediadoras da libertação de desajustes sociais, são promotoras de um “eu” onde a autoestima está na maioria das vezes “camuflada” pela dor, pelo medo, pela revolta ou, em muitos casos, pela incompreensão dos factos.

Dalman e Ferraz (2012) reforçam a pertinência das *expressões integradas*:

O recurso aos mediadores expressivos integrados, não só permite ao participante exprimir-se livremente como o poderá auxiliar no seu processo de reconhecimento

quando este se torna protagonista da própria ação. O Protagonismo Juvenil é um tipo de ação dentro da intervenção social que responde a problemas reais onde o jovem é o ator principal. O protagonismo infantojuvenil dá voz à aprendizagem não formal e permite a transmissão da mensagem da cidadania criando acontecimentos onde o jovem ocupa uma posição de centralidade. (p.95)

As leituras em Ferraz (2011) destacam, finalmente, a importância das *expressões integradas* para uma abordagem multidisciplinar na educação:

Este conceito na Educação Expressiva pressupõe que as Expressões não são áreas estanques e que bebem umas das outras. Isto é, não há o privilegiar de um só mediador – todos são possíveis de se usar desde que a sua utilização estimule a comunicação (valorizando, mas não excluindo necessariamente, o não uso da palavra), o desenvolvimento e o veicular de conhecimentos. Na prática, defende-se que se compreende a multiplicidade de saberes e competências de um ser humano em pleno e que, por isso, o seu desenvolvimento deve ser feito pela integração de saberes e práticas. Assim, as expressões integradas procuram esteirar o conhecimento em várias raízes, proporcionando a plasticidade mental. É assim que vemos resultar os contextos, tantas vezes dados como inacessíveis, intervenções onde, a título de exemplo, a par da música se faz uma criação em barro, a partir de uma imagem chegamos a um movimento, a partir de um texto chegamos à expressão de um sentimento através de papel e tinta.

Chegamos a um conhecimento porque o construímos e porque o vivenciámos, porque o reflectimos. (p.89-90)

II Parte: Estudo empírico

II. 1 Introdução

A revisão da literatura permitiu destacar a importância da investigação na Educação e na Formação de Professores.

Segundo Estrela (1994):

O principal objetivo da investigação num programa de formação deverá ser o de contribuir para a formação de *uma atitude experimental*. Só através de uma prática

pedagógica de carácter científico se tornará possível ultrapassar o empirismo e fazer inflectir definitivamente a atitude tradicional que reduz a Pedagogia a uma arte. O professor, para poder *intervir* no real de modo fundamentado, terá de saber *observar* e *problematizar* (ou seja, interrogar a realidade e construir hipóteses explicativas). *Intervir* e *avaliar* serão acções consequentes das etapas precedentes. (p. 26)

Uma prática pedagógica desprovida de espírito de pesquisa, capacidade para questionar, refletir e validar conceitos, invalida a possibilidade de implementar metodologias e de adquirir métodos conducentes a uma intervenção diária ajustada e fundamentada. Estrela (1994) refere ainda que “Todos os educadores, qualquer que seja o grau de ensino em que exerçam, deveriam sentir-se implicados nas investigações que digam respeito ao seu campo de actividade e deveriam poder participar, isto é, pertencer à equipa de investigação. Isto pressupõe uma iniciação prévia em certas formas de investigação para poderem desempenhar correctamente o seu papel no seio da equipa” (p.26).

A observação constitui o ponto de partida para a construção do programa desenhado para desenvolver o presente Trabalho de Projeto. Observar as crianças ao longo de uma década de prática pedagógica pessoal permitiu à investigadora reunir um conjunto de questões indispensáveis ao desenvolvimento daquela que é hoje a sua postura no desempenho da função de educadora de infância. A observação permitiu a reflexão sobre:

- A forma como são educadas as crianças;
- A pertinência das estratégias e das atividades desenvolvidas;
- As temáticas - tidas como essenciais à formação “da pessoa” - sugeridas e exploradas;
- A validade das regras estimuladas;
- A qualidade da metodologia implementada, para que educação e para que futuro?

São perguntas sem resposta definitiva. O objetivo essencial deverá ser o de cada docente ir retirando com sensibilidade, quer da prática pedagógica quer da formação técnica e/ou académica, as diversas singularidades susceptíveis de fazer sentido para a construção e o apuramento da sua personalidade enquanto técnico de educação.

Estrela (1994) destaca a afirmação de Dickson, Kean e Anderson:

Cada professor deve ser preparado para encontrar, por si mesmo, os comportamentos mais adaptados à sua personalidade e mais eficazes para o desempenho da sua função. Isto exige, por parte do professor, a aquisição de uma atitude experimental, de um conhecimento teórico sobre a investigação e experiência, de “skills” técnicos para controlo dos meios de ensino e de conhecimentos de técnicas de avaliação para analisar o “feedback” com objectivos educacionais. (p.27)

II. 2 Construção do Programa

A construção do programa teve como objetivo encontrar respostas que validassem a pergunta de partida. Desta forma, foi construído um percurso que visou integrar os participantes no programa do Trabalho de Projeto, de modo a permitir a posterior obtenção e análise de resultados.

Foram criados três momentos de observação definidos por *Ateliês*, cada um com a sua temática: *Agarra as Cores de Miró*, *Sente a Tua Arte* e *Tela Livre*.

No primeiro desses momentos foi utilizada como estratégia a referência de cariz biográfica e artística ao artista plástico Joan Miró; no segundo momento foi realizada uma abordagem de idêntica natureza à artista plástica Ana Pimentel; e para o terceiro, a estratégia escolhida residiu no tema aberto *Escolha Livre*, convidando à produção de trabalhos inspirados, ou não, pela experiência obtida nos dois momentos anteriores.

O recurso aos dois artistas plásticos não pretendeu explorar em profundidade as suas biografias ou a totalidade das respectivas produções artísticas mas, apenas, apresentar exemplos que funcionassem como estratégia para sensibilizar as crianças e os jovens, convidando-os a explorar com liberdade de expressão o seu “eu criativo”.

A consciência prévia da diferença entre projetos idealizados e projetos concretizáveis, colocou a investigadora numa postura prévia de abertura ao carácter progressivo da construção do programa, admitindo desde o início a possibilidade de proceder a ulteriores alterações e ajustamentos. Os referidos ajustamentos vieram, de facto, a verificar-se necessários, como se pode observar nos registos dos ateliês onde são detetáveis as diferenças entre o planeamento inicial e o planeamento final.

Katz, Ruivo, Silva e Vasconcelos (1998), dentro das diversas especificidades que caracterizam um projecto, defendem que:

...o projecto vai-se concretizando através de um processo que tem uma evolução que pode não ter sido inteiramente prevista desde o início. A flexibilidade do projeto permite ir adaptando os meios aos fins. É esta ideia de construção progressiva que determina que um projeto tenha diferentes fases - concepção, tomada de decisão, planeamento, avaliação – que se interligam pois terão de ir sendo retomadas ao longo do processo que articula a evolução de condições objectivas com escolhas subjectivas. (p.94)

II. 3 Metodologia

Será a *Educação pela Arte* uma matriz integradora que nos permite uma maior compreensão da habilidade das crianças e jovens para olhar, pensar, sentir e transformar os “objetos” à sua volta?

O regresso à pergunta de partida oferece a possibilidade de refletir, de transferir marcas e momentos de toda a organização do projecto, centrado numa metodologia que possibilita a colocação do investigador no papel de aprendiz.

II.3.1 O Método - Observação Participante

O método utilizado no presente Trabalho de Projeto foi o da observação participante. A fixação conceptual deste método oferece antecipadamente algumas reservas. Estrela (1994) faz, a esse respeito, uma chamada de atenção: “Note-se que o conceito de observação participante não é muito preciso e a estratégia que emprega nem sempre lhe permite uma clarificação do papel e do estatuto do observador (por vezes, apenas observador; outras vezes, participante e observador)” (p.32).

Ainda assim, a revisão da literatura e a experiência retirada do trabalho efectuado junto do grupo de participantes permitem constatar que a observação participante confere ao investigador um papel ativo. É um método que ativa o sentido de oportunidade de observar, intervir, registar, avaliar, discutir e apresentar resultados.

O programa foi implementado através da participação ativa da investigadora na dinâmica do grupo de participantes. Essa participação verificou-se da seguinte forma:

Dia Tipo da Investigadora:

Espaço: Ateliê do Lar de Crianças e Jovens

Dias da Semana: Sábado e domingo

Horário: Das 10h30 às 13h00 (verificando-se dias de exceção, de modo a permitir que as crianças e os jovens terminassem as suas produções, com horário alargado até ao período da tarde – 16h00- lanche das crianças e jovens).

- 1º Organização do espaço e dos materiais previamente selecionados pela investigadora.
- 2º Acolhimento das crianças e dos jovens no ateliê.
- 3º Lançamento da atividade através de estratégias planificadas.
- 4º Atividade (sem interferir nas escolhas dos jovens a investigadora esteve presente e, sempre que solicitada, auxiliou a criança ou o jovem).
- 5º Recolha de registos junto das crianças e dos jovens (consoante iam terminando a atividade).
- 6º Arrumação dos materiais e limpeza do espaço (havendo momentos em que os participantes colaboraram livremente nesta actividade).
- 7º Visualização dos registos fotográficos, tendo por objetivo recordar as diferentes etapas do ateliê, para aferir a observação e sistematizar a informação posteriormente conduzida para os registos escritos.
- 8º Registos da investigadora (no seu *“Ateliê de Registos”*).

Envolver a observação com a participação permite ao investigador sentir na primeira pessoa o resultado das possibilidades traçadas no programa, sejam elas as desejadas ou as insperadas. Estrela (1994) refere que “Só a observação dos processos desencadeados e dos produtos que eles originam poderá confirmar ou infirmar o bem fundado da estratégia escolhida” (p.128).

II. 4 Instrumentos e procedimentos

Ao longo dos cinco meses de implementação do programa, a investigadora pôde beneficiar da confiança e liberdade por parte das diferentes entidades da Instituição, a conferir à investigadora bem-estar no papel de observadora participante. Poder meandar pelos diferentes espaços da valência, poder estar, observar e intervir (se necessário), constituiu uma mais-valia para o estudo empírico.

Os diferentes instrumentos foram construídos pela investigadora ao longo da implementação do programa, com a atenção centrada nos objetivos do Trabalho de Projeto e na observação da realidade experienciada junto do grupo de participantes.

II.4.1 Planificação dos ateliês

O Trabalho de Projeto foi desenhado com três momentos de aplicação:

1º Ateliê Miró: *Agarra as Cores de Miró*

2º Ateliê Ana Pimentel: *Sente a tua Arte*

3º Ateliê Tela Livre.

Cada ateliê foi desenvolvido com os grupos de participantes A e B, observando as regras, as estratégias e os recursos materiais estipulados para cada um.

Como estratégia inicial, foram utilizadas duas apresentações em *powerpoint*®² sobre breves particularidades da vida e obra dos artistas plásticos Joan Miró e Ana Pimentel, como por exemplo a sua naturalidade, pequenas subtilezas sobre a sua visão de artista, a cor, a forma e o traço. Em cada uma das apresentações em *powerpoint*® foi ainda incluído um pequeno vídeo retirado do *Youtube*®.

A apresentação para cada artista plástico foi construída com o objetivo de estimular a organização do pensamento das crianças e dos jovens relativamente ao seu “eu criativo”.

Os *itens* que a seguir se transcrevem constituem parte da estrutura de apresentação de *slides* que constituem as referidas apresentações em *Powerpoint*®. As questões e as

² Vd. Anexo I

afirmações foram colocadas nas apresentações sem qualquer intuito de estimular o diálogo. Tinham apenas como objetivo a introspecção individual dos participantes.

- Como pode a arte despertar os nossos sentidos?
- Os sentidos despertam a arte ou a arte desperta os sentidos?
- A arte descobre o artista ou o artista descobre a arte?
- Como pode ser apresentado um artista?
 - Pelo seu verdadeiro nome?
 - Pelo nome artístico?
 - Através das suas produções artísticas?
 - Todo o artista tem um nome e um apelido a começar por uma letra qualquer.
- Todo o artista tem cor.
- Todo o artista tem forma.
- Todo o artista tem um rosto.

As características do grupo relativamente à sua literacia eram conhecidas pela investigadora, pelo que foram tidas em consideração. Como consequência, o vocabulário utilizado pela investigadora, na construção das apresentações acima referidas, foi estrategicamente aplicado num registo de adequação ao grupo de participantes, visando tornar a leitura confortável.

Tal como destacado no ponto II. 2 a planificação inicial do programa sofreu alterações após estabelecimento do primeiro contacto com o grupo de participantes. A investigadora identificou, através da observação, diferentes características no colectivo, que determinaram a organização de dois grupos etários de participantes: um, dos cinco aos treze anos, e outro, dos treze aos dezasseis anos.

A decisão de formar dois grupos de participantes assentou em dois factores: a idade (os jovens assumem o papel de cuidadores das crianças) e o desabafo feito pelos participantes relativamente a outros trabalhos desenvolvidos no Lar de Jovens que despertaram neles um sentimento de injustiça.

Alguns participantes verbalizaram a sua indignação afirmando que *todas as pessoas fazem os trabalhos que querem e nunca mais voltavam*. Este foi um registo que ficou

na “retina” da investigadora assim como o pedido para realizar atividades com tridimensionalidade - *queremos fazer construções*.

A investigadora mediu a responsabilidade académica, mas perante os relatos, considerou que era mais um momento a desafiar a sua *flexibilidade*. Permitir, possibilitou regozijo e felicidade nos participantes. O compromisso foi selado. Antes de ser implementado o programa do Trabalho de Projeto, foram desenvolvidas as atividades sugeridas pelas crianças e jovens do Lar.

A primeira fase de registos é desta forma composta pelo que se designou como *Ateliês de Sustentação*. O conjunto de atividades possibilitou ao grupo de participantes o contacto com um leque variado de materiais de desperdício, a despertar neles criatividade.

II.4.2. Grelhas de observação

O registo de observação dos ateliês foi feito através de um processo descritivo dos diferentes momentos captados pela investigadora. Foram ainda construídas grelhas para marcar as presenças dos participantes nos ateliês, assim como para registar as impressões e expressões manifestadas por cada participante.

II.4.3 Caracterização do espaço que acolheu o Trabalho de Projeto

O Trabalho de Projeto foi aplicado num Lar de Crianças e Jovens da Santa Casa da Misericórdia. Esta é uma instituição de solidariedade social a funcionar ininterruptamente e que conta com a participação de todos os seus colaboradores para uma intervenção diária sustentável. Tem como visão a resposta social através de uma gestão com qualidade, com a colaboração ativa e articulada entre os diversos técnicos da equipa multidisciplinar junto dos residentes, respeitando as suas características e necessidades individuais para que se integrem e desenvolvam de forma tranquila e harmoniosa.

Verifica-se igualmente uma preocupação acrescida, por parte da direcção, relativamente ao bem-estar dos técnicos, devido à intensa disponibilidade e envolvimento física e

emocional com os residentes. São promovidas ações de formação e/ou encontros mensais planejados com temas do interesse/necessidade dos colaboradores, de modo a combater o stress acumulado e a diminuir os riscos de aparecimento da síndrome de *burnout* nos seus profissionais.

A preocupação de integrar e acompanhar os residentes na dinâmica da comunidade circundante constitui um objetivo a ter em conta desde o momento de acolhimento das crianças e jovens, até ao momento de serem desinstitucionalizados, seja por decisão do tribunal, seja por terem atingido a idade limite para residir na valência.

O Lar caracteriza-se, assim, como uma instituição com regras e valores para respostas diárias ao nível educativo, psicossocial e sociocultural, numa ação continuada que privilegia a construção e implementação de projetos promotores de desenvolvimento dentro da instituição, em articulação com as famílias, com os parceiros educativos e com diferentes entidades e serviços disponíveis na comunidade.

II.4.4 Os participantes e o Lar

O Lar acolhe cerca de quarenta crianças e jovens com idades compreendidas entre os quatro e os dezoito anos de idade. A presença das crianças e jovens no Lar resulta de diversas tipologias de perigo, associadas, na maioria dos casos, a fatores de risco ambiental.

Relativamente à frequência escolar, crianças e jovens frequentam diferentes escolas do concelho a que pertence o Lar, desde a valência do pré-escolar até ao secundário. Ainda assim, alguns jovens frequentam cursos de educação e formação no terceiro ciclo, escolas de ensino especial e cursos de formação profissional de nível III.

A integração das crianças e jovens nos diferentes equipamentos carece, na maioria dos casos, de uma atenção especial por parte da equipa docente que os acolhe, tendo em conta as especificidades das diferentes histórias de vida, sendo necessário, para alguns residentes, a implementação de currículos alternativos que tentam assegurar uma continuidade escolar, uma vez que muitas das negligências sofridas interferem de forma determinante no sucesso académico destas crianças e jovens.

II.4.5 Os participantes e o Trabalho de Projeto

A presença dos participantes nos ateliês no momento de apresentação do trabalho de projecto foi marcada por um sentimento de relutância. Desafiar a motivação dos jovens significou, de alguma forma, uma provocação no sentido de alcançar um compromisso que exigiu a reorganização da rotina dos participantes durante o fim de semana.

Os rostos acenaram “um sim”, a reverter, em simultâneo, para a investigadora, a responsabilidade de um olhar perspicaz sobre o grupo de participantes e a necessidade de proporcionar um conjunto de ateliês capaz de desafiar a imaginação, a criatividade, e de despertar a magia individual de cada participante.

O desafio tornou-se bidirecional. Era urgente repensar as estratégias para dar resposta à “sede de fazer”, de descobrir, de experimentar por parte dos participantes (tal como foi referido no ponto II.1 e na planificação dos ateliês).

A presença dos participantes traçou uma caminhada em espiral, com algumas contrariedades a serem ultrapassadas através da promoção de um ambiente sereno, organizado, com o objetivo de possibilitar a expressão do indizível no silêncio de tantas vidas, de tantos pensamentos não partilhados. As potencialidades foram exploradas pelas próprias crianças e jovens que criaram com liberdade, abrindo um caminho entre o “pensamento negativo” a condicionar a espontaneidade e a exteriorização de expressão artística dos seus traços individuais.

II.4.6 Estratégias utilizadas na organização dos ateliês

Para a implementação do projeto foi necessária a planificação de estratégias ajustadas às características do grupo, sem perder de vista os objetivos a atingir.

A primeira fase de ateliês, *Ateliês de Sustentação*, foi construída num ambiente democrático, onde participantes e investigadora decidiram conjuntamente sobre materiais a utilizar, ateliê após ateliê. As estratégias para o lançamento das atividades tinham como princípio a utilização de uma linguagem simples, uma vez que os participantes demonstraram particular apreço por abordagens com pouca informação.

O desejo dos participantes era o de poder fazer. Os olhos desviavam a atenção centrada na investigadora para poderem absorver as cores, a variedade dos diferentes materiais,

enquanto, declaradamente, a fantasia de poder construir e de poder experimentar ganhava expressão.

“O ar cheirava a criatividade”. A sensibilidade da investigadora captava com todos os seus sentidos as emoções de cada participante. A expressão com liberdade e criatividade ganhava um “espaço” significativo nos ateliês.

II.4.7 Registos fotográficos

Em paralelo aos registos descritivos dos ateliês, foram estrategicamente efetuados registos fotográficos como processo de recolha de informação, de captação de momentos significativos, com a particularidade de se transformarem num excelente recurso para a investigadora descrever e avaliar os momentos e impressões partilhados com os participantes. Funcionavam como uma espécie de devolução à consciência do investigador, clarificando e colocando o sentido da visão ao serviço da investigação.

Os registos fotográficos tiveram, ainda, a particularidade de “refinar a retina” da investigadora no momento de poder observar novamente pequenas subtilezas de momentos significativos experienciados nos ateliês. Foi muito interessante sentir a necessidade de abrir o ficheiro de fotografias sempre que a investigadora regressava ao seu “*Ateliê de Registos*”. Cada imagem permite uma renovada observação do ambiente dos ateliês, do manuseamento dos materiais, e até das expressões e posturas corporais de todos os intervenientes no Trabalho de Projeto, investigadora incluída.

A observação participante possibilita ao investigador a presença no contexto que pretende observar. Estrela (1994) sugere que “Só a observação permite caracterizar a situação educativa à qual o professor terá de fazer face a cada momento.” (p. 128), ajustando continuamente as estratégias entre dificuldades e desafios sentidos no “terreno.”

Para a realização dos registos fotográficos a investigadora contou com a colaboração de três assistentes em ação de voluntariado, por não dispor do equipamento adequado.

II.4.8 Histórias

Durante a primeira fase de ateliês, designados por *Ateliês de Sustentação*, foram utilizados diferentes recursos materiais com o objetivo de funcionarem como “quebra gelo”, assim como para alargar o conhecimento dos jovens na área da expressão e comunicação, com especial destaque para a literatura infantojuvenil.

Para iniciar as manhãs dos ateliês com o grupo de participantes “mais jovens” (Grupo B) a investigadora recorreu à *hora do conto*, através da leitura em voz alta de uma história, normalmente precedida de um jogo de exploração. O grupo “mais velho” (Grupo A) não permitiu a leitura de histórias, oferecendo resultados significativos durante os diferentes momentos de observação, que serão tratados mais adiante, na análise e discussão dos resultados.

II.4.9 A seleção musical

Durante a observação realizada nos primeiros ateliês, a investigadora percebeu que a tensão dos participantes diminuía quando partilhavam a música que habitualmente ouviam. Sendo que não havia qualquer condicionalismo estabelecido em fase de construção do programa, a flexibilidade relativamente à pertinência dos ajustes foi uma vez mais assumida pela investigadora e contratado entre todos os presentes. Assumiu-se que, durante a primeira fase de ateliês, a seleção musical seria feita pelos participantes, e que na segunda fase, durante a implementação do programa inicialmente estabelecido, a “banda sonora” seria escolhida pela investigadora.

Enquanto a música soava, a criatividade e a expressão artística “bambolearam” sobre os diferentes materiais, ao som de música africana criada por diferentes *Dj’s*. Os corpos trabalharam e dançaram em simultâneo. O *hip-hop* foi partilhado em alguns momentos de descontração pela investigadora, pelos participantes, assistentes e convidados.

Cada ateliê foi caracterizado por uma “banda sonora” selecionada pelos diferentes participantes, possibilitando, desta forma, uma partilha intercultural muito interessante. Essa partilha trouxe à evidência a inexperiência da investigadora na área da dança, o que, para os participantes, se traduziu numa descoberta a fazer crescer o seu ego... Afinal também tinham algo para ensinar à investigadora.

Na segunda fase de ateliês, ou seja, no decurso dos ateliês programados para o Trabalho de Projeto, a seleção musical foi da responsabilidade da investigadora. Aproveitando-se tal ensejo, foram estrategicamente escolhidos géneros musicais diferentes dos que haviam sido seleccionados anteriormente pelos participantes, pretendendo-se com isto proporcionar um ambiente rico em diferentes estímulos musicais.

Nos ateliês de Joan Miró, os participantes não sentiram necessidade de ouvir música, pelo que a investigadora desligou o sistema de som. Este estado de espírito desenhou impressões e expressões estranhas que serão abordadas adiante, na análise e discussão dos resultados.

Os ateliês Ana Pimentel foram brindados com a música de Ryuichi Sakamoto. Esta sugestão foi apurada através do vídeo partilhado com os participantes durante a apresentação em *powerpoint*®. A proposta musical foi aceite com tranquilidade pelos participantes, conferindo ao ambiente calma e harmonia, traduzidas pela motivação e inspiração verbalizadas e pelas impressões “tatuadas” nas telas pelos jovens.

Chill out marcou presença nos ateliês *Tela Livre* com o objetivo de serenar e de estimular o processo de escolha através do relaxamento de cada participante. Esta é uma estratégia consciente e repetida pela investigadora ao longo dos anos da sua prática pedagógica pessoal, desenvolvida quer junto de crianças, quer em momentos de formação de adultos.

II.4.10 Ferramentas multimédia

A utilização de apresentações em *powerpoint*® foi um recurso que facilitou a aproximação dos participantes à vida e obra dos artistas plásticos explorados: Joan Miró e Ana Pimentel.

Para a sua elaboração foram tidos em conta, como atrás se aflorou, alguns requisitos prévios, tais como uma linguagem simples através de um discurso direto, frases curtas expressando conteúdos essenciais, imagens com conteúdos significativos para ilustrar e complementar a teoria, vídeos com informação concentrada mas de curta duração.

Para a apresentação multimédia foi escolhido estrategicamente outro espaço. A sala de reuniões do Lar de Crianças e Jovens apresentava as características ideais para o lançamento das atividades. Trata-se de um espaço reservado, com televisão, onde

podemos dispor as cadeiras em jeito de anfiteatro, oferecendo as condições necessárias para que os sentidos dos participantes não se dispersassem.

A investigadora utilizou o método expositivo, oferecendo espaço e tempo para as inferências dos participantes. Durante a apresentação a investigadora utilizou uma linguagem simples mas cuidada, com recurso a algumas expressões técnicas, traduzidas de imediato em palavras simples, de modo a não criar quaisquer constrangimentos aos participantes por desconhecerem os seus significados.

A investigadora denomina o exercício de tradução de conceitos como sendo uma prática de saber “desmontar palavras”. Esta é uma estratégia que a investigadora utiliza na sua prática pedagógica, por acreditar que o ouvir termos/expressões num discurso com recurso a uma linguagem cuidada, contribui para o enriquecimento do vocabulário dos aprendentes. Se, num primeiro dia, determinada expressão é estranha e desconhecida, no “dia seguinte” será identificada ou aplicada sem dificuldade e com propriedade.

Esta estratégia insere-se na teoria preconizada por Vygotsky (citado por Smith, Cowie e Blades, 2001) afirmando que: “A zona de desenvolvimento proximal ou ZDP é um conceito fundamental de Vygotsky, fornecendo uma explicação para o modo como a criança aprende com a ajuda dos outros. (...) Para Vygotsky, a criança é iniciada na vida intelectual da comunidade e aprende construindo conjuntamente o seu entendimento de questões e acontecimentos do mundo” (p.489).

II.4.11 Recolha e organização dos recursos materiais

A recolha dos materiais teve lugar entre setembro e dezembro de dois mil e doze, e foi suportada pela investigadora e pela Santa Casa da Misericórdia.

Para o *ateliê Joan Miró*, revelou-se necessário garantir a aquisição de telas com tamanho trinta por quarenta centímetros, tintas e pincéis. Para o *ateliê Ana Pimentel* foram adquiridas telas de quarenta por sessenta centímetros, de modo a possibilitar a utilização de vários materiais, à semelhança dos utilizados pela artista plástica nos seus trabalhos: acrílicos, flores artificiais, fitas e gorgorões, entre outras escolhas enunciadas no registo dos ateliês.

A aquisição das telas passou por um processo de angariação de fundos junto da família alargada da investigadora, contando igualmente com a participação da Santa Casa da

Misericórdia. Foi um processo moroso, visto que o montante era significativo. Com a participação de amigos em voluntariado, foi conseguido o contacto de uma empresa que facultou a compra das telas com cinquenta por cento de desconto. Com as telas adquiridas, ficaram reunidas todas as condições para o programa ser implementado.

II.4.12 Artesãs de rosetas em lã e algodão

Nas suas obras, *Ana Pimentel* destaca o gosto pela utilização de materiais de referência da cultura tradicional portuguesa, como são exemplo os bordados e as rendas, os azulejos, entre outros. Foi com base nesta particularidade que três artesãs “agulharam” rosetas feitas de lã e algodão, para que os jovens participantes pudessem olhar, tocar e utilizar com criatividade um material feito artesanalmente. Embora não intencional no trabalho, articulou gerações diferentes que produziram «arte».

II.4.13 Questionários

Os questionários foram construídos com o objetivo da investigadora poder aferir junto dos diferentes destinatários a pertinência da implementação do programa junto das crianças e dos jovens do Lar.

A grelha de perguntas dos questionários foi construída obedecendo a três critérios distintos:

1. O questionário aplicado ao Provedor e à Diretora Coordenadora Técnica da Santa Casa da Misericórdia foi elaborado numa perspectiva denominada pela investigadora por *vertical*, pois os respondentes não tiveram qualquer participação direta na implementação do programa. Ainda assim, é importante destacar que foram sempre extraordinários no acolhimento e na resposta expedita a todas as questões de natureza burocrática³.
2. Para a Diretora do Lar de Crianças e Jovens, foi elaborado um questionário numa perspectiva denominada pela investigadora de *horizontal*, por ter tido um

³ Vd. Anexo III.

papel presencial e ativo em alguns momentos⁴. Todas as particularidades do programa foram aferidas diretamente com a Diretora.

3. Os questionários elaborados para os Assistentes e Voluntária, devido à particularidade de terem tido uma presença ativa no programa e na dinâmica dos ateliês, obedeceram a uma perspectiva denominada pela investigadora por *transversal*. Por esta razão foi-lhes adicionada uma questão relativamente ao contributo das experiências vividas no projecto⁵.

A presença da Voluntária foi sugerida pela Diretora do Lar, por se tratar de uma pessoa conhecedora das características de cada elemento do grupo.

A presença dos Assistentes nos ateliês aconteceu a convite da investigadora, devido à necessidade de obtenção de registos fotográficos. É importante referir que os assistentes foram em número de três pois foi necessário conjugar as suas diferentes disponibilidades pessoais de modo a efectuar uma cobertura exaustiva de todas as actividades.

II.5 Análise e Discussão dos Resultados

II.5.1 - Recordando a pergunta de partida

Os resultados observados durante e no final do Trabalho de Projeto remetem a investigadora para uma reflexão relacionada com a construção da pergunta de partida.

Será a *Educação pela Arte* uma matriz integradora que nos permite uma maior compreensão da habilidade das crianças e jovens para olhar, pensar, sentir e transformar os “objetos” à sua volta?

Ao longo da implementação do programa junto do grupo de participantes, a investigadora foi atestando a pertinência do tema e do programa, avaliando constantemente a pergunta de partida nas diferentes componentes. Desta forma, seguindo a linha orientadora de análise utilizada, afigura-se pertinente proceder a um desdobramento da pergunta de partida, retirando deste processo os momentos mais

⁴ Vd. Anexo III.

⁵ Vd. Anexo III.

significativos observados ao longo dos cinco meses de trabalho junto das crianças e jovens do Lar.

A revisão da literatura permitiu aferir a potencialidade da *Educação pela Arte* na integração de crianças e jovens em novos desafios a estimular o contacto com diferentes técnicas, através de uma gestão individual da utilização e desgaste de diferentes materiais, assim como da utilização do espaço envolvente. Recordamos em especial um momento interessante passado durante o *Ateliê Agarra as Cores de Miró*:

Enquanto um jovem dirigia o seu pincel sobre a tela para expressar a sua criatividade, alguns traços de tinta iam acontecendo fora da tela, em cima da mesa. Um adulto que se encontrava na sala abordou a criança e entregou-lhe um pano para ir limpando. A investigadora abordou respeitosamente o adulto dizendo-lhe que, independentemente do tempo de duração do ateliê, assumia a limpeza do espaço e dos materiais, porque o objetivo primeiro era que as crianças e os jovens disfrutassem em pleno a atividade. A investigadora pediu licença ao adulto, dirigiu-se para junto da criança, retirou-lhe o pano da mão e pediu-lhe para se divertir, para pintar sem a preocupação de estar a sujar a mesa.

A exploração de materiais, sem condicionantes a limitar a ação vivencial e libertadora de expressão, foi uma necessidade observada no grupo, pelo que as estratégias durante a implementação do programa foram efectivamente facilitadoras, tornando-se perceptível ao longo dos ateliês a postura descontraída dos participantes. O estímulo para a descontração dos participantes contribuiu para:

- uma ativação da liberdade de expressão;
- uma descontração na mobilidade dos participantes no Ateliê;
- uma expressão liberta de preconceitos;
- a construção de momentos significativos através do ludismo;
- a construção do sentimento do autodidatismo a possibilitar a surpresa e, consequentemente, o encantamento pelo resultado das produções finais. *A arte é uma coisa que criamos lá dentro de nós... é um inventado e fazemos arte.* O registo pessoal de um participante é revelador desse espanto ao observar o seu *inventado*.

Encontrar na *Educação pela Arte* uma possibilidade para a mediação e estruturação do emocional do indivíduo, permite analisar as respostas dos participantes, retirando delas o resultado de uma ação terapêutica através das expressões integradas.

- *Quando eu estou triste desenho, desabafo com os desenhos. Quando desenho sai tudo.*

- *Estou diferente nos meus sentimentos, libertei mais os meus sentimentos.*

Os testemunhos conferem validade à pergunta de partida, no sentido de se entender a *Educação pela Arte* como libertadora de muitas desconstruções das crianças e jovens institucionalizados. Através de uma linguagem não verbal os participantes conseguiram materializar as suas emoções e, conseqüentemente, olhar para elas numa perspectiva de observar para avaliar – *Nunca pensei construir nada assim desde pequena.* Como referiu ainda outro participante, *a arte é um despertador de talentos.*

A “arte como despertador de talentos” edificou uma progressão construtiva em cada participante ao longo do programa, conduzindo crianças e jovens até uma linguagem criativa - sem perceberem que utilizavam uma linguagem poética para caracterizar as suas produções -, a um ambiente partilhado, à impressão dos seus sentidos, a resultar numa paleta variada de “adjetivos expressivos”.

A construção de três perguntas simples transformou o inacessível em acessível, conferindo validade à pergunta de partida no sentido da ***Educação pela Arte permitir uma maior compreensão da habilidade das crianças e jovens para olhar, pensar, sentir e transformar os “objetos” à sua volta*** - *Sentes as ideias no corpo, só um bocadinho. O corpo diz o que se pode pintar. O corpo disse: tu pinta. Gosto de pintar com as mãos e com o pincel porque é giro.* Testemunho de uma criança.

Através de um ambiente promotor de expressões, sentiu-se arte, sentiu-se artista.

Investigadora: “És artista?”

Participante: “Sim, porque eu estou a pintar.”

O aflorar de uma versatilidade e de uma criatividade, que os participantes desconheciam em si próprios, permite validar a pergunta de partida relativamente à transformação dos objectos. *Pensei primeiro, depois fiz para ser mais rápido. A colher e o garfo é só para espalhar mais a tinta, para espalhar os brilhantes.*

II.5.2 Ateliês de Sustentação

Os *Ateliês de Sustentação* permitiram a integração das crianças e dos jovens numa dinâmica de construção criativa, através da reutilização de materiais a ganhar cor e forma.

Interessa para a análise dos resultados destacar a reação dos participantes relativamente à especificidade de alguns materiais. Neste sentido foi interessante observar a diferença do comportamento durante a construção com caixas de cereais, pregos, linhas, lãs, comparativamente à utilização das caixas de tabaco.

A investigadora observou que as crianças e os jovens, ao utilizarem caixas de cartão, transmitiram sentimentos de tranquilidade, de à-vontade durante a construção, em altura ou no plano horizontal, enquanto que durante a utilização das caixas de tabaco, o campo de visão convergia, o ponto de chegada do olhar tinha um espaço reduzido para atuar. A exigência da concentração óculo manual foi promotora de ansiedades, de frustrações a necessitar de reforço positivo.

II.5.3 Entre Miró, Ana Pimentel e Tela Livre

- **Joan Miró**

- Joan Miró nasceu em Barcelona a 20 de abril de 1893 e faleceu dia 25 de dezembro de 1983.

- Em criança gostava muito de desenhar, de colecionar plantas e pedras.

- A sua visão de artista estava direcionada para:

- O firmamento, os pássaros e as mulheres
- Gostava de pintar imagens do subconsciente

- Miró é um dos artistas mais originais do século XX

A lista tece algumas particularidades sobre a vida e obra de Joan Miró exploradas junto dos grupos de participantes a funcionar como estratégia para o *Ateliê Agarra as Cores de Miró*.

A análise dos resultados obtidos no ateliê conduz a uma resposta obtida através dos registos (com base nas entrevistas realizadas no final de cada ateliê e na linguagem não verbal impressa nas produções) facultados pelos participantes. Joan Miró continua a cativar os jovens através da sua utilização da cor, pela forma e pelo traço, pelo gosto temático sobre o *firmamento* (o tema foi apresentado através da imagem de uma tela da série *Constelações*, composta por vinte e três obras) a servir de inspiração para pintar estrelas e olhos nas suas telas. Os participantes apresentaram preferência por reproduzir estrelas e olhos com as cores de Joan Miró.

A relação dos participantes com a tela, com a pintura inspirada em Joan Miró, pautou-se entre o silêncio e a verbalização de pequenas partilhas entre as crianças e jovens. A investigadora, enquanto observava a produção dos participantes, questionou-se sobre a possibilidade da pintura em tela reproduzir efeitos no artista, distintos dos suscitados pelas atividades realizadas nos *Ateliês de Sustentação*. Estes suscitaram conversa, muita música, troca e emissão de juízos de valor ou juízos estéticos entre pares, conferindo ao ateliê uma salutar agitação.

Em análise, conferimos a palavra surpresa no momento de avaliar. Os participantes gostaram muito do desafio. A avaliação realizada com os participantes permite respostas com cor, com forma, com “garra” de gostar. O resultado foi muito positivo.

Investigadora: O que dizem os teus sentidos sobre o ambiente partilhado no ateliê Joan Miró?

Participante: “Que gostei de todos os ateliês. Gostei muito de Miró. Ele senta e pensa o que vai fazer. Ele ouve a música e vai pensando no que quer e vai fazendo. A minha tela tem muitos artistas! Eu, as estrelas, Miró e a minha mão!”

Os participantes que *agarraram as cores de Joan Miró* mostraram fascínio pelos olhos que o artista pintou nas telas desde o momento da apresentação em *powerpoint®*. Na apresentação dos *slides* ao Grupo B foram muitos os participantes (sobretudo os do género masculino) que destacaram a existência dos olhos nas telas daquele artista. Recordamos em especial a reação de um participante que se levantou da cadeira para

indicar com o seu dedo, junto à imagem projetada no ecrã, os olhos pintados na tela. Foi uma atitude inesperada, um momento interessante de partilha, preferimos não questionar os participantes sobre o fascínio pelos “olhos de Miró”.

Terão os olhos alguma simbologia no seu traço, na sua expressão, que constitua uma ligação aos afetos, no sentido de afagar, de cuidar? Ou será que representam o sentido da supervisão dos participantes sobre tudo o que os envolve? Sabemos, após cinco meses de partilha e como reiteradamente referido, que a linguagem não verbal é companheira desta caminhada. Por essa razão preferimos ficar com o registo da nossa retina sem indagar muito sobre o assunto.

Existem particularidades interessantes na observação, mas consideramos que há momentos, sensações, que pertencem apenas aos participantes, a um determinado momento... especial.

- **Ana Pimentel**

A abordagem sobre alguns traços da vida e obra de Ana Pimentel despertaram curiosidade em vários participantes, com especial destaque para a questão - *Ana Pimentel já morreu?* Esta pergunta surgiu porque, durante a apresentação dos *slides* de Joan Miró, a investigadora explicou aos participantes que uma das características da produção artística é fazer com que os seus autores prevaleçam, de algum modo, para além da sua própria morte. Ana Pimentel não morreu.

- Ana Pimentel nasceu em Ermesinde em 1965 e vive no Porto.
- Na sua obra recorre à cor, a espaços, a cheiros, a memórias, a sons...
- Utiliza uma linguagem particular através de formas geométricas para reproduzir a sua própria linguagem.
- Recorre à cultura tradicional portuguesa, com destaque para os bordados, as rendas, a azulejaria, utilizando diferentes texturas e padrões.
- A sua obra exprime Tempo, Amor, Paixão e Vida.
- Gosta de “descontextualizar” materiais do quotidiano, conferindo-lhes formas muito pessoais.

Para a artista Ana Pimentel, destacamos o espanto no olhar dos participantes perante a diversidade de materiais disponíveis para os ateliês. Foi muito interessante observar o momento da escolha de materiais. A investigadora disponibilizou uma série de pequenos cestos para os participantes fazerem a recolha livre dos materiais. Para este momento a retina registou uma escolha intensa de materiais. Durante a observação colocou-se uma dúvida: iriam os participantes utilizar todos os materiais escolhidos? Alguns participantes sim, outros, no entanto, verbalizavam que *era para não ficarem sem materiais*. A investigadora foi sensível a esta particularidade. Provavelmente a causa residia na experiência de uma “vida prática a perder”, a defender o “eu”.

Os ateliês de Ana Pimentel *sente a tua arte* aconteceram com fluidez, com criatividade e boa disposição, ao som de Ryuichi Sakamoto. Ainda que o mote de inspiração fosse constituído por aspectos da vida e obra de Ana Pimentel, alguns participantes continuaram a pintar as *cores de Miró*. Esta foi uma particularidade observada com muito regozijo por parte da investigadora, pois é reveladora de uma capacidade de produção criativa que não se vincula a baías de sugestão mas, pelo contrário, é susceptível de materializar outros critérios de afinidade numa tela de 40x60 cm.

Os participantes gostaram em especial das rosetas feitas de lã, das flores artificiais, das fitas e dos gorgorões, de utilizar purpurinas e cola quente.

- **Tela Livre**

Tela Livre colocou aos participantes um desafio na verdadeira acessão da palavra. Pretendia-se que os participantes expressassem a sua escolha interior, entre o seguirem os “traços” de Joan Miró, Ana Pimentel, ou de pintarem uma tela em branco com a vontade centrada no seu imaginário, na especificidade do seu ser expressivo e criativo.

A avaliação realizada junto dos participantes, em parceria com a observação dos resultados das produções, parece permitir concluir que cada participante sentiu a flexibilidade que a investigadora conferiu ao ateliê.

Um artista pinta, inventa as suas coisas. Eu sou mais ou menos um artista.

A individualidade expressiva dos participantes ganhou uma maior espontaneidade ao longo dos três ateliês, explorando as telas de forma livre.

A descoberta de resultados surpreendentes para os participantes elevou a sua autoestima, a possibilidade de se encontrarem como o seu “eu expressivo” nas produções.

- *Tenho mais criatividade, tenho mais gosto em fazer as coisas.*

- *Puxou pela minha criatividade, pela minha imaginação.*

- *Agora tenho mais vontade de fazer.*

- *É importante trabalhar arte. Assim podemos dizer o que sabemos e podemos fazer.*

II.5.4 O programa e a comunidade

A análise da evolução progressiva do projeto elevou o nível da resposta à pergunta de partida. O facto de o programa ter ganho a possibilidade de ser aplicado junto da comunidade, na Biblioteca Municipal, permitiu inesperadamente à investigadora poder aplicar o programa junto de outras crianças, com a particularidade de estarem acompanhadas na maioria pelos seus progenitores.

A adesão ao programa por parte das crianças que participaram nos ateliês *Agarra as cores de Miró* e *Sente a Tua Arte* foi excelente. As crianças aderiram à estratégia utilizada pela investigadora com recurso aos *powerpoints*® muito positivamente. A postura das crianças foi de descontração, com disponibilidade para ouvir e participar, assim como a da família que as acompanhava.

Relativamente à passagem pelas diferentes fases dos ateliês, estas aconteceram fluidamente, com orientação e animação⁶.

Ao longo da realização dos ateliês a investigadora manteve a “postura padrão” utilizada junto das crianças e jovens do Lar. A postura da investigadora não constitui uma novidade para ela junto de uma criança (ou adulto) quando explora uma determinada atividade ou material. Em análise, a formação pessoal e social de um educador, professor, investigador, deve ter como características: saber estar; saber observar; saber intervir.

⁶ Cf. Oficina *Agarra as Cores de Miró*:

<http://www.flickr.com/photos/bibliotecasalmada/sets/72157633518267702/>

Oficina *Sente a Tua Arte*: <http://www.flickr.com/photos/bibliotecasalmada/sets/72157633757189645/>

Outro desenvolvimento inesperado do Trabalho de Projeto foi o convite para a participação da investigadora no *IX Encontro de Educação: Cidadania e Criatividade*, realizado pela Escola Superior de Educação Jean Piaget, de Almada, entre os dias onze e treze de julho de dois mil e treze.

O desafio para apresentar o Trabalho de Projeto então em curso, mereceu da investigadora as devidas reservas académicas, por se tratar de um trabalho ainda em curso. Ainda assim, foi apresentada uma comunicação intitulada *Intensões, Impressões e Expressões*⁷.

II.5.4.1 Adulto- Um Interruptor da criatividade?

Durante o ateliê *Agarra as cores de Miró* uma das dinamizadoras da Biblioteca reparou que uma criança queria pintar com um pedaço de “madeira de travamento” da tela e não permitiu e disse à criança que “havia pincéis para pintar”. Explorar materiais com criatividade é o desejo de muitas crianças, seja pela versatilidade que eles apresentam ou nos sugerem, pela experimentação, pela possibilidade idealizada, ou ainda pelo efeito que possibilitam junto de outros materiais. Pintar numa tela com pincel ou com um pedaço de madeira confere ao traço, ao borrão de tinta uma configuração, uma imagem e relevo diferentes. Quando observamos uma criança a utilizar, a explorar materiais fora dos objetivos com que foram concebidos, devemos imediatamente ativar o nosso pensamento divergente e, em silêncio, tentar acompanhar a ação da criança.

A partilha de outro momento observado é uma mais valia para analisar posturas de adultos a condicionar a criatividade de uma criança. No ateliê *Sente a Tua Arte*, à semelhança do ateliê desenvolvido junto das crianças e jovens do Lar, os materiais estavam organizados e disponíveis para que as crianças os escolhessem livremente. Depois da selecção de materiais, uma criança sentou-se com o seu progenitor para criar a sua produção na tela. Entre outros materiais, a criança tinha uma flor artificial que queria colar no canto superior esquerdo da tela, mas a intervenção, a vontade do pai sobrepôs-se à sua criatividade. O pai da criança disse-lhe que *não podia colar a flor naquele canto, daquele jeito, porque dessa forma estaria a sair fora dos limites da tela*. A criança contestou, desistiu da sua vontade, mas fê-lo com sabedoria e saber estar.

⁷ Vd. Anexo II – 4ª fase de registos.

Olha pai, tens razão. Não é boa ideia colar aqui a flor, acho boa ideia levar a flor para dar à avó. Não achas?

O pai da criança ficou completamente desarmado. A investigadora observou a postura da criança e pensou no quanto os adultos “interrompem” caminhos e no quanto são resilientes face a determinadas adversidades. Foi um momento interessante de análise, de reflexão para a investigadora em jeito de aprendizagem.

O *Nonsense* também marcou um momento que alertou a observação da investigadora. Aquando da exploração do *Surrealismo* e do *Dadaísmo* (influências impressa nas obras de Joan Miró) foi explicado, nos ateliês desenvolvidos no Lar de Crianças e Jovens e nos ateliês dinamizados na Biblioteca, que o artista plástico, assim como tantos outros artistas, tem gosto em especial por inverter o sentido da natureza, da vida ou dos materiais e objetos. Esse foi um ponto que despertou interesse e curiosidade nos dois grupos de participantes (Lar e Biblioteca).

A retina fez ainda o registo de outro comportamento a “brindar” o *nonsense*. No momento de cada criança fazer o registo fotográfico habitual, no final dos ateliês do setor infantojuvenil da Biblioteca, uma mãe disse para a filha *vira a tua tela, está ao contrário. Isso não é assim!* A criança “espreitou” a tela inclinando a cabeça para a frente e respondeu, *É sim!*

Poder inverter o real é aliciante para uma criança. É parte dela, é um facto observado na expressão plástica, na exploração às abordagens literárias (como é exemplo, Lewis Carroll- *Alice no país das maravilhas*), assim como na representação do jogo simbólico.

Quanto ao adulto ser um “interruptor” da criatividade, ainda existe um longo caminho a percorrer para a criança ser entendida como um ser com vontade, com espontaneidade e expressão. Este é um dos objetivos da nossa pergunta de partida - **compreender a habilidade das crianças e jovens para olhar, pensar, sentir e transformar os “objetos” à sua volta.**

É muito comum, numa abordagem à expressão plástica, os educadores confundirem regras com limites. É importante que se definam ambos antes de iniciar uma atividade, para que o participante perceba como pode criar, utilizar. A regra vai limitar ou permitir a ação criativa do sujeito. Por esta razão a investigadora desafiou em todos os

momentos os participantes a utilizarem os materiais livremente de acordo com a sua vontade e expressão criativa.

Salientamos, no entanto, que os participantes questionavam inúmeras vezes a investigadora sobre se podiam utilizar, adaptar, transformar, pelo que a resposta foi sempre no sentido de os fazer sentir que os materiais eram sua pertença, que fizessem a sua arte. Como respondeu no questionário a Diretora do Lar de Crianças e Jovens, *elas precisavam daqueles tempos*. Tempo para aceitar, para ouvir, para estar, para escolher para criar e para transformar.

II.5.5 Registos fotográficos

Os registos fotográficos foram realizados por três jovens com formação em Engenharia do Ambiente. Esta foi uma situação não contemplada na realização do programa do Trabalho de Projeto.

II.5.5.1 Os desafios desafiam-se

É interessante e pertinente analisar a origem das “riquezas” conquistadas no Trabalho de Projeto, com base na flexibilidade a contribuir para o bem-estar de um grupo com características muito especiais.

A investigadora inicialmente tinha como objetivo aplicar o programa junto de um grupo regular da valência pré-escolar na instituição onde desenvolve a sua prática pedagógica diária, o seu local de trabalho, portanto. Em agosto do ano dois mil e doze, a investigadora mudou o grupo-alvo do Trabalho de Projeto. Uma das assistentes fotográficas sugeriu a pertinência, a necessidade do projeto poder ser aplicado no Lar de Crianças e Jovens. As crianças e jovens do Lar estavam sem realizar atividade nos ateliês por falta de recursos humanos (a animadora habitual do ateliê encontrava-se doente).

A investigadora aceitou a proposta e desafiou logo de seguida a jovem assistente para acompanhar nos registos fotográficos das atividades, pelo que foi aceite a contraproposta.

No momento de analisar o resultado da determinação, da flexibilidade da investigadora nas diferentes etapas do Trabalho de Projeto, é fundamental referir que foi uma mais-valia para todos os intervenientes. O grupo de participantes aderiu positivamente à presença dos jovens assistentes, ficaram fascinados com as máquinas fotográficas, quiseram e tiveram oportunidade para as utilizar, para as explorar.

Poder participar na implementação do Trabalho de Projeto constituiu para os assistentes a oportunidade de contacto com crianças institucionalizadas. Foi uma experiência rica e significativa para todos os envolvidos.

II.5.5.2 O meu sentido... o sentido do “outro”

Os registos fotográficos são uma excelente ferramenta de recurso, de apoio à observação. É fundamental analisar a diferença da potencialidade dos registos fotográficos realizados pela investigadora e os efetuados pelos assistentes. A diferença é significativa.

A observação individual vai incidir sobre determinados aspetos que um sujeito considera como interessantes, como significativos para um determinado resultado. Poder ter a possibilidade de “outros sentidos” fazerem registos sobre um mesmo “objeto” contribui para um resultado de excelência, a cruzar sensibilidades e “pontos de vista” com formações académicas a despertar outras evidências e relevâncias. O campo de visão da observadora alarga significativamente, possibilitando a atenção da investigadora para outros factos, para outras situações e expressões.

O número de registos efetuados é um acervo com muita qualidade agregado ao Trabalho de Projeto, de muita utilidade no momento da investigadora realizar os registos dos ateliês, assim como para futuros trabalhos a desenvolver dentro da temática explorada ou de outras associadas à área da Educação.

II.5.6 Opinião dos envolvidos

A reflexão da investigadora nas diferentes fases e momentos do Trabalho de Projeto, assim como as impressões partilhadas pelos diferentes intervenientes promovem o registo de uma análise global muito positiva.

O Trabalho de Projeto foi acolhido com muita seriedade e responsabilidade por todos os intervenientes. Todos, sem exceção, foram um excelente contributo para que o trabalho acontecesse sem limitações, para que as experiências fossem traduzidas em momentos significativos, com especial dedicação às crianças e jovens do Lar.

No momento de analisar a opinião e o contributo de todos os intervenientes, recordamos uma colaboradora com quinze anos de serviço no Lar: *Trabalho aqui há quinze anos e nunca tinha visto o ateliê tão colorido, tão cheio de trabalhos espetaculares. Estão de parabéns! Eles não param de falar nas telas...estão mesmo espetaculares!* Em parceria a este relato, aconteceram outros elogios feitos pelas técnicas superiores que acompanham diariamente as crianças e jovens do Lar.

Os designados pela investigadora por "padrinhos das telas", foram uns parceiros excelentes, a contribuir com ajuda monetária e com interesse sempre em saber, em acompanhar o desenvolvimento das atividades.

Os registos realizados no preenchimento de alguns questionários por alguns intervenientes, são a opinião da maioria dos intervenientes. O Trabalho de Projeto foi considerado uma excelente experiência para as crianças e jovens do Lar, pelos diferentes contributos como são exemplo a diversidade de materiais, as técnicas utilizadas, as estratégias, o tema, a dedicação, a persistência, a divulgação, a sinergia, a oportunidade de ser um projeto com projeção na comunidade no sentido de valorizar cada criança, o grupo e todo o trabalho desenvolvido diariamente por todos os colaboradores daquele espaço de acolhimento.

Em jeito de partilha, terminamos a análise e discussão dos resultados com a partilha/opinião de alguns visitantes da exposição:

- *Muitos parabéns! É uma exposição fantástica cheia de cor, alegria e vida. Assim nasce o sentir e o crescer.*

- *...sonhar é bom, voar ainda é melhor, realizar é plenitude...*

- *A força que nós (humanos) temos nem sempre é utilizada da melhor forma nem para os melhores fins. Como tal é necessário pessoas que acreditem em nós e que nos lembrem que tudo é possível.*
- *Muitos parabéns pela exposição. Conseguiram superar as minhas expectativas!! Continuação deste grande trabalho.*
- *Estou muito sentido “entre sentidos”. Fez-me reaprender tudo aquilo que experienciei em menino, e dá vontade de continuar a aprender o que ainda tens para ensinar. Faz sentido...*
- *É bom poder participar nesta experiência inolvidável. Grupo fantástico de artistas, de voluntários, bando de provocadores de criatividade. O bater das asas destes belos gansos.*
- *...que os pontos na ...manta continuem fortes e os quadrados continuem a aparecer na ..história.*

III. Conclusões e Recomendações

Numa análise geral e conclusiva, o presente Trabalho de Projeto teve como objetivo encontrar uma resposta à indagação centrada na pergunta de partida. O percurso do trabalho foi desenvolvido através da observação participante, por ser considerada facilitadora da implementação e condução do programa para observar, executar, registar e avaliar sempre com a presença da investigadora em todas as etapas do programa.

Será a *Educação pela Arte* uma matriz integradora que nos permite uma maior compreensão da habilidade das crianças e jovens para olhar, pensar, sentir e transformar os “objetos” à sua volta?

A análise dos resultados permite encontrar respostas para a pergunta de partida no sentido de trocar o modo interrogativo para uma afirmação:

A Educação pela Arte é uma matriz integradora que nos permite uma maior compreensão da habilidade das crianças e jovens para olhar, pensar, sentir e transformar os “objetos” à sua volta.

- **Dimensão do Trabalho de Projeto**

Ao longo de toda a análise do trabalho a importância não esteve centrada na obtenção dos resultados, mas sim em toda a dinâmica, em toda a sinergia que envolveu a aplicação do programa, a exposição pública⁸ dos trabalhos realizados pelos participantes e a dinamização dos ateliês na Biblioteca Municipal.

O Trabalho de Projeto, para além das atividades desenvolvidas, atingiu uma dimensão que possibilitou a visibilidade do trabalho das crianças e dos jovens numa exposição, assim como a sua aplicação junto de crianças da comunidade, conquistando, do nosso ponto de vista, características relevantes de um projeto a educar para a cidadania.

O trabalho desenvolvido parece provar que tem aplicabilidade junto da sociedade civil, na área das Ciências da Educação, passível de ser integrado na agenda cultural da rede de bibliotecas, a constituir uma novidade para as atividades do setor infantil.

O estudo possibilitou observar a confluência de diferentes dimensões nos participantes. A *Educação pela Arte* integra, mobiliza, reúne pessoas, provoca sinergias, cria teias sociais, move hierarquias, estimula a partilha intercultural numa dinâmica de descobertas a possibilitar o autoconhecimento, a construção da autoestima, a valorização pessoal e interpessoal do sujeito.

Relativamente às sinergias, o projeto parece ter igualmente provado que é, que foi possível “mover gentes” para o articular e o divulgar, assim como para obter os recursos económicos para reunir todos os materiais essenciais à implementação do programa (partindo do pressuposto que é um projeto financeiramente dispendioso).

- **Novidade**

O presente estudo não constitui uma novidade na área da Educação. A revisão da literatura permitiu um olhar sobre vários trabalhos de pesquisa/investigação centrados

⁸ Exposição *Entre Sentidos*, patente ao público na Sala Pablo Neruda, da Biblioteca Municipal de Almada – Fórum Romeu Coreia, entre os dias 4 e 18 de Maio de 2013. *Vd. Anexo II – 3ª fase de registos.*

Cf. Exposição Entre Sentidos:

<http://www.flickr.com/photos/bibliotecasalmada/sets/72157633485127979/>

Inauguração e palestra:

<http://www.flickr.com/photos/bibliotecasalmada/sets/72157633501581614/>

na temática *Educação pela Arte*. Ainda assim, no que se refere às estratégias para chegar a um determinado resultado, não foi encontrado um trabalho com a construção de um plano, ou de um programa de perfil igual ou semelhante ao implementado.

Relativamente aos artistas aflorados nas apresentações em *powerpoint*®, a revisão da literatura indica uma variedade de trabalhos realizados com base na vida e obra de Joan Miró. As crianças sentem particular atração por determinadas características das obras do artista. Esta constatação pode ser detetável na revisão da literatura e na experiência vivencial dos participantes na presente exposição.

Relativamente a Ana Pimentel, foi selecionada por não ser ainda uma artista muito divulgada. Esta foi uma das características que interessou à investigadora, para que os jovens tivessem dois exemplos diferentes de arte, de materiais, de artistas plásticos. Ainda que existisse a possibilidade de conhecerem Joan Miró, seria pouco provável que conhecessem Ana Pimentel, sendo que nenhum elemento do grupo conhecia qualquer dos artistas.

As pesquisas efetuadas com o nome, ou com a arte de Ana Pimentel, partilham datas de ateliês, de exposições, referências à sua vida e obra, mas não foi encontrado um estudo, um Trabalho de Projeto junto de crianças residentes num Lar de acolhimento.

• Limitações

Relativamente à aplicação dos questionários, a investigadora não conseguiu obter resposta de todos os intervenientes significativos para o Trabalho de Projeto. Desta forma, para oito questionários aplicados foram conseguidas seis respostas.

Dois meses após o final de todas as actividades, programadas e não programadas, a investigadora tentou, já com este distanciamento temporal, obter alguns registos que lhe permitissem proceder a nova avaliação do trabalho efectuado. Os participantes prestaram declarações muito positivas embora de carácter bastante genérico, não se prestando a uma análise mais detalhada⁹.

⁹ *Vd.* Anexo II – 5ª fase de registos.

- **Recomendações**

Tendo em conta os resultados obtidos junto da comunidade, este é um trabalho possível de continuar a ser aplicado em Bibliotecas, Ludotecas, na Valência do Pré-escolar, assim como noutros ciclos de ensino ou valências da comunidade.

É ainda, do nosso ponto de vista, um projeto que pode servir de estrutura para o estudo comparativo entre dois ou mais artistas plásticos.

Em jeito de conclusão, deixamos a possibilidade das palavras do observador constituírem uma novidade a funcionar como “motor” e não como um “interruptor” da criatividade expressiva.

- Sensibilidade e perspicácia

- Permitir

- Centelha

- Espanto

- Somos um só

- Consolar

- Entre pontos e “nós”

- Puzzles

- Flor da pele

- Palma da mão

- Ecolália

- Sentidos cruzados

- Colo abraçado

- Crepitar de emoções

- Condão

- Encontros

- Histórias retalhadas

- Experiência genial
- Intenções, Impressões e Expressões
- Sentido de oportunidade
- Desejo muito que os sorrisos nunca envelheçam. Enquanto me lembrar destas saudades, vou sorrir sempre de felicidade.

- **Uma história *Entre Sentidos...***

Que a vida se faça com *sensibilidade* a *permitir* que a *centelha* seja reflexo do *espanto*. Projeto, significa que juntos *somos um só* a viajar entre *pontos e “nós”*, para encaixar muitos *puzzles* de vidas. A *Flor da pele* da *palma da mão* sente o grito da *ecolália* com todos os *sentidos cruzados*, num *colo* abraçado a *crepitar de emoções*, onde o *condão* marca *encontros* para contar *histórias retalhadas* de uma *experiência genial*, onde as *intenções*, as *impressões* e as *expressões*, ganham sentido de oportunidade com *o desejo que muitos sorrisos nunca envelheçam. Enquanto me lembrar destas saudades, vou sorrir sempre de felicidade!*

Palavras do observador: Bem-haja!

BIBLIOGRAFIA DE REFERÊNCIA

- ARÉNILLA, L., GOSSOT, B., ROLLAND, M. C., ROUSSEL, M. P. (2001). *Dicionário de Pedagogia*. Lisboa: Instituto Piaget.
- BAHÍA, S. (2004). Da Educação à Arte e à Criatividade. In *Sobredotação*, nº3 (2), pp. 121-126. (Disponível em <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/2730>, acedido em 27/05/2013).
- CAPUL, M. & LEMAY, M. (2003). *Da educação à intervenção social* (1º Vol.). Porto: Porto Editora.
- CASTELÃO, M. L. (2011). A Mediação Cultural e o Trabalho com Equipas Criativas. Lisboa: Universidade de Lisboa – Instituto de Educação. (Disponível em http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/5872/1/ulfpie039863_tm.pdf, acedido em 15/04/2012).
- CORREIA, S. C. (2011). O Papel das Equipas Criativas na Mediação Cultural. Lisboa: Instituto de Educação – Universidade de Lisboa. (Disponível em http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/6066/1/ulfpie039927_tm.pdf, acedido em 23/05/2013).
- CRAFT, A. *et al.* (2004). *Criatividade e Educação*. s.l.: Associação Educativa para o Desenvolvimento da Criatividade.
- EISNER, E. E. (2008). O que pode a educação aprender das artes sobre a prática da educação? *Currículo sem Fronteiras*. V.8, nº2, pp.5-17, Jul/Dez. (Disponível em <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol8iss2articles/eisner.pdf>, acedido em 17/09/2012).
- ESTRELA, A. (1994). *Teoria e Prática de Observação de Classes. Uma Estratégia de Formação de Professores*. Porto: Porto Editora.
- FERRAZ, M. (Org.) (2009). *Terapias Expressivas Integradas*. Venda do Pinheiro: Tuttirév Editorial.
- FERRAZ, M. (Coord.) (2011). *Educação Expressiva: Um Novo Paradigma Educativo*. Venda do Pinheiro: Tuttirév Editorial.
- FERRAZ, M. & DALMANN, E. (Coord.) (2012). *Metodologias Expressivas na Comunidade*. Venda do Pinheiro: Tuttirév Editorial.
- LIBÂNIO, A. M. S. (2003). “Filosofia Para Crianças e o Mundo Social”. (Memória Final da Licenciatura em Educação de Infância). Almada: Escola Superior de Educação Jean Piaget, de Almada.

- LOPONTE, L. G. (2008). Arte e metáforas contemporâneas para pensar infância e educação. In *Revista Brasileira de Educação*, v.13, n.37, Jan/Abr. (Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v13n37/10.pdf>, acessado em 04/03/2013).
- MARTINS, A. (Coord.) (2002). *Didáctica das Expressões*. Lisboa: Universidade Aberta.
- MARUJO, H. A., NETO, L. M., PERLOIRO, M. F. (2002). *Educar para o Optimismo*. Lisboa: Editorial Presença.
- MÈREDIEU, F. (2006). *O Desenho Infantil* (11ª edição). São Paulo: Cultrix.
- RAPOSO, M. E. S. (2004). *A Construção da Pessoa: Educação Artística e Competências Transversais*. Lisboa: Faculdade de Ciências e Tecnologia – Universidade Nova de Lisboa. (Disponível em <http://run.unl.pt/handle/10362/77>, acessado em 12/05/2013).
- READ, H. (2010). *Educação Pela Arte*. Lisboa: Edições 70.
- RODRIGUES, D. (2002). *A Infância da Arte, a Arte da Infância*. Porto: Edições Asa.
- SILVA, M. C. V. (2008). *Diversidade Cultural na Escola. Encontros e desencontros*. Lisboa: Edições Colibri.
- SILVA, M. C. & GONÇALVES, C. (2011). *Diversidade Linguística no Sistema Educativo Português: Necessidades e Práticas Pedagógicas nos Ensinos Básico e Secundário*. Lisboa: Presidência do Conselho de Ministros – Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, I.P..
- SMITH, P., COWIE, H., BLADES, M. (2001). *Compreender o Desenvolvimento da Criança*. Lisboa: Instituto Piaget.
- SOUSA, A. B. (2003a). *Educação Pela Arte e Artes na Educação. 1º Vol.: Bases Psicopedagógicas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- SOUSA, A. B. (2003b). *Educação Pela Arte e Artes na Educação. 3º Vol.: Música e Artes Plásticas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- SOUSA, F. C., MONTEIRO, I. P., MENDES, A. B. (s.d.). Criatividade, Educação Artística e Resolução Colaborativa de Problemas: Um estudo de caso. (Disponível em https://sapientia.ualg.pt/bitstream/10400.1/2610/1/Artigo_FBAULPorto.pdf, acessado em 16/05/2013).
- VASCONCELOS, T. (2009). *Prática Pedagógica Sustentada. Cruzamento de saberes e de competências*. Lisboa: Edições Colibri / Instituto Politécnico de Lisboa.
- VYGOTSKY, L. S. (2012). *Imaginação e Criatividade na Infância*. Lisboa: Dinalivro.

BIBLIOGRAFIA DE CONSULTA GERAL

- ALMEIDA, L. S. & FREIRE, T. (2008). *Metodologia da investigação em psicologia e educação*. Braga: Psiquilíbrios Edições.
- ALVEIRINHO, A. R., TOMÁS, H. M., ALVEIRINHO, M. D., ESTEVES, P. P. (s.d.). A Seda e a Criança do Pré-escolar. (Disponível em http://repositorio.ipcb.pt/bitstream/10400.11/1071/1/Comunica%C3%A7ao_Seda.pdf, acedido em 26/04/2012).
- ANTUNES, M. D. P. (2011). Factores de Risco e de Protecção Associados à Resiliência: Estudo comparativo entre adolescentes que vivem com a família e adolescentes acolhidos em lar de infância e juventude. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana – Universidade Técnica de Lisboa. (Disponível em https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/3670/1/Tese_MEE_Marta_Antunes.pdf, acedido em 27/04/2013).
- BAHÍA, S. & TRINDADE, J. P. (2010). Contributos da Psicologia para a Educação Visual. In *I Seminário Internacional “Contributos da Psicologia em Contextos Educativos”*. pp. 846-858. Braga: Universidade do Minho. (Disponível em http://www.academia.edu/441680/Contributos_da_Psicologia_para_a_Educacao_Visual, acedido em 30/03/2013).
- BARBOSA, I. S. (2008). *Crianças em Risco*. Porto: Universidade Portucalense. (Disponível em http://isabelbarbosa.no.sapo.pt/images/Int_Precoce.pdf, acedido em 07/04/2012).
- BERTRAND, Y. (2001). *Teorias Contemporâneas da Educação*. Lisboa: Instituto Piaget.
- BISSEUIL, R. & GUIBBAUD, C. (2001). *O elefante Zacarias*. s.l.: Livraria Civilização Editora.
- BRENIFIER, O. (2008). *O que são a beleza e a arte?*. s.l.: Dinalivro.
- CASTRO, H. R. (2012). *Teresa de Saldanha: A obra sócio-educativa*. Várzea da Rainha: Cáritas Portuguesa.
- COMISSÃO NACIONAL DA UNESCO (2006). *Roteiro para a Educação Artística – Desenvolver as capacidades criativas para o século XXI*. Lisboa: Comissão Nacional da UNESCO.
- COSTA, I. A. & BAGANHA, F. (1991). *Lutar para dar um sentido à vida – Os contos de fadas na educação de infância*. s.l.: Edições Asa.
- CUNHAL, A. (1996). *A arte, o artista e a sociedade*. Lisboa: Editorial Caminho.

- FERREIRA, M. (1991). *O fio da meada*. s.l.: Edições Asa.
- GAMA, R. C. (2013). Educação Expressiva: Uma nova forma de ensinar e de aprender. [apresentação em *powerpoint*.®]. s.l.: Centro de Ciências Sociais e Educação – Universidade do Estado do Pará. (Disponível em <http://prezi.com/119vftdqonld/copy-of-educacao-expressiva/>, acedido em 17/08/2013)
- GODINHO, J. C. & BRITO, M. J. N. (2010). *As artes no Jardim de Infância*. Lisboa: Ministério da Educação. Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.
- GOLEMAN, D. (2011). *Inteligência social*. s.l.: Temas e Debates & Círculo de Leitores.
- GOLEMAN, D. (2000). *Inteligência emocional*. Lisboa: Temas e Debates.
- GOTTMAN, J. & DeCLAIRE, J. (1999). *A inteligência emocional na educação*. Lisboa: Editora Pergaminho.
- KAMII, C. (s.d.). *A teoria de Piaget e a educação pré-escolar*. Lisboa: Instituto Piaget.
- MANY, E. & GUIMARÃES, S. (2006). *Como abordar... A metodologia de trabalho de projecto*. Porto: Areal Editores.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (1998). *Qualidade e projecto na educação pré-escolar*. Lisboa: Ministério da Educação. Gabinete para a Expansão e Desenvolvimento da Educação Pré-Escolar.
- MIRÓ, J. (2006). *Esta é a cor dos meus sonhos – Conversas com Georges Raillard*. s.l.: 90 Graus Editora.
- OLIVEIRA, M. (2007). A Expressão Plástica para a Compreensão da Cultura Visual. In *Saber (e) Educar*, nº12. (Disponível em http://repositorio.esepf.pt/bitstream/handle/10000/6/SeE12A_ExpressaoMonica.pdf, acedido em 14/05/2012).
- ORLANDO, C. (s.d.). Os direitos das crianças em perspectiva. (Disponível em http://www.cnpcjr.pt/Manual_Competencias_Comunicacionais/int_legislacao_procriancas.html, acedido em 30/03/2013).
- PILLOTTO, S. S. (s.d.). Propostas Para a Arte na Educação Infantil. (Disponível em <http://artenaescola.org.br/sala-de-leitura/artigos/artigo.php?id=69330>, acedido em 04/03/2012).
- PINTO, T. P. S. (2005). *Visões de Criatividade*. Lisboa: ISPA. (Disponível em <http://hdl.handle.net/10400.12/810>, acedido em 04/03/2012).

- PONCIANO, M. M. (2011). *Ser professor – Uma construção biográfica*. Lisboa: Edições Colibri.
- RIBEIRO, L. & NEVES, I. (2011). *A Influência da Criatividade no Desenvolvimento da Criança Junto de um Grupo do Pré-escolar*. Porto. (Disponível em http://repositorio.esepf.pt/bitstream/handle/10000/484/TM-ESEPF-PE_2011_RELATORIOLUCIARIBEIRO.pdf, acedido em 20/05/2012).
- RIBEIRO, M. S. (2012). *Ateliê de arte com crianças de risco*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus. (Disponível em <http://comum.rcaap.pt/bitstream/123456789/4093/1/MonicaRibeiro.pdf>, acedido em 23/05/2013).
- RIGOLET, S. A. (1998). *Para uma aquisição precoce e otimizada da Linguagem*. Porto: Porto Editora.
- ROMÃO, H. (2010). *Educação... Que educação? Como educam os Portugueses?*, Lisboa: Chiado Editora.
- SANTOS, H. (2010). *Educação de Infância: Espaço Facilitador para o Desenvolvimento de Competências Tecnológicas*. Lisboa: s.e.. (Disponível em <http://anae.biz/rae/wp-content/uploads/2010/02/Educa%C3%A7%C3%A3o-de-Inf%C3%A2ncia-Espa%C3%A7o-Facilitador-para-o-Desenvolvimento-de-Compet%C3%A2ncias-Tecnol%C3%B3gicas.pdf>, acedido em 20/05/2012).
- SILVA, L. L. (s.d.). *Educação pela Arte*. s.l.: Departamento de Artes e Ofícios – Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. (Disponível em http://www.quadernsdigitals.net/datos/hemeroteca/r_1/nr_796/a_10728/10728.pdf, acedido em 14/07/2012).
- SOARES, A. T. (2011) *Vídeo Arte – uma abordagem da Arte Contemporânea no ensino artístico*. Aveiro: Universidade de Aveiro – Dep. de Comunicação e Arte. (Disponível em <http://ria.ua.pt/bitstream/10773/6604/1/5382.pdf>, acedido em 26/06/2012).
- SOARES, J. V. (2003). *Como abordar... A cidadania na escola*. Porto: Areal Editores.
- VASCONCELOS, T. (2007). Supervisão como um “TEAR”: Estratégias emergentes de “andaimação” definidas por supervisoras e supervisionadas. *In Revista de Educação*, vol. XV, nº2, pp. 5-26. (Disponível em http://biblio.eselx.ipl.pt/publicacoes/Supervis%C3%A3o_como_um_TEAR.pdf, acedido em 22/02/2013).
- VYGOTSKI, L. S. (2009). *A imaginação e a arte na infância*. Lisboa: Relógio D’Água Editores.
- WEIL, P. & TOMPAKOW, R. (2000). *O corpo fala – A linguagem silenciosa da comunicação não-verbal*. Petrópolis: Editora Vozes.

ANEXOS

ANEXO I

[Para o leitor da versão digital: p.f. *Vd.* ficheiros .pdf no cd]

ANEXO II

Registo da primeira fase dos ateliês

1º Momento: “EncontrArte”

Grupo: Encontro com os participantes (21 de outubro de 2012)



Registo da atividade

O primeiro momento foi marcado por um número diversificado de materiais escolhidos intencionalmente para funcionarem como estratégia de acolhimento durante a apresentação da investigadora e do trabalho que pretende desenvolver junto das crianças e jovens do Lar da Santa Casa da Misericórdia.

Objetivos para o momento de apresentação:

- Apresentar a investigadora e suas funções.
- Apresentar a convidada da investigadora e respetivas funções (fazer registo fotográfico dos ateliês).
- Conhecer o grupo de participantes.

- Registrar os dados elementares dos participantes (idade, escolaridade, atividades lúdicas preferidas).
- Convidar os participantes a participar nos ateliês.
- Inserir o grupo de participantes na temática do trabalho de projeto a desenvolver nos ateliês.
- Apresentar o percurso do trabalho de projeto.

Objetivos/ Estratégias para o primeiro ateliê:

- Criar um ambiente tranquilo/acolhedor com música e cor.
- Ouvir e interpretar a música ambiente como mote de apresentação (“...quem és tu, de onde vens...”).
- Explicar aos participantes qual o tema/proposta de trabalho a desenvolver nos ateliês.
- Dialogar com o grupo de crianças/jovens para fazer registo dos pré-adquiridos sobre as atividades que gostam de explorar no ateliê.
- Oferecer autonomia e disponibilidade para a utilização dos materiais, para inferir e/ou sugerir.
- Apresentar a sugestão para a decoração do ateliê com materiais diversificados.
- Estimular a criatividade/imaginação.
- Estimular a autonomia na escolha e utilização dos materiais.
- Observar a destreza/manuseamento/utilização dos materiais.

Recursos Humanos:

- Treze participantes, com idades entre os cinco e os catorze anos, sendo que ficaram apenas seis para realizarem o ateliê com idades compreendidas entre os cinco e os treze anos
- Investigadora

- Animadora do ateliê
- Educadora de Infância e Voluntária do Lar
- Convidadas - Voluntária da Santa Casa da Misericórdia e amiga da investigadora para auxiliar no registo fotográfico de momentos significativos.
- Treze participantes entre os cinco e os catorze anos de idade

Recursos materiais:

- Suporte musical: Cd de Nancy Vieira e Manuel Paulo com o tema “Pássaro Cego”.
- Bola de trapilho
- Peças para fazer enfiamentos
- Redes de pesca
- Paus para espetadas
- Corante alimentar
- Conta-gotas
- Garrafão de vidro transparente
- Livros de histórias
- “Missangas”
- Cartolinas
- Tecidos
- Cola quente
- Tesouras
- Fio de Náilon
- Botões

Descrição da atividade:

Quando as crianças/jovens entraram no ateliê, o ambiente estava organizado para os receber. No que seria o centro da roda, estava um cesto colorido com uma rede de pesca no interior, uma caixa de madeira pintada à mão pela investigadora recheada com folhas A4 coloridas, um garrafão de vidro cheio de água, uma caixa pequena de lata com corantes alimentares e um conta-gotas, um saco de tecido cheio de livros/histórias, um barco de cartão e um frasco de vidro cheio de peças pequenas (“missangas”) para fazer enfiamentos.

A primeira sugestão foi a audição da faixa número quatro do cd de Nancy Vieira – “Ilha dos Outros”. Toda a letra versada na música tem a ver com o momento...”Quem és tu, de onde vens” (verso utilizado como mote de apresentação). Enquanto a apresentação ia acontecendo em simultâneo ia sendo construída uma teia com a passagem de uma bola de trapilho por todos os presentes.

Regras para o jogo de apresentação:

1. Para a **construção da teia** foi sugerido ao grupo que partilhasse o nome, a idade e escolaridade.
2. Para a **desconstrução da teia** foi sugerido que cada um dos presentes dissesse o que mais gosta de realizar no “espaço ateliê”.

Depois da apresentação, foi lançada a proposta para a atividade “dar novo rosto” ao ateliê (sugestão da Diretora do Lar). Para esse efeito foi utilizada rede de pesca para forrar uma parede e para fazer dois cortinados onde poderão ser colocados os trabalhos realizados pelas crianças e jovens.

Avaliação da atividade:

O primeiro momento foi marcado por uma entrada lenta e gradual dos participantes. Um a um ou de par em par, foram entrando. Uns chegavam tímidos, outros entregaram-se imediatamente a um abraço para tomarem um beijo no rosto. Sentados no chão em forma circular, ficámos juntos para a apresentação. Foi lançado o desafio para jogarmos

o “jogo da teia” como “quebra-gelo”. Para a construção da teia foram lançadas três questões:

1. Nome?
2. Idade?
3. Ano que frequentam?

Participantes	Idade	Frequência escolar
A	14	7ºano
B	10	4ºano
C	10	3ºano
D	5	Em lista de espera na valência do pré-escolar.
E	8	2ºano
F	13	6ºano
G	11	5ºano
H	14	6ºano
I	7	2ºano
J	9	3ºano
K	12	4ºano
L	7	2ºano
M	9	3ºano

Os participantes aderiram positivamente ao jogo e após termos construído a teia foi erguida com todos os braços levantados para que se sentisse a noção de grupo. Os rostos dos participantes esboçaram sorrisos! Os braços retomaram o apoio nos joelhos e partiu-se para a desconstrução da teia com a proposta de criar um novelo que guarda tesouros. Para este momento foi lançada a pergunta:

4. Qual a atividade preferida do ateliê?

Participantes	Atividade preferida do ateliê
A	Desenhar e ajudar.
B	Vestir-me de princesa, pintar e desenhar.
C	Pintar no quadro, desenhar e vestir os fatos.
D	[Não respondeu]
E	Desenhar.
F	Desenhar.
G	Brincar.
H	Desenhar e pintar.
I	Escrever no quadro, passear e jogar.
J	Pintar, desenhar no quadro.
K	Pintar no quadro.
L	Pintar, jogar e brincar.
M	Pintar e brincar.

À exceção de um participante a maioria ofereceu a sua participação no jogo com respostas simples e curtas. O novelo ficou construído. Silenciosamente guardaram-se os materiais e deu-se início à decoração do ateliê com as redes de pesca. Neste momento a maioria dos presentes começou a subir para as respetivas unidades. Dos treze elementos ficaram seis para continuar a atividade planificada. O grupo esteve tranquilo e participou com satisfação no ateliê.

Os trabalhos de expressão plástica foram iniciados. As crianças aderiram muito bem à atividade e manusearam com destreza os materiais. A atividade decorreu com cor, sorrisos, concentração e vontade de fazer.

No momento de avaliar o primeiro ateliê, foi urgente refletir acerca da formação dos grupos após ter sido evidente a não identificação dos participantes num grupo com uma heterogeneidade tão “alargada”. Desta forma, considerou-se ser importante formar dois grupos, um com idades compreendidas entre os cinco e treze anos e o outro, entre os treze e dezasseis anos. Apesar de continuarem a ser grupos heterogêneos, a distância entre as idades não é tão significativa.

Registos da retina:

Para este momento, uma imagem foi fotografada pela retina. Os olhos da investigadora foram percorrendo o espaço ocupado pelos jovens e crianças. O quadro contemplado era de uma simplicidade serena. Os olhos desceram até ao chão e guardaram algumas imagens juntamente com pontos de interrogação. Porque estaria a maioria dos participantes em chinelos de quarto? Por instantes não foi encontrada solução, a adrenalina estava concentrada na atividade mas, quando o tempo parou para dar lugar ao reviver do ateliê, a estranha sensação obteve resposta. Aquele espaço é a sua casa!

Palavras do observador: Sensibilidade e Perspicácia.

Ateliês de Sustentação

O segundo encontro com o grupo de participantes foi marcado pelo início dos *Ateliês de Sustentação*, planificados com base no registo das propostas partilhadas pelo grupo de crianças e Jovens no primeiro encontro.

2º Momento: Recorta e cola com Arte

Grupo A- 13/16 anos (28 de outubro de 2012)



Registo da atividade

O segundo momento foi marcado com recorte, colagem e cor. O grande desafio residiu na otimização do material remanescente através da mensagem *tudo tem um sentido, tudo pode ganhar nova forma*.

Objetivos:

- Despertar a sensibilidade para transformar o simples em complexo.
- Estimular o pensamento divergente.
- Estimular a criatividade/imaginação.

- Estimular o sentido estético.
- Estimular a otimização do material.
- Dar sentido ao material remanescente.
- Observar a destreza na utilização dos materiais.
- Observar o investimento pessoal/dedicação na otimização das produções.
- Observar a utilização versátil dos materiais.
- Observar a dinâmica do grupo na partilha do espaço e materiais.

Estratégias:

- Proporcionar um ambiente acolhedor com música, cor e boa disposição.
- Apresentar um trabalho feito pela mestrandia para estimular a criatividade dos participantes.
- Apresentar as regras da atividade.
- Oferecer autonomia e disponibilidade para a utilização dos materiais, para inferir e sugerir.

Recursos Humanos:

- Doze participantes, sendo que um apenas ficou durante a apresentação da atividade por ser dia de *Família Amiga*¹⁰.
- Investigadora
- Animadora do ateliê
- Educadora de Infância e voluntária do Lar
- Convidadas - voluntária da Santa Casa da Misericórdia e amiga da investigadora convidada para auxiliar no registo fotográfico de momentos significativos.

¹⁰ O projeto *Famílias Amigas* tem como principal objetivo proporcionar aos menores sem suporte familiar ou com suporte insuficiente o contacto com uma família com a qual se tentam criar laços afetivos duradouros, que contribuam para a estabilidade emocional e desenvolvimento harmonioso das crianças/jovens.

Recursos materiais:

- Suporte musical: cd de Nancy Vieira e Manuel Paulo com o tema *Pássaro Cego*
- Folhas A4 coloridas
- Tintas de cores várias
- Cola *stick* e bisnaga
- Pincéis
- Cartolinas
- Frasco com missangas

Descrição da atividade:

O material foi colocado à disposição dos participantes para que o pudessem utilizar de forma autónoma e criativa. A atividade foi apresentada através de dois trabalhos realizados pela investigadora, construídos intencionalmente com formas e traços muito simples para não influenciar a fixação dos participantes aos exemplos. A construção do móbil elaborado pela investigadora com duas árvores e duas folhas possibilitou a realização de uma colagem a partir do material remanescente. Otimizar os materiais foi a regra apresentada para o ateliê.

Regras para atividade “ColArte”:

1. Olhar e sentir os materiais
2. Planificar a produção e escolher os respetivos materiais
3. Construir a atividade planificada através da colagem
4. Dar sentido ao material remanescente

Avaliação da atividade:

O momento que antecedeu a atividade foi marcado pelo agradecimento aos participantes por estarem presentes no ateliê, seguido da apresentação de todos os presentes. Desta

forma, os elementos a constituir o grupo A seguiram a ordem de perguntas utilizadas no primeiro ateliê à exceção da pergunta número quatro.

1. Nome?

2. Idade?

3. Ano que frequentam?

Grupo A

Participantes	Idade	Frequência escolar
A	14	6ºano
B	13	7ºano
C	16	9ºano
D	15	9ºano
E	16	Curso Profissional
F	15	Curso Profissional
G	16	7ºano
H	14	7ºano
I	16	8ºano
J	14	6ºano
K	13	6ºano
L	16	9ºano

Demorou algum tempo para darem início ao trabalho. Durante alguns minutos muitos dos rostos expressaram renitência em começar. Ouviram-se vozes a dizer *eu não consigo, não sei fazer nada disto* ou *não tenho ideia nenhuma*. O desalento estava instalado nalguns rostos expresso através de um “vazio” na criatividade. Muitos participantes necessitaram de estímulos positivos, de palavras a dar sentido e firmeza aos seus planos afastando o medo e a insegurança.

Perante a tensão que pairava no ambiente, a investigadora inferiu utilizando um discurso positivo salientando que a criatividade apenas está adormecida. Importante é despertar todos os sentidos para que comece a fazer sentido o tocar, o olhar, o ouvir, para que a criatividade comece a brotar. Com a investigadora de joelhos postos no chão

perto dos jovens, a criatividade começou de facto a brotar e o ambiente encontrou serenidade.

Os participantes pediram autorização para ouvirem a “sua” música, pelo que a investigadora não colocou objeções. Ao som de diferentes estilos musicais como são exemplo o *hip-hop*, o *reggae*, *R&B*, *kizomba*, *kuduro* e *dance music*, o final da sessão teve como resultado sorrisos emocionados e trabalhos conseguidos com muita criatividade e sentido.

A descontração foi soltando a voz dos participantes para pedidos de ajuda, para partilhar materiais e sugerir atividades entre pares. O resultado foi um excelente trabalho de equipa.

A sensação de ver o Grupo A a criar com arte as suas produções foi fascinante! Ofereceu estrutura e sentido ao plano traçado para os ateliês assim como deu sentido à reorganização dos grupos.

Sugestão para o próximo ateliê

A investigadora registou a sugestão dada por alguns participantes para o próximo ateliê. Sugeriram a possibilidade de utilizar materiais semelhantes aos que a investigadora recorreu para a elaboração de alguns dos seus objetos nomeadamente, a decoração do frasco onde transporta as missangas. Esta peça tem despertado a sensibilidade/criatividade dos participantes. Todos gostam do “pequeno frasco verde” com rolha de cortiça decorada com linhas de cor verde, amarelo e vermelho. Como resposta a investigadora sugeriu um ateliê com rolhas de cortiça, tintas, linhas de algodão e lãs. Os participantes gostaram e aceitaram a sugestão.

Registos da Retina:

No segundo encontro com os participantes a retina fotografou um participante extremamente sensível e dedicado às suas tarefas. Em determinado momento o participante saiu do ateliê subitamente sem explicação. Porque teria ele saído do ateliê? O motivo prende-se com a perfeição! Fazer com sentido e perfeccionismo é para ele um lema. A sua saída foi justificada pela procura do seu estojo onde guarda canetas, lapiseiras e ainda um compasso. Este último material foi a razão da sua saída e regresso imediato para dar sentido à sua produção. De alguma forma o participante quebrou a

regra de utilização dos materiais, mas a investigadora considerou ser importante a satisfação pessoal do participante, acompanhada de prazer no momento de criar. A fotografia que ilustra o registo deste ateliê, oferece o resultado desta dedicação com sensibilidade.

Palavras do observador: Permitir

Este ateliê tinha tudo para dar errado, mas vejo que saímos do Lar com um coração cheio de surpresas.

J.A.B

3º Momento: Pinta a cor da tua chuva

Grupo B- 5/13 anos (03 de novembro de 2012)



Registo da atividade

O ateliê teve início com uma série de histórias contadas para o acolhimento. De seguida foi lançada a proposta para a audição do cd *The Colours of The Rain*, faixa número um. Enquanto o cd tocou, um “Pau da Chuva” foi passando por todos os participantes para sentirem “a chuva” com todos os seus sentidos. No final destas propostas, foi lançada uma questão pela investigadora: “Qual é a cor da tua chuva?” O grupo saiu da roda e passou para as mesas dispersas pela sala para cada elemento pintar a cor da “sua” chuva.

Objetivos:

- Despertar os sentidos para os fenómenos naturais.
- Olhar a chuva com Arte.
- Estimular a criatividade/imaginação.
- Observar a destreza na utilização dos materiais.
- Observar a dinâmica do grupo na partilha do espaço e materiais.

Estratégias:

- Proporcionar um ambiente acolhedor com música, cor e boa disposição.
- Contar histórias.
- Fomentar a leitura partilhada.
- Oferecer autonomia e disponibilidade para a utilização dos materiais, para inferir, sugerir e partilhar.

Recursos Humanos:

- Catorze participantes
- Investigadora
- Animadora do ateliê
- Convidadas - Voluntária da Santa Casa da Misericórdia e amiga da investigadora convidada para auxiliar no registo fotográfico

Recursos materiais:

- Suporte musical: Cd
- Papel de manteiga
- Tintas de cores várias
- Cola em bisnaga

- Pincéis
- Cartolinas
- Frasco com missangas

Avaliação da atividade:

Hoje o grupo de participantes aderiu muito bem à atividade. O momento teve início com uma “roda sentada” no chão. Através da leitura partilhada foi contada a história “O Ratinho Marinheiro”, de Luísa Ducla Soares. Foi um momento muito interessante. O livro foi rodando e as leituras foram acontecendo. Alguns participantes apresentaram dificuldade na leitura mas tiveram de imediato a ajuda de amigos.

Os participantes gostaram da história escolhida para leitura partilhada e identificaram-na como parte da lista de livros para o 4ºano do primeiro ciclo.

Após ter terminado a leitura partilhada a investigadora apresentou o livro “ABCD” de Marion Bataille, editora Kókinos. É um livro em formato “popup” que apresenta as letras do abecedário. No momento surgiu a provocação para um jogo: por cada página virada deveriam ser ditas palavras a começar pela letra da página observada. Foi um momento de muita excitação e gargalhada! Excelente momento!

O momento anterior à atividade relaxou imenso o grupo. De seguida pintaram cada um a “cor da sua chuva”. O grupo adere com bastante prazer e sensibilidade às atividades propostas.

A Animadora do ateliê (responsável e dinamizadora do Ateliê do Lar) partilhou com a investigadora e sua convidada um momento:

“Esta menina (investigadora) tem muita sorte! Assim que subimos às unidades a chamar os participantes para o ateliê, levantam-se logo, organizam-se rapidamente e chegam a verbalizar...”eu vou já porque eu amo aquela senhora!”... As palavras partilhadas traduzem bem-estar e vontade de frequentar os ateliês.

Como habitual, o ateliê terminou com a construção de pulseiras feitas com missangas. É uma partilha simples, mas com muito sentido de pertença para o grupo!

Registos da Retina:

É extraordinário sermos brindados com uma centelha! Jamais será esquecido este ser especial, “furacão” de vida e de cor a pintar com três pincéis. No início do ateliê a resistência era a governanta das suas mãos, dos seus braços cruzados, do seu rosto com olhos caídos no chão a dizer “não sei fazer nada”. A vida presenteia-nos com estes seres fantásticos cheios de ira e de luz. O ser rezingão apenas precisa de colo para dar de si, para nos brindar com a fúria de pintar com três pincéis. Obrigada!

Palavras do observador: Centelha.

Constrói com criatividade

4º Momento: Construção criativa com rolhas

Grupo A- 13/16 anos (18 de novembro de 2012)



Construção criativa com rolhas (sugestão de um participante com referência a partir do frasco verde de rolha decorada – “Para o próximo ateliê podemos fazer trabalhos com rolhas, como esta do teu frasco?”)

Registo da atividade

Sugestão de uma leitura antes da atividade: À semelhança do outro grupo de participantes, fez-se a tentativa de leitura. Para este momento foi escolhido o livro “O Hóspede da Lua”, de Virgílio Vieira. Foram sugeridas duas possibilidades, leitura partilhada ou leitura em voz alta feita pela investigadora. Foi aceite a leitura partilhada, sendo que o livro apenas completou uma “volta”. É um texto muito rico em emoções, energia, onde é destacada a sabedoria do homem e o seu olhar sobre a natureza, mas o livro fechou-se!

“Estão todos a ficar cheios de comichão! Vamos fechar o livro e passar à atividade”. Disse a investigadora com voz decidida e a oferecer coragem ao grupo.”

Nunca uma experiência do género tinha acontecido ao longo de dez anos de prática pedagógica. As palavras são de facto fortes, entram no corpo pelos ouvidos, pelo nariz, pelas mãos, pés, pelo corpo todo. Cada poro absorve cada letra com ligação direta ao sistema nervoso central onde resultam ligações diretas às emoções a despertar histórias de vida.

As palavras invadem-nos, são poderosas e determinantes, sobretudo se forem escritas e lidas com sabedoria e sensibilidade.

A. L.

O ateliê teve início com os participantes sentados ao redor da mesa, onde foi lançada a atividade e apresentados os materiais.

Objetivos:

- Estimular a criatividade/imaginação.
- Estimular a autonomia na escolha e utilização dos materiais.
- Estimular a autoestima.
- Observar a destreza/manuseamento/utilização dos materiais.
- Estimular a criatividade e a imaginação através da reutilização de materiais de desperdiço (caixas, rolhas).

Estratégias:

- Criar um ambiente tranquilo/acolhedor com música escolhida pelos participantes.
- Apresentar a atividade/materiais através de uma conversa a ilustrar os atributos e a possibilidade de transformação de cada material, sem entrar em pormenores criativos.

- Oferecer autonomia e disponibilidade para a utilização dos materiais, para inferir e sugerir.
- Oferecer disponibilidade para ajudar/colaborar.

Recursos Humanos:

- Dez participantes, sendo que para um participante foi a primeira participação e para outros dois foi dia de receber a visitas, pelo que não estiveram presentes.
- Investigadora
- Animadora do ateliê
- Convidadas- Voluntária da Santa Casa da Misericórdia e amiga da investigadora para auxiliar no registo fotográfico de momentos significativos.
- Catorze participantes entre os treze e os dezasseis anos de idade

Recursos materiais:

- Suporte musical: musica à escolha dos participantes (GDM, Dj EDIFOX, TDM)
- Paus para espetadas
- “Missangas”
- Cartolinas
- Caixas de cereais
- Tecidos
- Cola (quente, bisnaga e *stick*)
- Rolhas
- Tesouras
- Caixas de cartão
- Tintas
- Espátulas depressoras de língua em madeira

Avaliação da atividade:

O resultado da atividade foi surpreendente! Os participantes expressaram a sua admiração e contentamento! A partir de materiais simples, foram construídas peças complexas tais como ginásios para dançar hip-hop, casas imaginárias, ringues, um moinho, uma “casa da idade média” com porta levadiça, entre outras construções fantásticas.

Registos da Retina:

A manhã começava com um saco grande suspenso no ar por uma mão direita. Dentro dele estavam os materiais para o ateliê. “Que irão fazer os cachopos com estes materiais?” A indagação acontecia e a surpresa também! A boca ficou boquiaberta enquanto o ateliê ia acontecendo. É surpreendente quando os sentidos se encontram e conseguem produzir criatividade com recursos materiais tão simples. Entre rolhas de cortiça e espátulas de madeira cresceram peças únicas a brindar o inesperado. É certo! A simplicidade suscita o espanto!

Palavras do observador: Espanto.

Constrói com criatividade

5º Momento: Construção criativa com rolinhas

Grupo B- 5/13anos (25 de novembro de 2012)



Registo da atividade

O ateliê teve início com uma história contada pela investigadora e com a leitura partilhada de outra história com a participação de todos os participantes.

A leitura partilhada partiu de uma proposta lançada pela investigadora nos momentos que antecederam os ateliês. O grupo aderiu à proposta e desempenhou-a com muito prazer. Foi interessante observar o espírito de grupo entre pares. Se um amigo apresentava dificuldade em realizar a leitura, apareciam de imediato voluntários com dedos no ar para ajudar a juntar letras e palavras.

Objetivos:

- Estimular a criatividade/imaginação.
- Estimular a autonomia na escolha e utilização dos materiais.
- Estimular a autoestima.
- Observar a destreza/manuseamento/utilização dos materiais.
- Estimular a criatividade e a imaginação através da reutilização de materiais de desperdiço (caixas, rolhas).

Estratégias:

- Criar um ambiente tranquilo/acolhedor com música escolhida pelos participantes.
- Apresentar a atividade/materiais através de uma conversa a ilustrar os atributos e a possibilidade de transformação de cada material, sem entrar em pormenores criativos.
- Oferecer autonomia e disponibilidade para a utilização dos materiais, para inferir e sugerir.
- Oferecer disponibilidade para ajudar/colaborar.

Recursos Humanos:

- Catorze participantes (um dos participantes pertence ao grupo A, mas apresentou-se no ateliê para ajudar os participantes mais novos).
- Investigadora
- Educadora de Infância e voluntária do Lar
- Convidadas - Voluntária da Santa Casa da Misericórdia e amiga da Investigadora para auxiliar no registo fotográfico de momentos significativos.

Recursos materiais:

- Suporte musical: música à escolha dos participantes

- Paus para espetadas
- “Missangas”
- Cartolinas
- Caixas de cereais
- Tecidos
- Cola (quente, bisnaga e *stick*)
- Rolhas
- Tesouras
- Caixas de cartão
- Tintas
- Espátulas depressoras de língua em madeira

Avaliação da atividade:

Em parceria com o resultado do grupo anterior para a mesma sugestão de atividade, os trabalhos realizados por este grupo foram igualmente fantásticos! Os materiais foram colocados à disposição do grupo e muito rapidamente começaram a rodar rolhas, pregos, martelos, colas, caixas... a criatividade acontecia. Os participantes foram autónomos na produção dos projetos por eles traçados, necessitando apenas de acompanhamento em alguns pormenores, como é o caso da utilização da cola quente. Foi fascinante observar a destreza e utilização versátil dos materiais. Um participante pertencente ao Grupo A esteve presente no ateliê de hoje, juntou-se ao grupo para ajudar os participantes mais novos. Este facto resultou numa experiência bastante produtiva e interessante de observar.

Registos da Retina:

Para cada momento o rosto ganha uma nova expressão e o corpo voa alto como um balão cheio de *confettis*. Dez pontas de dedos pequeninos tocaram os materiais como se de uma varinha de condão se tratassem. A tenra idade daquele corpo pequenino a

crescer estava determinado, sabia perfeitamente o que queria construir. A certeza partia de um para três. As ideias do pequeno ser fluíam e a Arte acontecia em todas as etapas da construção, de um para três. Os laços de sangue são inquebráveis. Para cada rolha uma personagem, para cada espátula de madeira, um *skate*. Ninguém tem o condão de subverter esta fórmula especial. O feminino ganha distinção do masculino na construção através de pequenas particularidades. A conversa entre o artista e os materiais foi sempre uma constante a resultar numa fusão de cores a entrelaçar sentidos e emoções, de um para três. Até ao último pormenor, a surpresa fez sempre companhia.

Palavras do observador: Somos um só.

6º Momento: Construção criativa com rolinhas

Grupo B- 5/13anos (02 de novembro de 2012)



Registo da atividade

A tarefa para este ateliê foi a de terminar trabalhos que não ficaram concluídos no ateliê anterior. Os participantes chegaram calmamente, puseram a sua música a tocar e iniciaram a atividade.

Objetivo:

- Concluir os trabalhos do ateliê anterior (25 de novembro de 2013)
- Criar um ambiente tranquilo/acolhedor com música escolhida pelos participantes
- Apresentar a atividade/materiais através de uma conversa a ilustrar os atributos e a possibilidade de transformação de cada material, sem entrar em pormenores criativos
- Oferecer autonomia e disponibilidade para a utilização dos materiais, para inferir e sugerir
- Oferecer disponibilidade para ajudar/colaborar

Avaliação da atividade:

Os trabalhos foram concluídos e ainda houve oportunidade para dois participantes, que não puderam estar presentes no ateliê anterior, iniciarem e concluírem a sua construção. Ouviram a explicação da atividade e realizaram-na com desempenho e dedicação. A criatividade é de facto uma “caixinha cheia de surpresas”.

Registos da Retina:

Final de tarde. As mãos da investigadora ficaram inchadas depois de mergulhadas em água muito quente para a habitual lavagem de pincéis (tarefa partilhada por todos os adultos nos diferentes ateliês). Enquanto procedia à lavagem e arrumo dos materiais, ouviu um carro a parar e “vozes” que pareciam ser familiares. Era a entrada de um participante que tinha ido à festa de aniversário de um colega de escola. Saiu do carro, olhou para cima e sorriu. A sua entrada foi acompanhada por adultos a transportar caixas.

Não tardou, estava no ateliê. O rosto entrou a sorrir, mas assim que percebeu que o ateliê tinha terminado “inverteu os cantos da sua boca”, mas ainda assim, foi-lhe dado tempo para concluir o seu trabalho. Interessante foi a pergunta que colocou imediatamente à investigadora ao entrar no ateliê. “Hoje leram histórias? É que eu ainda quero ler. Posso?”. As sobrancelhas ficaram franzidas à espera de um “sim, contámos” e de um “sim” a querer dizer, “podes”.

O participante terminou a sua atividade e, no final, teve oportunidade de escolher um livro para fazer a sua leitura. Enquanto puxava por uma almofada para “aconchegar a leitura ia falando em voz alta ... *hoje é um dia mesmo feliz! Fui à festa do meu amigo, trouxe muitas coisas para o lanche dos amigos daqui, pinte a minha construção e agora posso ler a minha história.* Foi um dia GRANDE para todos!



Palavras do observador: Consolar.

7º Momento: Decorar caixas com Arte

Grupo A- 13/16 anos (16 de novembro de 2012)



Registo da atividade

À semelhança do ateliê anterior o desafio colocado aos participantes foi a decoração de caixas de cigarilhas para serem utilizadas pela investigadora como “caixas palavra” (cada caixa terá no seu interior uma “palavras Arte”), no momento de devolver as obras de Arte produzidas nos diferentes ateliês pelos participantes. Os participantes estavam entusiasmados para iniciar a atividade uma vez que no ateliê anterior puderam observar a atividade que os participantes do grupo A estavam a realizar. Sentaram-se e perguntaram “onde estão as caixinhas”?

Objetivos:

- Reutilizar material de desperdício (caixas de cigarilhas).
- Explorar diferentes materiais (Feltros, purpurinas, peças fantasia...).
- Estimular a criatividade/imaginação.
- Estimular a utilização de diferentes técnicas na exploração dos materiais (coser à mão).
- Observar a destreza na utilização dos materiais.

- Observar a capacidade de organização durante a decoração de um material com superfície reduzida (caixas de cigarrilhas).
- Observar a dinâmica do grupo na partilha do espaço e materiais.

Estratégias:

- Proporcionar um ambiente acolhedor com música, cor e boa disposição.
- Lançar a atividade .
- Apresentar os diferentes materiais.
- Oferecer autonomia e disponibilidade para a utilização dos materiais, para inferir, sugerir e partilhar.

Recursos Humanos

- Sete participantes
- Investigadora
- Animadora do ateliê
- Convidadas - Voluntária da Santa Casa da Misericórdia e amiga da investigadora para auxiliar no registo fotográfico de momentos significativos.

Recursos materiais

- Suporte musical: Música à escolha do grupo
- Caixas de cigarrilhas
- Placas de feltro de diferentes cores
- Linhas de crochet
- Cola (quente e em bisnaga)
- Purpurinas prateadas e douradas
- Diferentes peças de fantasia para coser ou colar (material semelhante às lantejoulas)
- Lantejoulas

- Agulhas de coser à mão
- Tesouras
- Frasco com missangas

Avaliação da atividade:

O início do ateliê foi condicionado pelo absentismo dos participantes. À hora combinada para iniciar o ateliê (dez horas e trinta minutos) estavam apenas dois elementos. Os participantes entraram em período de férias, estavam nas respectivas unidades a jogar *Playstation®*. Às onze horas a investigadora, com autorização da animadora do ateliê, subiu às unidades acompanhada de um participante para perceber se outros jovens iriam ou não realizar o ateliê. Alguns jovens desceram ainda de pijama, mas foram interpolados pela animadora dizendo-lhes que não podiam entrar de pijama no ateliê, que é uma regra a respeitar naquele espaço. Os jovens informaram a animadora que não iriam subir para trocar de roupa e descer novamente, e assim aconteceu.

Desta forma, o ateliê aconteceu com sete participantes. Os trabalhos foram realizados com criatividade e entusiasmo. Gostaram em especial de coser, de cruzar cores entre linhas, feltros e purpurinas. O resultado foi uma série de caixas decoradas com simpatia e muita cor.

Registo da retina:

“Nem pensar! Eu não vou coser à mão! Isso é trabalho para mulheres.”

Um jovem participante fixava o olhar nos materiais disponíveis e nos seus pares enquanto transformavam as caixas com diferentes materiais. A atitude foi mudando ao longo do ateliê. Pegou numa caixa, escolheu os feltros, e decidiu que queria fazer uma “flor” decorada por pequenos pontos, mas recusava-se a coser à mão. Foi interessante observar a postura do participante. A investigadora abordou-o utilizando um discurso calmo. Convenceu o participante a experimentar levando-o a terminar a sua atividade com parabéns! O sorriso ficou no registo da retina para um olho a piscar e a querer dizer, “tu consegues”!

Palavras do observador: Entre pontos e “nós”.

Desistir é palavra proibida quando à espera está a necessidade de confiança.

A. L.

8º Momento: Decorar caixas com Arte

Grupo B- 5/13 anos (23 de novembro de 2012)



Registo da atividade

O ateliê teve como objetivo a decoração de caixas de cigarrilhas para serem utilizadas pela investigadora como “caixas palavra” (cada caixa terá no seu interior uma “palavra Arte”), no momento de devolver as obras de Arte produzidas nos diferentes ateliês pelos participantes.

Objetivos:

- Reutilizar material de desperdício (caixas de cigarrilhas).
- Explorar diferentes materiais (feltros, purpurinas, peças fantasia...).
- Estimular a criatividade/imaginação.
- Estimular a utilização de diferentes técnicas na exploração dos materiais (coser à mão).
- Observar a destreza na utilização dos materiais.

- Observar a capacidade de organização durante a decoração de um material com superfície reduzida (caixas de cigarrilhas).
- Observar a dinâmica do grupo na partilha do espaço e materiais.

Estratégias:

- Proporcionar um ambiente acolhedor com música, cor e boa disposição.
- Lançar a atividade.
- Apresentar os diferentes materiais.
- Oferecer autonomia e disponibilidade para a utilização dos materiais, para inferir, sugerir e partilhar.

Recursos Humanos

- Onze participantes
- Investigadora
- Dois Voluntários (participantes do grupo A que se disponibilizaram para ajudar o grupo B).
- Educadora de Infância e voluntária do Lar
- Convidadas - Voluntária da Santa Casa da Misericórdia e amiga da investigadora, convidada para auxiliar no registo fotográfico de momentos significativos.

Recursos materiais

- Suporte musical: Música à escolha do grupo
- Caixas de cigarrilhas
- Placas de feltro de diferentes cores
- Cola (quente e em bisnaga)
- Purpurinas prateadas e douradas
- Diferentes peças de fantasia para coser ou colar (material semelhante às lantejoulas)

- Lantejoulas
- Tesouras
- Frasco com missangas

Avaliação da atividade:

Para este ateliê os participantes não quiseram fazer o memento de leitura. Passámos à atividade diretamente. O grupo foi muito prático. A primeira questão foi colocada: “onde estão as agulhas para cosermos?” Os participantes na semana anterior foram cumprimentar a investigadora e observaram que estavam a ser utilizadas caixas e agulhas para coser à mão. A investigadora informou que não irão ter agulhas à semelhança do grupo A por serem mais novos, iriam realizar a atividade através de colagem. O grupo compreendeu e aceitou a regra.

Foi sugerido ao grupo de participantes que organizasse mentalmente o projeto para decorar a caixa. A escolha dos materiais e a atividade decorreu com calma e organização. Ao grupo de participantes juntaram-se dois elementos do grupo A para ajudar os participantes mais novos. Um dos elementos ficou responsável pela pistola de cola quente e o outro ajudou a limpar e arrumar os materiais no final do ateliê. Correu muito bem a partilha de tarefas e o espírito de interajuda.

O entusiasmo acompanhou os participantes até ao final da atividade. Alguns participantes quiseram decorar uma segunda caixa para oferecerem aos seus familiares, e assim aconteceu.

Registos da retina:

Era dia de visita. O acelerar da hora para ir almoçar, acelerava de igual modo a escolha dos materiais. A segunda caixa tinha que acontecer. Ouviram-se umas chaves. Perceberam de imediato que seria uma das auxiliares a fazer a última chamada para o almoço. A auxiliar entrou na sala, a sua voz era grave e as palavras firmes. Era de facto a última chamada para almoçar. Os corpos queriam ficar, as mãos procuravam feltros da cor que o pai e a mãe gostam. A observação fazia doer. A retina sentia-se a inundar por beber de tamanha resiliência. As *crias* queriam mimar os progenitores, ou quiçá oferecer-lhes um mote de luta a querer dizer “gosto muito de ti...não desistas de mim...hoje até tenho um presente para te oferecer!” O desencaixe queria encaixar.

Palavras do observador: Puzzle

Organização da primeira fase de ateliês

Ateliês com temas diferenciados para os grupos A e B

	1ºMomento (Receção dos participantes)	2ºMomento Grupo A	3ºMomento Grupo B
“EncontrArte”	Construir e decorar barcos de cartolina		
Recorta e cola a tua Arte		Construir a partir de material remanescente	
Pinta a cor da tua chuva			Pintar numa folha A3 a “cor da chuva”

Ateliês com temas partilhados pelos grupos A e B

	4ºMomento	5ºMomento	6ºMomento	7ºMomento	8ºMomento
	Grupo A	Grupo B	Grupo B	Grupo A	Grupo B
Construção criativa com rolhas	X	X	X (Concluir Trabalhos)		
Decorar caixas com Arte				X	X

Registo da segunda fase dos ateliês

Programa desenhado para o Trabalho de Projeto

O segundo momento de registos é marcado pelo início da aplicação do programa desenhado para o Trabalho de Projeto. Os ateliês foram planificados para acontecerem em três momentos distintos.

Planificação dos Ateliês

	1º Momento	2º Momento	3º Momento
Ateliê Joan Miró	X		
Ateliê Ana Pimentel		X	
Ateliê Tela Livre			X

Os materiais utilizados nos diferentes ateliês, resultam da escolha da investigadora. Todos eles, sem exceção, estabelecem um fio condutor com Joan Miró e Ana Pimentel.

É importante referir que a escolha dos materiais para os ateliês Ana Pimentel foi feita com sensibilidade a respeitar a diversidade, a cor, a textura, a forma e a presença de alguns recursos da cultura tradicional portuguesa. Todos os materiais estão referenciados no registo pormenorizado das atividades.

Recursos materiais

	Materiais	Materiais	Materiais
Ateliê Joan Miró	<ul style="list-style-type: none">• Pincéis• Tintas• Telas 30x40		
Ateliê Ana Pimentel		<ul style="list-style-type: none">• Tintas• Pincéis• Telas 40x60	

- Rendas
- Utensílios da vida Prática
- Diferentes materiais de retrosaria

Ateliê Tela Livre

Todos os materiais enunciados para os ateliês Joan Miró e Ana Pimentel

A apresentação de Joan Miró e Ana Pimentel foi feita com recurso à multimédia, através da apresentação de *powerpoints* com o objetivo de informar os participantes sobre algumas características e curiosidades dos dois artistas plásticos.

Os registos que se seguem são momentos significativos observados pela investigadora no decurso dos trabalhos realizados com os participantes.

Ateliê Joan Miró



1º Ateliê: Joan Miró: Agarra as cores de Miró

Grupo A – 13/16 anos (06 de janeiro de 2013)

Registo da atividade

O ateliê Joan Miró marcou a entrada no plano traçado para o Trabalho de Projeto. Foi apresentado *powerpoints* ao grupo com um conteúdo em “jeito de sumário” sobre o artista plástico. Após a visualização dos slides, foram definidas as regras a considerar para a pintura das “telas Miró”.

Objetivos para o Ateliê Miró:

- Inserir o grupo de participantes na temática do Trabalho de Projeto a desenvolver no ateliê.
- Estimular a atenção para os pormenores da Arte de Miró relativamente ao traço, à forma e às cores utilizadas nas suas produções.
- Estimular a organização pessoal na planificação mental e na produção em tela.
- Observar a destreza/manuseamento/utilização dos materiais.
- Observar a adesão às características da Arte de Miró.
- Observar a relação participante *versus* tela.

Estratégias:

- Criar um ambiente tranquilo e acolhedor.
- Explicar aos participantes qual o tema/proposta de trabalho a desenvolver no ateliê.
- Apresentar as regras para o ateliê.
- Oferecer autonomia para a utilização dos materiais.

Recursos Humanos:

- Nove participantes com idades compreendidas entre os treze e os dezasseis anos.
- Investigadora
- Convidadas - Voluntária da Santa Casa da Misericórdia e amiga da investigadora para auxiliar no registo fotográfico de momentos significativos.

Recursos materiais:

- Suporte musical à escolha do grupo
- Telas 30x40
- Tintas acrílicas
- Pincéis

Descrição da atividade

Regra para o ateliê

Cada participante deverá pintar a sua tela considerando o mote:

Agarra as Cores de Miró

Para o “Ateliê Miró” ficaram disponíveis telas, tintas, pincéis e godés. As mesas foram forradas com folhas de jornal, cada participante colocou em cima da mesa a sua tela, após ter retirado a membrana de plástico que a envolvia e o pensamento acontecia.

Avaliação da atividade

Os participantes entraram na sala de reuniões do Lar organizada para a visualização do *Powerpoint* sobre Joan Miró. Estiveram atentos aos slides que iam passando, mas em paralelo, sentiam uma vontade enorme que terminasse a exposição para passarem imediatamente às telas. Estavam ansiosos, com a criatividade a brotar, já tinham agarrado as cores de Miró. A investigadora acalmou o grupo, lembrando a importância de ser construído um fio condutor entre aquele momento de partilha, de informação e o momento onde efetivamente iriam “reproduzir” Joan Miró.

O grupo acalmou e antes de passarem à visualização de um vídeo sobre a construção da tela “The Garden”, a investigadora acrescentou alguns itens de pesquisa para conferir estrutura de suporte às características afloradas sobre Miró. Desta forma, os temas *Fauvismo* e *Dadaísmo* foram apresentados.

Os sentidos ficaram atentos, sobretudo com a explicação do termo *Dadaísmo* por se tratar de um “desafio a tudo o que é lógico”. Foi explicado como sendo uma forma de

produzir Arte com base no estilo *nonsense*, com o objetivo de inverter o sentido “normal”/natural dos corpos, dos materiais e objetos.

Terminada a apresentação, em silêncio os participantes caminharam até ao espaço ateliê onde aconteceu o brotar com cor sobre as telas.

Os participantes ficaram instalados, uns sentados às mesas, outros deitaram o corpo quente a fluir de criatividade no chão.



As produções foram acontecendo em simultâneo com algumas “birras de charme” a provocar a atenção individualizada da investigadora. Esta é uma prática comum de alguns participantes.

Durante o decorrer do ateliê ouve-se em jeito de “pano de fundo” a voz do participante C:

- “Está tudo podre. É tudo podre. Não consigo fazer nada...”

Neste momento é importante recorrer à perspicácia para “saber fazer acontecer”. A investigadora “rebusca a bolsa” onde guarda a sua experiência como docente e atua em conformidade com a necessidade. A distância entre o ser observador e o participante nestes momentos **tem que diminuir**. As particularidades gritam alto, os sentidos reclamam e a resposta ajustada tem que acontecer. A regra do ateliê nunca é alterada, sendo que no interior de um discurso, na tentativa de ser assertivo, estão implícitos afetos e estímulos positivos. A estratégia resulta e o participante retoma o seu trabalho num sorriso mordido. Ultrapassadas as “barreiras de alerta”, os trabalhos fluem, cada um ao seu ritmo.

As telas começam a ser levantadas num braço firme com um a boca a dizer:

- “Já terminei e agora o que faço? Posso subir ou precisas de mim?”.

Voz dos participantes

As vozes dos participantes começam a encontrar “Palavras Arte”. A relação entre os diferentes recursos humanos vai securizando lentamente, proporcionando à investigadora um reduzido momento de registo.

As perguntas não estavam construídas com intencionalidade, mas a investigadora percebeu que os participantes queriam falar das suas produções. A “esferográfica bailou” sobre uma folha beije de um caderno preto para rabiscar “notas soltas”.

1. Qual foi a fonte de inspiração para realizares o teu trabalho?
2. Que nome (título) dás à tua Obra de Arte?
3. O que dizem os teus sentidos sobre o ambiente partilhado no ateliê Joan Miró?

Resposta à questão número um:

Participantes	Resposta
A	“Inspirei-me no trabalho da colega que estava à minha frente. Depois pensei, vou fazer um barco ou um polvo...depois imaginei um vulcão e a gota. O balão foi de Miró, o castanho foi no tronco da árvore de Miró e os foguetes foi na Constelação de Miró.”
B	“Inspirei-me em Miró. As algas foram num desenho que já tinha feito. As bolas foram inspiradas no olho de Miró.”
C	“A minha inspiração foi no trabalho do 1º ateliê...a cor, a forma e o traço de Miró, também gostei dele a imaginar as coisas diferentes.”
D	“Gostei da cor, da forma, gostei de tudo. Também gostei dos olhos, são observação. ”
E	“Respeitei a cor.”
F	“A inspiração foi em Miró e em Luís Royo, um pintor espanhol que gosto muito.”
G	“Foi em Miró, no olho e na cor.”
H	“Foi na cor de Miró.”
I	“Olhei para o desenho de uma amiga, mas eu não ia fazer aquilo, ia fazer uma flor.”

Resposta à questão número dois:

Participantes	Resposta
A	“Ar puro.”
B	“Blue and Red. Miró também tem um Blue.”
C	“Sentido.”
D	“A Barafunda.”
E	“Natureza Amorosa.”
F	“Perdido...é uma pessoa perdida na escuridão, mas está lá a estrela para encontrar caminho. Miró também tem lá uma estrela.”
G	“Amizade e Amor.”
H	“Ana Luísa.”
I	“Inventado.”

Resposta à questão número três:

Participantes	Resposta
A	“União, lutar pela vida, construir formas, quer dizer, mostrar aos outros formas de estar e de sentir, são os meus sentimentos...estou mais livre nos meus sentimentos, libertei-me mais.”
B	“Serenidade a pintar.”
C	“Brincadeira, porque brincámos com as cores e com as formas.”
D	“Felicidade.”
E	“Arte.”
F	“Inspiração.”
G	“Senti-me feliz! Para mim o ateliê é uma Arte. Quando eu estou triste desenho, desabafo com os desenhos. Quando desenho sai tudo cá para fora. Miró gosta de cores e de formas.”
H	“Madeixa com cor.”
I	“Arte é uma coisa que criamos lá dentro de nós, é um inventado e fazemos arte...”

O cenário era repetido...os participantes terminavam o colorir da sua tela, aproximavam-se da investigadora e aguardavam um sinal para oferecerem o seu registro. O ateliê teve espaço entre desafios e conquistas.

Registos da retina

O ateliê acolheu pela primeira vez um participante. Era companheiro de caminhada há pouco mais de vinte e quatro horas. Entrou em silêncio. O olhar e os gestos eram tímidos, mas não envergonhados. Até ao momento de se entregar à tela branca, tudo parecia normal. A metamorfose surpreendeu-nos numa luta incessante entre os materiais. Eram tintas, pincéis e uma tela a ganhar cor. A precisão do gesto ganhava lugar no espaço escolhido para tatuar o que viajava em todos os seus sentidos. Olhos, mãos, ouvidos, boca, e nariz estavam despojados sobre uma “tela vulcão”.

Palavras do observador: Flor da Pele.

Ateliê Joan Miró



2º Ateliê: Joan Miró: Agarra as cores de Miró

Grupo A – 13/16 anos (20 de janeiro de 2013)

Registo da atividade

O segundo encontro para o ateliê Joan Miró foi marcado pela presença de alguns participantes que não tinham estado presentes no ateliê anterior. À semelhança do primeiro momento Joan Miró, foi apresentado o mesmo *powerpoint*® ao grupo com sobre o artista plástico e após a visualização dos slides, foram apresentadas as regras a considerar para a pintura das “telas Miró”.

Objetivos para o Ateliê Miró:

- Inserir o grupo de participantes na temática do Trabalho de Projeto a desenvolver no ateliê.
- Estimular a atenção para os pormenores da Arte de Miró relativamente ao traço, à forma e às cores utilizadas nas suas produções.
- Estimular a organização pessoal na planificação mental e na produção em tela.
- Observar a destreza/manuseamento/utilização dos materiais.
- Observar a adesão às características da Arte de Miró.
- Observar a relação participante *versus* tela.

Estratégias:

- Criar um ambiente tranquilo e acolhedor.
- Explicar aos participantes qual o tema/proposta de trabalho a desenvolver no ateliê.
- Apresentar as regras para o ateliê.
- Oferecer autonomia para a utilização dos materiais.

Recursos Humanos:

- Seis participantes com idades compreendidas entre os catorze e os dezasseis anos.
- Investigadora
- Convidadas - Voluntária da Santa Casa da Misericórdia e amiga da investigadora para auxiliar no registo fotográfico de momentos significativos.

Recursos materiais:

- Suporte musical à escolha do grupo
- Telas 30x40

- Tintas acrílicas

- Pincéis

Descrição da atividade

Regra para o ateliê

Cada participante deverá pintar a sua tela considerando o mote:

Agarra as Cores de Miró

Para o segundo “Ateliê Miró” a organização do ambiente educativo foi feita à semelhança do primeiro. Para os participantes ficaram disponíveis telas, tintas, pincéis e godés. As mesas foram forradas com folhas de jornal e cada participante colocou em cima da mesa a sua tela. Após terem retirado a membrana de plástico que a envolvia, a cor surgia em cima da tela.

Avaliação da atividade

O ateliê foi marcado com a presença de quatro participantes que ainda não haviam realizado o “ateliê Miró” e por outros dois que se juntaram para repetir a reprodução da “inspiração Miró”.

O *Powerpoint* foi apresentado aos participantes, a investigadora fez uma abordagem às características da Arte de Miró, com destaque à cor e à corrente artística por ele seguida, pelo que foram explicados aos participantes os termos *Fauvismo* e *Dadaísmo*. Durante a explicação os rostos estavam atentos, curiosos. Uma vez mais o “Dadaísmo” surpreendeu e interessou os participantes.

À semelhança do “primeiro grupo Miró”, os participantes mostraram uma reação positiva, de contentamento no momento de visualizarem o vídeo apresentado sobre a construção da tela “The Garden”. Uma vez mais, os sentidos ficaram atentos.

À exceção dos dois participantes que quiseram repetir o “ateliê Miró”, os restantes não apresentaram muita motivação. Justificaram-se com o cansaço escolar acumulado e com a particularidade da semana que se seguia ser “carregada” de provas de avaliação. A investigadora fez uma pequena abordagem aos participantes incentivando-os por um lado e deixando-os, por outro, à vontade para decidirem com base nas suas necessidades e vontades. Ainda assim, o grupo preferiu ficar.

A investigadora lembrou os participantes sobre a importância de ser construído um fio condutor entre a informação cedida através do *Powerpoint* e o momento de pintarem com a inspiração a recordar Joan Miró.

Durante o ateliê quatro participantes pintaram as telas ajustando a regra ao imaginado. Os dois participantes que repetiam o ateliê Miró concentraram-se, baixaram a cabeça sobre a tela deixando a criatividade acontecer.

Voz dos participantes

À semelhança do ateliê anterior, a investigadora procurou “Palavras Arte” junto dos participantes. Ainda que o “não gostar de falar de si” reclame a sua presença, as questões lançadas no primeiro “ateliê Miró” tiveram respostas.

1. Qual foi a fonte de inspiração para realizares o teu trabalho?
2. Que nome (título) dás à tua Obra de Arte?
3. O que dizem os teus sentidos sobre o ambiente partilhado no ateliê Joan Miró?

Resposta à questão número um:

Participantes	Resposta
A	“Nos desenhos que eu faço em casa.” [Repetiu ateliê Miró.]
B	“Em nada.”
C	“A inspiração não foi nenhuma.”
D	“Na ternura.”

E	[Não respondeu.]
F	[Repetiu ateliê.]

Resposta à questão número dois:

Participantes	Resposta
A	“S.”
B	“Pokémix.”
C	“Liberdade.”
D	“Morzad.”
E	[Não respondeu.]
F	[Não respondeu.]

Resposta à questão número três:

Participantes	Resposta
A	“Os meus sentidos dizem preto e verde. Preto é uma cor bonita e o verde é a cor da relva. É um desenho, não sinto nada. O “S” é de uma terra que eu gosto muito.”
B	[Não respondeu.]
C	“Imaginação.”
D	“Magalinha.”
E	[Não respondeu.]
F	[Não respondeu.]

Para este momento com Joan Miró, fica o registo de um ateliê silencioso onde os olhares se fixaram nas telas, entre o querer e o conseguir fazer, a terminar com respostas demoradas e curtas.

Registos da retina

1º Registo

Os participantes estiveram em número reduzido, mas os registos da retina são muitos para este “ateliê Miró” a terminar com uma sensação de “silêncio ensurdecido”. Os sentidos ficaram soltos como se de migalhas se tratassem. O vazio nunca tinha sido sentido antes pela investigadora. Não era um vazio físico, era um vazio retratado em

todos os nossos sentidos. Ficou tatuado na pele o silêncio das gargalhadas, da criatividade a brotar, dos objetos a navegar de mão em mão, dos repetidos pedidos de ajuda, dos olhares cruzados a gritar “estou a conseguir!”.

A manhã teve início com a subida da investigadora a uma das unidades para ir falar com um dos participantes. A subida da investigadora foi motivada pela acreditação na sensibilidade e talento do participante. Subidas as escadas, a investigadora entrou na sala em jeito de *kitchentte* onde encontrou outros participantes. Ainda cheirava a pequeno-almoço naquele espaço. Ligeiramente, apareceu o jovem com um punhado de cereais aconchegados na mão esquerda, enquanto a mão direita os colocava dentro da boca para um som crocante. O jovem olhou para a investigadora e disse “Oh não!”. A investigadora estendeu-lhe a mão sem nada dizer. A mão foi apertada e o resultado, deste gesto sem palavras, foi uma tela com cores “agarradas de Miró”!

Palavras do Observador: Palma da Mão.

2º Registo da Retina

A retina do observador registou ainda o “grito mudo” de um participante a pedir ajuda, a pedir estímulo para uma frase que poderia exprimir sentimentos como “salvem-me desta tela branca”. Agarrar as cores de Miró não foi fácil para o participante B deste ateliê. Para momentos onde a autoestima, o ego dos participantes está frágil, a necessitar de impulsos positivos, o investigador recorre a momentos guardados de ateliês anteriores. A conversa acontece com recurso a uma linguagem simples, objetiva e positiva por entre a divagação de escolhas já desenhadas pelo participante. Os olhos e as mãos da investigadora debruçaram-se sobre a tela e sobre o participante. Neste momento os sentidos de ambos cruzaram-se e montaram uma espécie de mandala de proteção do positivo a filtrar o medo e a insegurança. A resposta foi encontrada por entre uma frase repetida vezes sem conta pelo participante. “Eu não sei fazer nada. Eu não sei fazer nada. Eu não sei fazer nada.”

A responsabilidade de desenhar sobre a tela talvez fosse imensa. A investigadora afastou-se, abriu a gaveta branca de madeira, retirou algumas “folhas brancas” e aproximou-se novamente do participante. Três folhas lisas A5 resolveram a ansiedade.

Uma “cola *baton*” foi passada pela extremidade de cada folha. A investigadora uniu-as e ofereceu-as ao participante juntamente com um lápis de carvão e uma borracha. Traço, após traço, o imaginado acontecia. A mandala de proteção já lá não estava, o que reinava naquele momento eram apenas as palavras que provavelmente giravam na cabeça, nos sentidos do participante em jeito de “eco”.



Palavras do observador: Ecolalia.

3º Ateliê: Joan Miró: Agarra as Cores de Miró

Grupo B – 5/13 anos (26 de janeiro de 2013)



Registo da atividade

À semelhança dos anteriores ateliês com o tema “Joan Miró”, foi apresentado o *Powerpoint* ao grupo sobre o artista plástico. Uma vez mais os participantes surpreenderam a investigadora! Após ter feito o “click” na tecla para iniciar a apresentação, fizeram apelo à leitura em voz alta, levantando de imediato o dedo para ganharem vez na ordem de leitura. Os participantes leram os slides de forma alternada e organizada e, por cada leitura, a investigadora ia acrescentando informação para os itens lidos pelas crianças. Após a visualização do *Powerpoint* foram apresentadas as regras a considerar para a pintura das “telas Miró”. Terminada a apresentação, o grupo passou para o “espaço ateliê” para dar continuidade à atividade.

Objetivos para o Ateliê Miró:

- Inserir o grupo de participantes na temática do Trabalho de Projeto a desenvolver no ateliê.
- Estimular a atenção para os pormenores da Arte de Miró relativamente ao traço, à forma e às cores utilizadas nas suas produções.
- Estimular a organização pessoal na planificação mental e consequente “representação gráfica”.

- Observar a destreza/manuseamento/utilização dos materiais.
- Observar a adesão às características da Arte de Miró.
- Observar a relação participante *versus* tela.

Estratégias:

- Criar um ambiente tranquilo e acolhedor.
- Explicar aos participantes qual o tema/proposta de trabalho a desenvolver no ateliê.
- Apresentar as regras para o ateliê.
- Oferecer autonomia para a utilização dos materiais.

Recursos Humanos:

- Catorze Participantes com idades compreendidas entre os cinco e os treze anos
- Investigadora
- Convidadas- Voluntária da Santa Casa da Misericórdia e amiga da investigadora para auxiliar no registo fotográfico de momentos significativos.

Recursos materiais:

- Suporte musical à escolha do grupo
- Telas 30x40
- Tintas acrílicas
- Pincéis

Descrição da atividade

Regra para o ateliê

Cada participante deverá pintar a sua tela considerando com o mote:

Agarra as Cores de Miró

O grupo de participantes entrou no ateliê numa corrida acelerada para dar início ao trabalho com inspiração em Miró. Não solicitaram ajuda para retirar a película transparente à tela e quiseram iniciar imediatamente a atividade.

Avaliação da atividade

O ateliê teve uma excelente dinâmica. Os participantes aderiram positivamente à apresentação do *Powerpoint*. A participação ativa dos participantes durante a apresentação ganhou destaque e floreou o momento com abordagens pertinentes aos slides sobre a obra de Joan Miró.

Algumas leituras ganharam cor e voz em uníssono. As cores de Miró foram lidas em voz alta por todos os presentes assim como os seus traços e formas. Num destes momentos um dos participantes levantou-se da cadeira e esticou o seu dedo indicador junto à televisão onde “deslizavam” os *slides*. Foi para ele importante destacar os pontos negros, os círculos desenhados por Miró sobre a tela branca.

Inferências dos Participantes durante a apresentação do *Powerpoint*:

Por cada slide que aparecia faziam a leitura em voz alta para “darem voz” à cor e à forma, fazendo em alguns momentos uma observação mais detalhada com destaque especial para os “olhos” desenhados por Miró na obra “Constelações” (uma série de vinte e três telas pintadas no período da segunda Guerra Mundial) através da escolha de uma das telas apresentada no slide número dezasseis do *Powerpoint*.

À semelhança dos grupos anteriores, os participantes gostaram de observar o slide número dezoito, com a apresentação da obra de Joan Miró “The Garden”, através de um vídeo onde “acontece” a construção dos elementos que constituem a tela.

O slide número vinte e um apresenta a tela com o título “Circo” e suscitou uma apreciação do participante B deste ateliê, dizendo que “as pessoas que Miró desenha parecem pássaros”.

Para o slide número vinte e dois, o participante N lançou o desafio aos colegas participantes referindo que “o boneco da apresentação parece um boneco de neve, não acham?”. Este boneco é uma das esculturas expostas na Fundação Miró em Barcelona, onde uma vez mais os participantes puderam observar e encontrar referência às cores e formas de Miró.

O percurso dos “ateliês Miró” terminou com muito empenho e sorrisos dos participantes. Foi extraordinário observar a adesão à atividade, o manuseamento dos materiais, a felicidade de pintarem a sua tela sempre com a preocupação de seguirem e respeitarem a regra estabelecida para o ateliê “Agarra as cores de Miró”.

Voz dos participantes

Para este ateliê cheio de energia e criatividade, ficaram registadas “Palavras Arte” para do grupo a agarrar as cores de Miró.

1. Qual foi a fonte de inspiração para realizares o teu trabalho?
2. Que nome (título) dás à tua Obra de Arte?
3. O que dizem os teus sentidos sobre o ambiente partilhado no ateliê Joan Miró?

Resposta à questão número um:

Participantes	Resposta
A	“As cores de Miró.”
B	“Lembrei Miró, quero dizer, o Senhor Miró.”
C	“Pensei nos trabalhos de Miró.”
D	“Lembrei as cores de Miró.”
E	“As cores.”
F	“As cores e a forma.”
G	“As cores e de fazer uma bolinha.”
H	“Foi a Miró.”
I	“Foi no vídeo.”
J	“Nas cores de Miró.”
K	“Do homem Miró.”
L	“Gostei muito de Miró.”
M	“Pensei numa árvore de natal azul, rosa, preto, laranja, amarelo e verde.”
N	“Agarrei a cor, a forma e a bola.”

Resposta à questão número dois:

Participantes	Resposta
A	“Mémé.”
B	“Pintainho amarelo com nuvens azul e boca vermelha.”
C	“Pintainho de amarelo.”
D	“As cores de Miró.”
E	“Anatomia.”
F	“Mundo ao contrário.”
G	“Corações a colorir.”
H	“Manuel.”
I	“Estrela de Miró.”
J	“Arte de África.”
K	“Miminho.”
L	“Os três.”
M	“Pintura de Pensar.”
N	“Bola de fogo rasgante.”

Resposta à questão número três:

Participantes	Resposta
A	“Os pequenos sentidos.”
B	“Ateliê de brincar.”
C	“Pensar e fazer. Porque pensei e fiz.”
D	“Alegria a pintar.”
E	“Família.”
F	“Vida de Miró.”
G	“Vida de Miró.”
H	“Quadro das cores.”
I	“Melhor dia de todos.”
J	“Estrelas brilhantes.”
K	“Jovi carinhoso.”
L	“Mary.”
M	“Pintar, olhar e gostar.”
N	“Os pintores.”

Registos da retina:

Para além de um braço esticado a descobrir cores e formas de Miró, a investigadora guarda na sua retina as vozes em uníssonos dos participantes a fazerem leitura em voz alta. Inevitavelmente a retina registou um arco-íris a fazer eco com o vermelho, o amarelo, o azul, o verde e ainda o preto a dar traço e forma aos círculos, aos olhos, aos pássaros...a todas as formas desenhadas/pintadas por Miró.

Palavras do observador: Sopros com cor.

1º Ateliê: Ana Pimentel: Sente a tua Arte

Grupo A – 13/16 anos (27 de janeiro de 2013)



Registo da atividade

O ateliê Ana Pimentel pode ser caracterizado como um desafio para os participantes pelo leque variado de materiais escolhidos para oferecer cor, forma e texturas variadas a proporcionar um ambiente acolhedor. Uma mesa de matraquilhos transformada numa banca de materiais, foi o espaço criado para ser visitado pelos participantes, para entre o olhar e o pensamento acontecer a seleção para dar cor a uma tela branca.

Objetivos para o Ateliê Ana Pimentel:

- Inserir o grupo de participantes na temática do Trabalho de Projeto a desenvolver no ateliê.
- Estimular a atenção dos participantes para os pormenores da Arte de Ana Pimentel relativamente ao traço, à forma e às cores, aos materiais utilizados nas suas produções.
- Estimular a organização pessoal na planificação mental e na produção em tela.
- Observar a destreza/manuseamento/utilização dos materiais.
- Observar a adesão às características e materiais da Arte de Ana Pimentel.
- Observar a relação participante *versus* tela.

Estratégias:

- Criar um ambiente tranquilo e acolhedor.
- Explicar aos participantes qual o tema/proposta de trabalho a desenvolver no ateliê.
- Apresentar as regras para o ateliê.
- Oferecer autonomia na escolha, utilização e gestão dos materiais.

Recursos Humanos:

- Doze participantes com idades compreendidas entre os treze e os dezasseis anos.
- Investigadora
- Convidada- Voluntária da Santa Casa da Misericórdia e amiga da investigadora para auxiliar no registo fotográfico de momentos significativos.

- Professora Doutora Maria do Carmo Vieira da Silva, Tutora do presente Trabalho de Projeto a convite da investigadora para uma presença informal no ateliê

Recursos materiais:

- Suporte musical “Ryuichi Sakamoto” (escolha da investigadora por ser a “banda sonora” do vídeo apresentado ao grupo de participantes sobre o trabalho de Ana Pimentel)
- Telas 40x60
- Tintas acrílicas
- Pincéis
- Tesouras
- Pistolas de cola quente
- Tubos de cola quente
- Cola branca
- Cola batom
- Cola em bisnaga
- Marcadores
- Compasso
- Lápis de carvão
- Catorze cestos de plástico para os participantes fazerem a recolha individual dos materiais
- **Um leque variado de materiais selecionados com a intencionalidade de seguir o fio condutor da cor e dos materiais utilizados por Ana Pimentel nas suas produções. Desta forma ficaram disponíveis:**
- Talheres de plástico (garfos, colheres, facas) com as cores azul, amarelo e verde
- Varetas de acrílico para misturar cocktails com as cores azul, amarelo, verde e rosa

- Fios fantasia de plástico de várias cores para fazer enfiamentos de missangas
- Corda e plástico com as cores verde, azul, amarelo e rosa
- Coadores de alumínio
- Corações fantasia de metal prateado
- Peças fantasia de metal prateado
- Tampas de plástico de cor verde
- Envelopes de plástico de cor azul, rosa, verde e amarelo
- Molas de madeira
- Molas de plástico com as cores verde, azul, rosa e amarelo
- Pulseiras de criança de metal com as cores azul, rosa e prateado
- Purpurinas com as cores verde, rosa, vermelho, azul, amarelo, dourado, prateado
- Cola com fantasias (estrelas prateadas)
- Canetas para delinear e fazer relevos de várias cores
- Pequenos frascos de plástico (de laboratório para a colheita de amostras)
- Banda decorativa de plástico xadrez com as cores verde, azul e vermelho
- Placas de borracha antiderrapante com as cores verde, laranja
- Folhas artificiais de plantas com as cores verde e laranja
- Folhas artificiais de plantas de cor verde com brilhantes
- Flores artificiais de seis variedades (malmequeres, rosas, jarros, hortências, gerberas, “crisântemos” lilases)
- Rede de florista

Retrosaria

- Fitas de fantasia com as cores rosa, azul e verde

- *Pompons* brilhantes com as cores rosa, verde, vermelho, branco e azul
- Botões de plástico de várias cores e tamanhos
- Fitas de renda com as cores verde, azul, vermelho e amarelo (de várias larguras)
- Fitas de seda com as cores rosa, amarelo, laranja, azul, verde
- Fitas de fantasia de várias cores
- Cordões de algodão com as cores vermelho, amarelo, azul, verde e laranja
- Gorgorões com as cores verde, azul, amarelo, vermelho
- Fitas de metal com brilhantes
- Placas de feltro com cores amarelo, azul claro e escuro, azul-turquesa, verde-claro e escuro, laranja, rosa choc, rosa suave, preto, vermelho, roxo, lilás, cinza,
- Rolo de rede fantasia de cor roxo
- Rolo tecido com fantasias de cor prateada
- Lantejoulas com diferentes formas e cores
- *Tule* de várias cores
- Placas de *Scott Britt®* de várias cores
- Missangas com várias cores e formas
- Linhas de *crochet* de várias cores
- Lãs de várias cores

Trabalho realizado por assistentes convidadas

- Pompons* de lã
- Rosetas de *crochet*
- Rosetas de lã
- Rosetas de trapilho

Descrição da atividade

Regra para o ateliê

Sintam a vossa Arte através da utilização dos diferentes materiais expostos. Eles representam o fio condutor da cor, da forma e da textura de alguns materiais utilizados por Ana Pimentel na construção das suas telas.

Os participantes demoraram a descer para a sala de reuniões. A investigadora subiu às unidades para tentar perceber se a razão da demora estava entre o estarem a organizar-se para descer ou a decisão de não participar no ateliê. Alguns jovens estavam de facto a terminar as suas tarefas da manhã, pelo que desceram de seguida.

A investigadora iniciou a exposição na sala de reuniões, fez uma abordagem ao tema do ateliê e apelou à atenção e sensibilidade dos participantes para observarem os pormenores das obras apresentadas nos diferentes slides da apresentação em *Powerpoint*. Para além do olhar atento sobre Ana Pimentel, sugeriu o desafio para recordarem as características exploradas no ateliê Joan Miró.

A apresentação do *Powerpoint* aconteceu calmamente, a investigadora foi reforçando os slides apresentados com a intenção de sustentar e acrescentar mais-valias à informação cedida pelos slides, assim como para fazer a ponte com os dois artistas plásticos, Ana Pimentel e Joan Miró.

Os participantes fizeram poucas inferências no momento de apresentação do *Powerpoint*. Um dos participantes perguntou à investigadora “qual o lugar da exposição apresentada através do vídeo escolhido?”. A investigadora não soube responder, pelo que prometeu a resposta ao participante no ateliê seguinte.

Terminada a apresentação do *Powerpoint*, os participantes passaram para o ateliê organizado previamente pela investigadora, para que os participantes se pudessem organizar no espaço e na escolha dos diferentes materiais disponíveis.

Cada participante ocupou o seu lugar, retirou a película que envolvia a tela e a Arte de cada um ia ganhando cor e forma.

Voz dos participantes

Os olhares fixavam-se no espaço envolvente, nas telas, nas mãos a entrelaçar dedos, mas, ainda assim, foram conseguidas respostas curtas com “Palavras Arte” a guardar nas suas entrelinhas sensações com todos os sentidos em alerta.

1. Qual foi a fonte de inspiração para realizares o teu trabalho?
2. Que nome (título) dás à tua Obra de Arte?
3. O que dizem os teus sentidos sobre o ambiente partilhado no ateliê Ana Pimentel?

Resposta à questão número um:

Participantes	Resposta
A	[Não respondeu.]
B	[Não respondeu.]
C	“Pensei nas cores que tinha visto e no vídeo.”
D	“Na explicação.”
E	“Na morte e no amor.”
F	“Fui fazendo.”
G	“Pensei no que ia fazer. Fiz uma cara e depois pensei em fazer outra e fiz uma família.”
H	“Pensei num jardim.”
I	“Ana Pimentel.”
J	“Em coisas que eu gosto.”
K	“Foi tudo misturado.”

Resposta à questão número dois:

Participantes	Resposta
A	“Jardim das aranhas.”
B	”Flores brilhantes.”
C	“Colorido.”
D	“Brilhante.”
E	“Carta.”

F	“Fantasia.”
G	“A nossa geração.”
H	“As cores da primavera.”
I	“Pureza.”
J	“Entrelaçado.”
K	“Mundo jardim”

Resposta à questão número três:

Participantes	Resposta
A	[Não respondeu.]
B	[Não respondeu.]
C	“Bom dia!”
D	“Obrigado.”
E	“Diversão.”
F	“Desafio.”
G	“Harmonia.”
H	“Cor, arte, muita inspiração, muita invenção.”
I	“Mergulho na cor.”
J	“Despertador de talentos.”
K	“Imaginação.”

Avaliação da atividade

O ateliê ganhou cor, forma e a sensibilidade dos participantes tocou em todos os seus sentidos. O desafio ia para além da relação entre o participante e a sua tela, entre *godés* com tintas ou com água para lavar as diferentes cerdas dos pincéis. A provocação exigia sentidos e sensibilidades em aferição para uma escolha de materiais.

Os cestos disponíveis iam sendo recheados de materiais escolhidos pelos participantes. As vozes a pedir ajuda à investigadora começaram a ganhar entoação no ateliê Ana Pimentel. Todos os convidados presentes no ateliê foram solicitados sem exceção.

À semelhança de outros ateliês, alguns participantes ficaram entre o limiar do querer e da insegurança, necessitando de estímulos positivos, de uma voz a dar conforto e sentido à sua vontade.

Ana Pimentel foi ganhando presença nas diferentes telas. Curioso foi perceber que a maioria dos participantes não recorreu ao uso de tintas para dar cor à tela. A escolha incidu sobretudo nos diferentes materiais. Para este ateliê a voz dos participantes enunciou uma erupção a libertar cor, brilho, criatividade e emoções.

Registos da retina:

Os registos da retina guardam participantes a delirar com a possibilidade de escolherem um leque variado e colorido de materiais e ainda:

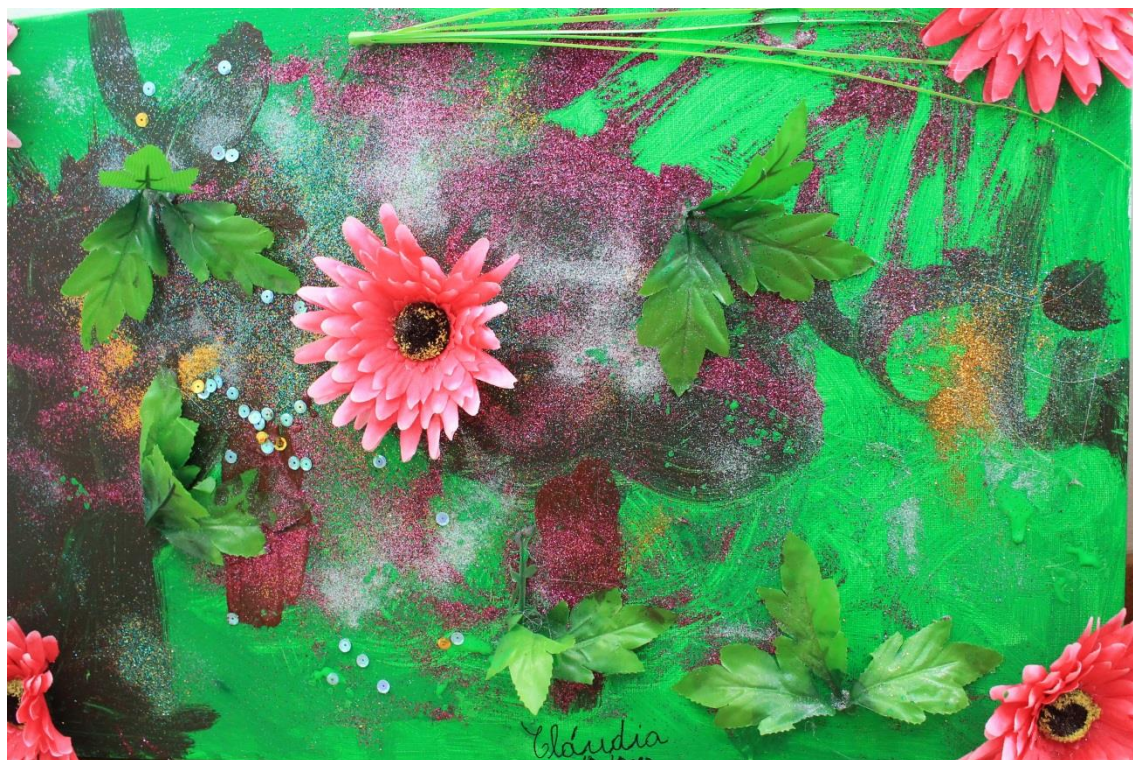
- a utilização decidido de purpurinas com cores variadas e cruzarem o caminho de uma tela entre fitas, gorgorões e flores artificiais;
- um “pau de espetadas” cheio de rosetas feitas de lã, uma caixa com rosetas de *crochet* e *pompons* dobados por mãos calejadas a dar cor e delicadeza à escolha de crianças e jovens;
- uma tela pintada com rostos de uma geração a marcar a “residência” de um participante com apenas vinte e quatro horas permanência no Lar;
- o olhar atento e maduro a revitalizar a” menina dos olhos” de quem um dia se cruzou e ainda se cruza com gente a crescer e a aprender, de quem cuidou e inovou com projetos, de quem agora acompanha outras “meninas de olhos” a ganhar estrutura e sentido numa vida académica.

A retina guarda, sobretudo, uma paleta de cores a despertar sentidos entrelaçados em muitas emoções.

Palavras do observador: Sentidos cruzados.

2º Ateliê: Ana Pimentel: Sente a tua Arte

Grupo B – 5/13 anos (02 de fevereiro de 2013)



Registo da atividade

O segundo ateliê Ana Pimentel iniciou-se com muita energia por parte dos participantes. Pela segunda vez o ateliê foi organizado previamente para que crianças e jovens sentissem apelo e vontade de trabalhar, de explorar diferentes cores, texturas e formas.

Objetivos para o Ateliê Ana Pimentel:

- Inserir o grupo de participantes na temática do Trabalho de Projeto a desenvolver no ateliê.
- Estimular a atenção dos participantes para os pormenores da Arte de Ana Pimentel relativamente ao traço, à forma e às cores, aos materiais utilizados nas suas produções.
- Estimular a organização pessoal na planificação mental e na produção em tela.
- Observar a destreza/manuseamento/utilização dos materiais.
- Observar a adesão às características e materiais da Arte de Ana Pimentel.
- Observar a relação participante *versus* tela.

Estratégias:

- Criar um ambiente tranquilo e acolhedor.
- Explicar aos participantes qual o tema/proposta de trabalho a desenvolver no ateliê.
- Apresentar as regras para o ateliê.
- Oferecer autonomia para na escolha, utilização e gestão dos materiais.

Recursos Humanos:

- Doze Participantes com idades compreendidas entre os cinco e os treze anos
- Investigadora
- Convidadas- Voluntária da Santa Casa da Misericórdia e amiga da investigadora para auxiliar no registo fotográfico de momentos significativos.

Recursos materiais:

- Suporte musical Ryuichi Sakamoto (escolha da investigadora por ser a “banda sonora” do vídeo apresentado ao grupo de participantes sobre o trabalho de Ana Pimentel)
- Telas 40x60
- Tintas acrílicas
- Pincéis
- Tesouras
- Pistolas de cola quente
- Tubos de cola quente
- Cola branca
- Cola *baton*
- Cola em bisnaga
- Marcadores
- Compasso

- Lápis de carvão
- Catorze cestos de plástico para os participantes fazerem a recolha individual dos materiais
- **Um leque variado de materiais selecionados com a intencionalidade de seguir o fio condutor da cor e dos materiais utilizados por Ana Pimentel nas suas produções. Desta forma ficaram disponíveis:**
 - Talheres de plástico (garfos, colheres, facas) com as cores azul, amarelo e verde
 - Varetas de acrílico para misturar cocktails com as cores azul, amarelo, verde e rosa
 - Fios fantasia de plástico de várias cores para fazer enfiamentos de missangas
 - Corda de plástico com as cores verde, azul, amarelo e rosa
 - Coadores de alumínio
 - Corações fantasia de metal prateado
 - Peças fantasia de metal prateado
 - Tampas de plástico de cor verde
 - Envelopes de plástico de cor azul, rosa, verde e amarelo
 - Molas de madeira
 - Molas de plástico com as cores verde, azul, rosa e amarelo
 - Pulseiras de criança de metal com as cores azul, rosa e prateado
 - Purpurinas com as cores verde, rosa, vermelho, azul, amarelo, dourado, prateado
 - Cola com fantasias (estrelas prateadas)
 - Canetas para delinear e fazer relevos de várias cores
 - Pequenos frascos de plástico (de laboratório para a colheita de amostras)
 - Banda decorativa de plástico xadrez com as cores verde, azul e vermelho
 - Placas de borracha antiderrapante com as cores verde, laranja

- Folhas artificiais de plantas com as cores verde e laranja
- Folhas artificiais de plantas de cor verde com brilhantes
- Flores artificiais de seis variedades (malmequeres, rosas, jarros, hortências, gerberas)
- Rede de florista

Retrosaria

- Fitas de fantasia com as cores rosa, azul e verde
- *Pompons* brilhantes com cores rosa, verde, vermelho, branco e azul
- Botões de plástico de várias cores e tamanhos
- Fitas de renda com as cores verde, azul, vermelho e amarelo (de várias larguras)
- Fitas de seda com as cores rosa, amarelo, laranja, azul, verde
- Fitas de fantasia de várias cores
- Cordões de algodão com as cores vermelho, amarelo, azul, verde e laranja
- Gorgorões com as cores verde, azul, amarelo, vermelho
- Fitas de metal com brilhantes
- Placas de feltro com cores amarelo, azul claro e escuro, azul-turquesa, verde-claro e escuro, laranja, rosa choc, rosa suave, preto, vermelho, roxo, lilás, cinza,
- Rolo de rede fantasia de cor roxo
- Rolo tecido com fantasias de cor prateada
- Lantejoulas com diferentes formas e cores
- *Tule* de várias cores
- Placas de *Scott Britt*® de várias cores
- Missangas com várias cores e formas
- Linhas de *crochet* de várias cores

- Lãs de várias cores

Trabalho realizado por assistentes convidadas

- *Pompons* de lã
- Rosetas de *crochet*
- Rosetas de lã
- Rosetas de trapilho

Descrição da atividade

Regra para o ateliê

Sintam a vossa Arte através da utilização dos diferentes materiais expostos. Eles representam o fio condutor da cor, da forma e da textura de alguns materiais utilizados por Ana Pimentel na construção das suas telas.

Voz dos participantes

A voz dos participantes ofereceu “Palavras Arte” com base numa criatividade organizada entre o sentir, o pensar e o querer.

1. Qual foi a fonte de inspiração para realizares o teu trabalho?
2. Que nome (título) dás à tua Obra de Arte?
3. O que dizem os teus sentidos sobre o ambiente partilhado no ateliê Ana Pimentel?

Resposta à questão número um:

Participantes	Resposta
A	[Não respondeu.]
B	“Nos materiais de Ana Pimentel.”
C	“Nas bolas de Miró.”
D	“Nas flores de Ana Pimentel.”
E	“No powerpoint de Ana Pimentel.”
F	Não respondeu
G	“Nas flores de Ana Pimentel.”
H	“Na Ana Pimentel.”
I	“No branco, amarelo, azul e verde.”
J	“Em Ana Pimentel.”
K	“Imaginei com o pensamento.”
L	“Foi em Ana Pimentel, as cores e os materiais.”

Resposta à questão número dois:

Participantes	Resposta
A	“Espiral.”
B	”A flor da visão futura, do passado e do presente.”
C	“Círculos, fogo e olhos.”
D	“Flor.”
E	“Coração torcido.”
F	“Peixe de mar.”
G	“As flores.”
H	“Árvore de amor.”
I	”Jardim.”
J	“Mimi.”
K	”Salada de frutas.”
L	“As fitas.”

Resposta à questão número três:

Participantes	Resposta
A	“Familiar.”
B	“As pimentas, porque é Ana Pimentel.”
C	“Os pintores Pimentel.”
D	“Bonita Rosa.”
E	“Ateliê 5.”
F	“Pintura de Pincel.”
G	“Desenhos de colorir”
H	“Muita cor.”
I	”Arco-íris”
J	“Divertimento”
K	“Ateliê de compras.”
L	“Parece as compras”

Avaliação da Atividade

O ateliê era esperado pelos participantes do Grupo B com alguma ansiedade. A vontade de fazer, de continuar a descobrir, de construir era uma prática desejada pelas crianças e jovens.

A entrada no ateliê foi apressada e continuada pela libertação das telas da película fina que as protegia. Após terem sido apresentadas as regras para o ateliê, os participantes levantaram-se e concentraram-se perto da exposição dos materiais para escolherem os mais desejados. Neste momento foi interessante observar que muitos participantes retiraram um número significativo de materiais. A vontade de recolher, de guardar tudo para o “eu”, era reflexo da resiliência que a vida exige diariamente.

O ateliê resultou num ambiente sereno e acolhedor ao som de Ryuichi Sakamoto. Alguns participantes mostraram agrado pela música que ouviam e os inspirava. Foi muito interessante observar a destreza dos participantes na utilização dos diferentes materiais. Resultaram trabalhos com muita cor, inspirados nas características da Arte de Ana Pimentel. Recortaram, cruzaram fitas para criar laços, coloram flores, pintaram telas

Registos da retina

A retina registou um colo. Um colo fora do comum. Foi e sempre será um registo da retina do investigador. É um colo que não vai pertencer à gaveta do esquecimento. Ficará guardado para quando outros colos acontecerem poder tirar pedaço deste eterno e terno colo. As palavras entram em redundância quando querem caracterizar o momento. Não seriam suficientes as palavras com ou sem acordo ortográfico. Transformar-se-á para sempre num colo para uma história do grupo “Era Uma Vez”, e um dia, será a sua vez! Há colos entre muitos outros colos. Há colos de mãe, colos de pai, colos de relva fresca, de areia seca ou molhada, colos de sol e de lua, colos de vento, de chuva e de neve a deslizar, mas este, é um colo a entrelaçar com um passar de mãos por entre uns braços para abraçar, para proteger o que é de sangue. Com toda a certeza, será para os três, um colo para a vida.

Palavras do observador: Colo Abraçado.

1º Ateliê: Tela Livre

Grupo B – 5/13 anos (16 de fevereiro de 2013)



Registo da atividade

A proposta para o *Ateliê Tela Livre* lançou aos participantes o desafio para um momento descontraído entre o pensar e o sentir. As tatuagens feitas na tela branca foram o resultado inspirado na sequência dos ateliês de Miró e Ana Pimentel, ou simplesmente na libertação dos sentidos dos participantes.

Objetivos para o Ateliê Tela Livre:

- Inserir o grupo de participantes na temática do Trabalho de Projeto a desenvolver no ateliê.
- Estimular a atenção dos participantes para os pormenores explorados nos ateliês Joan Miró e Ana Pimentel relativamente ao traço, à forma e às cores, aos materiais utilizados nas suas produções.
- Estimular a organização pessoal na planificação mental e na produção em tela.
- Observar a destreza/manuseamento/utilização dos materiais.
- Observar a identificação relativamente às características e materiais da Arte de Ana Pimentel ou de Joan Miró.

- Observar a relação entre o participante e a tela.

Estratégias:

- Criar um ambiente tranquilo e acolhedor.
- Explicar aos participantes qual o tema/proposta de trabalho a desenvolver no ateliê.
- Apresentar as regras para o ateliê.
- Oferecer autonomia para na escolha, utilização e gestão dos materiais.

Recursos Humanos:

- Doze Participantes com idades compreendidas entre os cinco e os treze anos
- Investigadora
- Convidadas- Voluntária da Santa Casa da Misericórdia e amiga da investigadora para auxiliar no registo fotográfico de momentos significativos.

Recursos materiais:

- Suporte musical- Cd *chill out* (escolha da investigadora para alargar o leque musical dos participantes)
- Telas 40x60
- Tintas acrílicas
- Tintas de têmpera
- Pincéis
- Tesouras
- Pistolas de cola quente
- Tubos de cola quente
- Cola branca

- Cola *baton*
- Cola em bisnaga
- Marcadores
- Compasso
- Lápis de carvão
- Catorze cestos de plástico para os participantes fazerem a recolha individual dos materiais
- **Um leque variado de materiais seleccionados com a intencionalidade de seguir o fio condutor da cor e dos materiais utilizados por Ana Pimentel nas suas produções. Desta forma ficaram disponíveis:**
 - Talheres de plástico (garfos, colheres, facas) com as cores azul, amarelo e verde
 - Varetas de acrílico para misturar cocktails com as cores azul, amarelo, verde e rosa
 - Fios fantasia de plástico de várias cores para fazer enfiamentos de missangas
 - Corda de plástico com as cores verde, azul, amarelo e rosa
 - Coadores de alumínio
 - Corações fantasia de metal prateado
 - Peças fantasia de metal prateado
 - Tampas de plástico de cor verde
 - Envelopes de plástico de cor azul, rosa, verde e amarelo
 - Molas de madeira
 - Molas de plástico com as cores verde, azul, rosa e amarelo
 - Pulseiras de criança de metal com as cores azul, rosa e prateado
 - Purpurinas com as cores verde, rosa, vermelho, azul, amarelo, dourado, prateado
 - Cola com fantasias (estrelas prateadas)

- Canetas para delinear e fazer relevos de várias cores
- Pequenos frascos de plástico (de laboratório para a colheita de amostras)
- Banda decorativa de plástico xadrez com as cores verde, azul e vermelho
- Placas de borracha antiderrapante com as cores verde, laranja
- Folhas artificiais de plantas com as cores verde e laranja
- Folhas artificiais de plantas de cor verde com brilhantes
- Flores artificiais de seis variedades (malmequeres, rosas, jarros, hortências, gerberas, crisântemos lilases.)
- Rede de florista

Retrosaria

- Fitas de fantasia com as cores rosa, azul e verde
- *Pompons* brilhantes com cores rosa, verde, vermelho, branco e azul
- Botões de plástico de várias cores e tamanhos
- Fitas de renda com as cores verde, azul, vermelho e amarelo (de várias larguras)
- Fitas de seda com as cores rosa, amarelo, laranja, azul, verde
- Fitas de fantasia de várias cores
- Cordões de algodão com as cores vermelho, amarelo, azul, verde e laranja
- Gorgorões com as cores verde, azul, amarelo, vermelho
- Fitas de metal com brilhantes
- Placas de feltro com cores amarelo, azul claro e escuro, azul-turquesa, verde-claro e escuro, laranja, rosa choc, rosa suave, preto, vermelho, roxo, lilás, cinza,
- Rolo de rede fantasia de cor roxo
- Rolo tecido com fantasias de cor prateada
- Lantejoulas com diferentes formas e cores

- *Tule* de várias cores
- Placas de *Scott Britt®* de várias cores
- Missangas com várias cores e formas
- Linhas de *crochet* de várias cores
- Lãs de várias cores

Trabalho realizado por assistentes convidadas

- *Pompons* de lã
- Rosetas de *crochet*
- Rosetas de lã
- Rosetas de trapilho

Descrição da atividade

Regra para o ateliê

Ponto um- Recorda as características do artista Joan Miró

Ponto dois- Recorda as características da artista Ana Pimentel

Ponto três- Se não houver identificação com os artistas explorados, pinta a tua Arte

Voz dos participantes

A voz dos participantes ofereceu “Palavras Arte” entre sorrisos e vaidade pelos trabalhos realizados.

1.Qual foi a fonte de inspiração para realizares o teu trabalho?

2. Que nome (título) dás à tua Obra de Arte?
3. O que dizem os teus sentidos sobre o ambiente partilhado no ateliê Tela Livre?
4. O artista sente ou pensa a Arte?

Resposta à questão número um:

Participantes	Resposta
A	“Foi nos dois artistas mas gosto mais de Miró, porque os desenhos dele são fixos. Ele desenhava olhos e eu gosto de olhos. Também gosto de amarelo, porque é a cor do sol.”
B	“Foi em Miró, porque ele usa as minhas cores preferidas como o azul, o amarelo e o vermelho.”
C	“Pensei em Miró e nos bonecos de Miró.”
D	“Foi na Ana Pimentel. Pensei primeiro, depois fiz para ser mais rápido. Usei a colher mais e garfo para espalhar a tinta, para espalhar os brilhantes.”
E	“Foi em Miró. Gostei quando ele estava a fazer os desenhos com as bolas, a inventar coisas.”
F	“Gosto de Miró, do amarelo, do verde, do azul e do vermelho. Ele pintava o fogo porque era a ideia que ele tinha.”
G	“Foi em Miró. Gostei das cores e das estrelas. Miró não pinta quase bem. Eu também pintei como ele coisas estranhas. As coisas estranhas vêm da cabeça... acho.”
H	“Foi em Miró. Escrevi o “M” de Miró.”
I	“Gosto de Miró. Eu gosto das cores dele. Ele faz estrelas, faz à maneira dele.”
J	“Foi nas cores de Miró. Gostei das tintas dele, mas mais do verde.”
K	“Porque gosto de flores com todas as cores.”
L	“Foi no preto e no vermelho de Miró.”

Resposta à questão número dois:

Participantes	Resposta
A	“Gang. Miró, Ana Pimentel e eu!”

B	”Joana”
C	“O Palhaço de Miró.”
D	“Pintinhas vermelhas e um coração vermelho.”
E	“O K de Miró.”
F	“Os Brilhantes de Miró.”
G	“Miró das Estrelas.”
H	“A cor do “M”. ”
I	”Estrelas de I. e Estrelas de Miró”
J	“As cores.”
K	”Folhas e flores.”
L	“Samara.”

Resposta à questão número três:

Participantes	Resposta
A	“Inspiração, porque gostei de fazer telas.”
B	“Força que vem do peito.”
C	“Pintura e música.”
D	“Que ateliê é das pinturas e parece das compras. Gostei mais de fazer caixas e das telas.”
E	“Que gostei de Miró.”
F	“Que ateliê é igual a sorrir.”
G	“Que gostei mais das construções com rolhas, de fazer castelos.”
H	“Pinturas.”
I	“Que gostei de todos os ateliês. Gostei muito de Miró.”
J	“Gostei de pintar.”
K	“Ajudar.”
L	“O centro...é importante pintar porque eu gosto.”

Resposta à questão número quatro:

Participantes	Resposta
A	“Acho que sente...”

B	“O peito sente força...sente-se mais a arte. É como quando estou a dar um soluço, ele fica forte. Forte é ficar mais crescida, é ser mais alta. Fazer arte é importante, porque eu gosto muito dela. Quando era bué pequenina, pintava os dedos assim (simulou o pincel a passar pelos dedos da mão) e fazia pintura. Foi bonito...eu adoro ateliês...”
C	“Acho que sente.”
D	“Ele pensa para fazer a sua arte. Falo por dentro. Estás sempre a pensar numa coisa e depois fala-se por dentro, porque queremos sempre aquela coisa. Depois sinto que preciso daquilo, daquilo e daquilo...também vejo o que quero e depois faço. A voz de dentro diz as coisas que eu quero. Agora está a dizer que vou para o terceiro andar jogar “PSP” com o meu irmão.”
E	“Um artista pinta, inventa as suas coisas. Eu sou mais ou menos um artista.”
F	“Sinto as ideias no corpo...só um bocadinho. O corpo diz o que se pode pintar. O corpo disse tu pinta e eu pinte!”
G	“Pensa, porque pensa as coisas na cabeça, porque o coração dá mais felicidade aos trabalhos. Não gostei nada da Ana Pimentel, não é igual ao Miró. Ela desenha desenhos, formas, torres...vi lá no vídeo.”
H	“É importante pintar, porque dá mais jeito do que fazer desenhos. Eu gosto de pintar!”
I	“Ele senta e pensa o que vai fazer. Ele ouve a música e vai pensando no que quer e vai fazendo. A minha tela tem muitos artistas! Eu, as estrelas, Miró e a minha mão!”
J	“Gosta de pintar.”
K	“Um artista gosta de colar e de pintar.”
L	“Pinta.”

Avaliação da Atividade

O *Ateliê Tela Livre* marcou o encerramento dos ateliês para este grupo de participantes. A organização do espaço oferecia, à semelhança dos ateliês anteriores, uma paleta de cores e de materiais a possibilitar a escolha e provável representação de Joan Miró e Ana Pimentel.

O início dos trabalhos foi muito agitado. Os participantes estavam com uma atitude fora do comum. A investigadora questionou-se se seria por ser o último momento.

Inevitavelmente a chamada de atenção teve que ganhar presença durante o acolhimento das crianças/jovens. Os participantes iam aumentando gradualmente o tom de voz até ao momento da investigadora assumir uma postura para acalmar e ajustar o comportamento das crianças/jovens.

O silêncio foi-se conseguido e a vontade de trabalhar começou a florescer.

Para o “Ateliê Livre”, não foi utilizado qualquer suporte de informação. O objetivo estava centrado na preferência dos participantes sobre os artistas plásticos sugeridos e explorados nos ateliês anteriores.

Sentados, os participantes retiraram a película transparente que envolvia as telas. Como já sabiam as regras e os procedimentos, iam-se levantando para escolher os materiais e os que necessitavam, solicitavam ajuda.

Chill Out era o fundo musical do ateliê. Os participantes cuja preferência era Joan Miró foram terminando as telas com sorrisos, dirigindo-se à investigadora para responderem às questões por ela colocadas. O ritmo estava adquirido. O fio da meada foi encontrado.

Os participantes, cuja preferência desenhava os contornos aproximados a Ana Pimentel, utilizaram o tempo previsto para o ateliê. Escolheram os materiais, recortaram, colaram e ajustaram de forma determinada o pensar e o sentir à sua produção. Para este grupo estavam ainda as preferências a entrelaçar na tela Joan Miró e Ana Pimentel.

Tudo acontecia com serenidade e boa disposição. O ateliê decorreu como se o primeiro momento da manhã não tivesse acontecido.

Registos da retina

Primeiro Registro:

A descida dos participantes aconteceu de rompante. Em breves segundos após ter sido autorizada a entrada dos participantes, o ateliê ganhou a presença de uma “bolha” de vozes em parceria com uma agitação fora do comum. Sentada no chão de pernas cruzadas, a investigadora ofereceu tempo para que cada participante ocupasse o seu lugar de forma semelhante, mas o inesperado acontecia. As almofadas ganharam movimento e as vozes plenitude na sua entoação.

Os sentidos da investigadora fitavam os gestos e as palavras dos participantes para tentar encontrar o fio da meada, mas desta vez a meada estava enleada. Há momentos que o investigador tem que necessariamente “vestir o papel” de educador. Um enorme ponto de interrogação fez parar, fez respirar fundo a investigadora. A voz tinha que ser ativa, essa era uma certeza. E o tom? Teria que ser de impositor ou de mediador? A perspicácia foi mãe para aquele momento. Era tempo de dar respostas. Os assobios aumentavam de número. Ouvia-se um “méééééé” em uníssono. A decisão foi tomada pela investigadora. O papel de mediador tinha que assumir uma presença que despertasse os sentidos para a verdade.

O momento era o certo para apelar a uma tomada de consciência dos participantes. Era importante apelar à mudança de atitude dos jovens. A pergunta aconteceu? “Qual era o propósito de estarmos juntos nesta caminhada para descobrir com todos os nossos sentidos?” O silêncio foi a primeira resposta, seguida de um continuar de palavras da investigadora a entoar em cada participante. Dois participantes agarraram suavemente o gorro dos casacos de algodão, puxando-os para tapar a cabeça. Alguns rostos descaíram para olhar o chão, outros, no entanto, continuavam a olhar diretamente para a investigadora que não desistia da sua “campanha de sensibilização” a reproduzir o pensamento que a incomodava desde o início dos ateliês, sugerindo aos participantes que dessem valor à oportunidade que estavam a usufruir para pintar, para descobrir, para dar cor, para despertar o “gosto” e o “não gosto”. Era o último ateliê com o grupo B. Toda a ação, todas as palavras poderiam pôr em causa o último ateliê.

O objetivo do plano é o de conseguir resultados com base na vontade, no prazer dos participantes. Começaram entre eles a pedir silêncio num “Shiu! Deixa ouvir...” até que um participante ganhou determinação e perguntou “já podemos começar?”. A investigadora respondeu que não. Era importante que sentissem vontade,

disponibilidade para iniciar a atividade. O espaço ficou inundado de um silêncio ensurdecedor. A investigadora sabia que com a sua atitude poderia “perder” o ateliê. O sentido de responsabilidade daquele que educa é residente interno nos que trabalham com devoção, com vontade de deixar marca, de criar itens nos valores dos que se cruzam na sua caminhada. Educar não passa apenas por experimentar, por garantir sucesso nos planos traçados. Um bom resultado não é para a investigadora aquele que oferece apenas “sim” na voz dos participantes. Educar remete para desafios, para contornos onde reside o prazer, a harmonia na relação entre o educador, o educando e a comunidade que os envolve.

O objetivo dos ateliês é definido pela investigadora numa palavra que envolve todo o trabalho de projeto e a sua presença na vida de um grupo a precisar de estímulos. Despertar sentidos é a máxima escolhida para dar sentido e determinação à proposta traçada para o presente trabalho de projeto.

Segundo registo:

Com o ateliê quase a terminar a investigadora observa um participante. Na mão esquerda sustentava um apagador, enquanto a mão direita desenhava suavemente no quadro com giz. A investigadora olhou para a tela do participante e perguntou-lhe se havia terminado o seu trabalho, pelo que o participante B deste ateliê respondeu que “o trabalho estava podre, que não queria continuar, que só continuava se tivesse ajuda”. A investigadora olhou para o participante. Continuava a desenhar sem sentido no quadro com o pau de giz. Desde há muito tempo que a investigadora tinha percebido o manancial de criatividade que existe dentro daquele ser tão jovem. É fora do comum a sua atitude quando toca em tintas, em pincéis. Quando pinta, parece que “lhe sai de dentro” outra personagem. É um espanto, parece que se transforma.

A investigadora pensou no percurso do participante nos ateliês, e com toda a sua sensibilidade tomou uma atitude. Sugeriu ao participante que deixasse por algum tempo o pau de giz. Pediu-lhe que aforesse as mangas da sua camisola e casaco e perguntou ao participante o que queria pintar. Miró era a sua escolha com a presença de frascos de tinta verde, azul, vermelho e amarelo. O desafio acontecia.

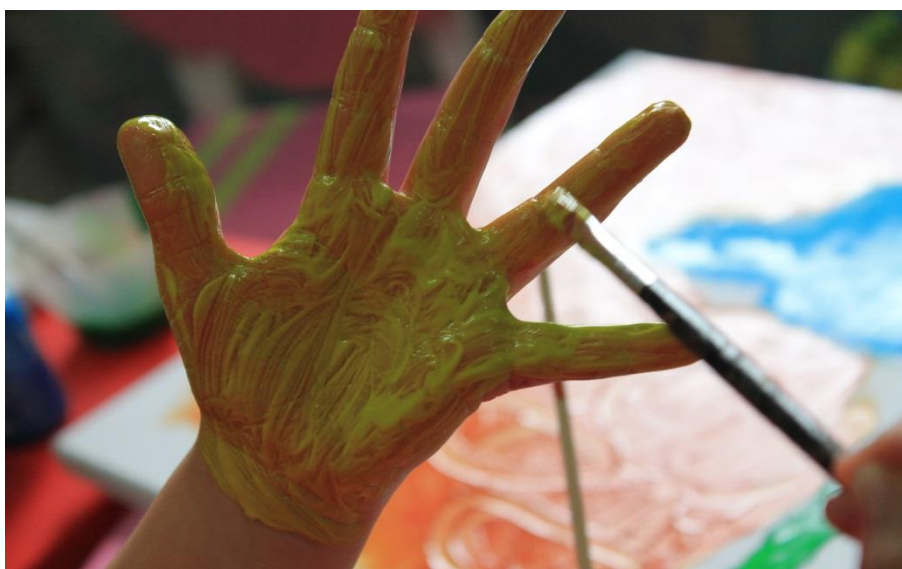
Com olhar determinante a investigadora pediu ao participante que esticasse as suas mãos para a frente sobre a tela. As cores de Miró começaram a cair em cima das suas

mãos e a pergunta aconteceu. “E agora”, perguntou o participante. A investigadora respondeu a sorrir enquanto enchia de coragem o participante. “Força! Pinta a tua tela”.

A investigadora não resistiu. Era urgente desafiar aquela libertação tão desejada. Foi maravilhoso observar a libertação daquela vontade.



Ao lado, outros participantes observavam . Sem perguntar, sem pedir ajuda começaram a pintar mãos, a pintar telas com as mãos banhadas de tinta. Foi emocionante observar o crepitar de tantas emoções expressas com cor e sorrisos.



Para este ateliê, os participantes começaram por tecer uma teia, mas a investigadora, tem sempre com ela um bolso especial. É nele que guardava muitas estratégias! Não os prendeu na teia, convidou-os a fazer parte da teia.

Palavras do observador: Crepitar de emoções.

2º Ateliê: Tela Livre

Grupo A – 13/16 anos (17 de fevereiro de 2013)



Registo da atividade

O ateliê seguiu o fio condutor determinado para os “Ateliês Tela Livre”. Este ateliê é o último do plano traçado para o Trabalho de Projeto. O ambiente estava organizado com todos os materiais disponíveis nos ateliês anteriores e em conformidade com o objetivo para o ateliê. As telas livres aguardavam a escolha dos participantes. Iriam escolher Joan Miró, Ana Pimentel ou iriam “libertar” o artista que guardam dentro de si?

Objetivos para o Ateliê Tela Livre:

- Inserir o grupo de participantes na temática do Trabalho de Projeto a desenvolver no ateliê.
- Estimular a atenção dos participantes para os pormenores explorados nos ateliês Joan Miró e Ana Pimentel relativamente ao traço, à forma e às cores, aos materiais utilizados nas suas produções.

- Estimular a organização pessoal na planificação mental e na produção em tela.
- Observar a destreza/manuseamento/utilização dos materiais.
- Observar a identificação relativamente às características e materiais da Arte de Ana Pimentel ou de Joan Miró.
- Observar a relação entre o participante e a tela.

Estratégias:

- Criar um ambiente tranquilo e acolhedor.
- Explicar aos participantes qual o tema/proposta de trabalho a desenvolver no ateliê.
- Apresentar as regras para o ateliê.
- Oferecer autonomia para na escolha, utilização e gestão dos materiais.

Recursos Humanos:

- Treze Participantes com idades compreendidas entre os treze e os dezasseis anos
- Investigadora
- Convidadas- Voluntária da Santa Casa da Misericórdia e amiga da investigadora para auxiliar no registo fotográfico de momentos significativos.

Recursos materiais:

- Suporte musical *chill Out* (escolha da investigadora para alargar o leque musical dos participantes)
- Telas 40x60
- Tintas acrílicas
- Tintas de têmpera
- Pincéis
- Tesouras
- Pistolas de cola quente

- Tubos de cola quente
- Cola branca
- Cola *baton*
- Cola em bisnaga
- Marcadores
- Compasso
- Lápis de carvão
- Catorze cestos de plástico para os participantes fazerem a recolha individual dos materiais
- **Um leque variado de materiais selecionados com a intencionalidade de seguir o fio condutor da cor e dos materiais utilizados por Ana Pimentel nas suas produções. Desta forma ficaram disponíveis:**
 - Talheres de plástico (garfos, colheres, facas) com as cores azul, amarelo e verde
 - Varetas de acrílico para misturar cocktails com as cores azul, amarelo, verde e rosa
 - Fios fantasia de plástico de várias cores para fazer enfiamentos de missangas
 - Corda de plástico com as cores verde, azul, amarelo e rosa
 - Coadores de alumínio
 - Corações fantasia de metal prateado
 - Peças fantasia de metal prateado
 - Tampas de plástico de cor verde
 - Envelopes de plástico de cor azul, rosa, verde e amarelo
 - Molas de madeira
 - Molas de plástico com as cores verde, azul, rosa e amarelo
 - Pulseiras de criança de metal com as cores azul, rosa e prateado

- Purpurinas com as cores verde, rosa, vermelho, azul, amarelo, dourado, prateado
- Cola com fantasias (estrelas prateadas)
- Canetas para delinear e fazer relevos de várias cores
- Pequenos frascos de plástico (de laboratório para a colheita de amostras)
- Banda decorativa de plástico xadrez com as cores verde, azul e vermelho
- Placas de borracha antiderrapante com as cores verde, laranja
- Folhas artificiais de plantas com as cores verde e laranja
- Folhas artificiais de plantas de cor verde com brilhantes
- Flores artificiais de seis variedades (malmequeres, rosas, jarros, hortências, gerberas, crisântemos lilases.)
- Rede de florista

Retrosaria

- Fitas de fantasia com as cores rosa, azul e verde
- Pompons brilhantes com cores rosa, verde, vermelho, branco e azul
- Botões de plástico de várias cores e tamanhos
- Fitas de renda com as cores verde, azul, vermelho e amarelo (de várias larguras)
- Fitas de seda com as cores rosa, amarelo, laranja, azul, verde
- Fitas de fantasia de várias cores
- Cordões de algodão com as cores vermelho, amarelo, azul, verde e laranja
- Gorgorões com as cores verde, azul, amarelo, vermelho
- Fitas de metal com brilhantes
- Placas de feltro com cores amarelo, azul claro e escuro, azul-turquesa, verde-claro e escuro, laranja, rosa choc, rosa suave, preto, vermelho, roxo, lilás e cinzento.

- Rolo de rede fantasia de cor roxo
- Rolo tecido com fantasias de cor prateada
- Lantejoulas com diferentes formas e cores
- *Tule* de várias cores
- Placas de *Scott Britt*® de várias cores
- Missangas com várias cores e formas
- Linhas de crochet de várias cores
- Lãs de várias cores

Trabalho realizado por assistentes convidadas

- *Pompons* de lã
- Rosetas de *crochet*
- Rosetas de lã
- Rosetas de trapilho

Descrição da atividade

Regra para o ateliê

Ponto um- Recorda as características do artista Joan Miró

Ponto dois- Recorda as características da artista Ana Pimentel

Ponto três- Se não houver identificação com os artistas explorados, pinta a tua Arte

Voz dos participantes

A voz dos participantes tremia no momento de oferecer “Palavras Arte”. Estas foram curtas e difíceis de acontecer.

- 1.Qual foi a fonte de inspiração para realizares o teu trabalho?
- 2.Que nome (título) dás à tua Obra de Arte?
- 3.O que dizem os teus sentidos sobre o ambiente partilhado no ateliê Tela Livre?
4. O artista sente ou pensa a Arte?

Resposta à questão número um:

Participantes	Resposta
A	“Olhei para um quadro de Miró, mas também me identifiquei com Ana Pimentel.” [Participou pela primeira vez nos ateliês.]
B	“Inspirei-me em Miró e Ana Pimentel. Gosto das cores de Miró.
C	“Foi Miró e Ana Pimentel. Miró pelas cores e Ana Pimentel porque gostei da forma como ela utiliza os materiais.”
D	“A inspiração veio dos dois, da Ana Pimentel e do Miró.”
E	[O participante não terminou o trabalho porque tinha consulta médica.]
F	“Não me inspirei em nenhum dos artistas, mas gosto mais de Miró pela forma.”
G	“Não me inspirei em nenhum. Não estive no ateliê Miró. Fiz o que sentia.”
H	[O participante esteve no ateliê, mas não pintou a sua tela.]
I	“Foi em Miró e Ana Pimentel. Ela tem mais criatividade, tem mais gosto para fazer as coisas.”
J	“A inspiração foi Ana Pimentel. Fica mais bonito fazer com materiais do que com pincel. Gosto da maneira como ela faz os trabalhos.”
K	[O participante esteve no ateliê, mas não pintou a sua tela.]
L	“Miró e Ana Pimentel. Gosto mais de Miró por causa do olho. Gosto das estruturas dos olhos.”
M	“Na minha vontade. Gostei de Ana Pimentel, porque com diferentes materiais podemos exprimir o que sentimos.”

Resposta à questão número dois:

Participantes	Resposta
A	“A Conspiração do Amor.”
B	“Serpente de Mar.”

C	“Amor Alegre.”
D	“Trio de Amor Inventado.”
E	[O participante não terminou o trabalho porque tinha consulta médica.]
F	“Eclipse.”
G	“A Sensibilidade da Arte.”
H	[O participante esteve no ateliê, mas não pintou a sua tela.]
I	“Motivação.”
J	“Tela Azul.”
K	[O participante esteve no ateliê, mas não pintou a sua tela.]
L	“Naruto.”
M	“O Amor. Porque é essencial amar o ser humano, a família.”

Resposta à questão número três:

Participantes	Resposta
A	“Gostei de participar.”
B	“Eu antes só pintava de preto e de roxo. Agora consigo ver mais outras cores diferentes que dão mais força, mais vontade de pintar. Pinte o azul para o fundo do mar e os olhos porque eu vi em Miró.”
C	“Agora tenho mais vontade de fazer.”
D	“Aprendi muitas coisas nos ateliês. É importante trabalhar a arte, porque assim podemos dizer o que sabemos e podemos fazer.”
E	[O participante não terminou o trabalho porque tinha consulta médica.]
F	“Gostei dos ateliês.”
G	“Se eu pudesse dar um nome aos ateliês, dava explorar talentos.”
H	[O participante esteve no ateliê, mas não pintou a sua tela.]

I	“Os ateliês puxaram pela minha criatividade, pela minha imaginação.”
J	“Arte é ateliê. O ateliê chama-se Ateliê das Telas, porque podemos inventar coisas com novos materiais. Quero continuar a fazer telas com Miró e Ana Pimentel.”
K	[O participante esteve no ateliê, mas não pintou a sua tela.]
L	“Ateliê é igual a inventar coisas, experimentar novos materiais. É o ateliê das telas. Quero continuar a fazer telas com Miró e Ana Pimentel.”
M	“Agora consigo ver mais outras cores diferentes que dão mais força, mais vontade de pintar.”

Resposta à questão número quatro:

Participantes	Resposta
A	“Sente, porque quando constrói transmite os seus sentimentos.”
B	“Sente. Primeiro sinto a arte, depois pinto.”
C	“Sente.”
D	“O artista pensa. Eu pensei, mas não sei como explicar.”
E	[O participante não terminou o trabalho porque tinha consulta médica.]
F	“Sente.”
G	“Acho que sente, porque eu fiz o que sentia. Desde que venho aos ateliês sinto que estou mais inspirada. Descobri coisas que não sabia que conseguia...”
H	[O participante esteve no ateliê, mas não pintou a sua tela.]

I	“O artista sente porque eu estava a sentir, não estava a pensar. Acho que vem de dentro.”
J	“O artista sente porque eu senti...senti no meu pensamento.”
K	[O participante esteve no ateliê, mas não pintou a sua tela.]
L	“Sente e pensa. Eu sinto e depois penso e às vezes há uma vontade.”
M	“Primeiro pensei e depois deixei-me levar. Quando fazemos um quadro fazemos aquilo que pensamos. É importante guardar o que fazemos para mais tarde podermos olhar e recordar a nossa infância.”

Avaliação da Atividade

O ateliê ficou organizado desde o dia anterior. Os jovens foram entrando, sendo os participantes na sua totalidade do sexo feminino. A investigadora subiu aos pisos para saber se deveria ou não esperar por mais participantes. Com ela desceram três participantes do sexo masculino.

O ateliê teve início com todos os presentes sentados no chão para uma breve abordagem às regras para a proposta *Tela Livre*. Sem qualquer suporte audiovisual, o grupo iniciou o ateliê com serenidade e organização.

À exceção de dois participantes, os restantes estavam decididos. Seleccionaram os materiais e iniciaram a sua tela ao som de um *chill out* que surgia do fundo do ateliê.

O ateliê decorreu com serenidade. Os materiais foram utilizados com determinação, com sentido. A sensibilidade apurava-se entre os dois artistas plásticos.

Os dois participantes continuavam sem motivação, sem ordem interior para dar cor às suas telas. A investigadora aproximou-se para oferecer ajuda, mas não resultou. O ateliê terminou com produções maioritariamente femininas. Apenas um participante masculino concluiu o trabalho a ter como pano de fundo uma conversa desencorajadora dos dois participantes masculinos.

Um dos participantes frequentava pela primeira vez os ateliês. Para ele foi feito em especial um enquadramento aos dois artistas plásticos. O participante decorou a sua tela

com inspiração em Ana Pimentel e na sua sensibilidade. Foi interessante observar o seu à vontade no espaço e com os materiais.

Registos da retina

O registo da retina para este ateliê guarda uma conversa com dois participantes sobre a influência dos ateliês na descoberta de capacidades que desconheciam ter. Um dos participantes mostrou uma série de desenhos a carvão realizados durante a frequência nos ateliês. Os olhos do participante brilhavam de felicidade, de vontade para continuar a desenhar, a estudar, para conseguir atingir os seus objetivos. A investigadora sorriu e partilhou com o participante que estava feliz com a sua vontade de fazer, de continuar a despertar a sua criatividade, o seu lado Arte. Ofereceu ainda a sua disponibilidade e disse, até breve.

A investigadora abriu a porta do piso para descer e carregar pela última vez todos os materiais. Enquanto ia descendo reparou que as escadas estavam cheias de brilhantes. As purpurinas tinham vindo “agarradas” aos participantes, foram-se soltando para dar cor, para dar brilho ao espaço que diariamente lhes permite fazer caminho. A investigadora colocou todos os materiais no carro, respirou fundo para empreender caminho nas aventuras de papel. Por essa razão, ficam nestas páginas tatuadas todas as impressões de um ser a gostar de ensinar caminho, de desafiar, de estimular, de despertar a criatividade com todos os sentidos à escuta.

Palavras do observador: Condão.

3ª fase de registos

Registo de uma Construção Progressiva

A terceira fase de registos é o resultado de um convite feito pela Diretora da Biblioteca Municipal de Almada, num dia e momento inesperados. O percurso do Trabalho de Projeto estava na sua reta final, quando surgiu o desafio para realizar uma exposição na Sala Pablo Neruda, na Biblioteca Municipal de Almada – Fórum Romeu Correia, com duração e dinâmica a decidir pela investigadora.

O interesse era total, na medida em que, nesse momento, se procurava um espaço perto do Lar de Crianças e Jovens, onde pudesse ser montada uma exposição, de modo a que todos (jovens e diferentes equipas) pudessem usufruir desse momento de exibição dos seus trabalhos sem necessidade de recurso à utilização de transporte.

A proposta foi de imediato aceite pela investigadora, com as reservas burocráticas apresentadas à Diretora da Biblioteca, pois era necessário percorrer toda a tramitação legal e burocrática, entre pedidos de autorização para apresentar as produções à comunidade, assim como obter permissão para que todo o grupo de participantes pudesse estar junto na inauguração da exposição.

Os pedidos de autorização foram efetuados e obtidos favoravelmente, para gáudio de todos os intervenientes no processo.

O Trabalho de Projeto tomou, então, uma proporção inesperada, assumindo-se como uma construção progressiva a rasgar as baias inicialmente previstas e ganhando foros de exposição pública e diálogo com a comunidade, um valor assumidamente acrescido para um Trabalho de Projeto que se pretendia com qualidade, mas para o qual semelhante grau de exposição não se havia almejado.

A somar a este desafio foi acrescentada a proposta de integração do programa criado pela investigadora, na dinâmica de atividades do Setor Infantojuvenil da Biblioteca Municipal de Almada, durante dois sábados, dentro de período da exposição (de quatro a dezoito de maio de 2013). Assim, no dia onze de maio foi dinamizado o ateliê *Agarra*

as cores de Miró e, no sábado seguinte, a dezoito de maio, foi explorado o ateliê *Sente a Tua Arte*, com o mote centrado no trabalho da artista Ana Pimentel.

Em ambos os ateliês foram utilizadas as mesmas estratégias, os mesmos materiais, apenas com diferença no tamanho das telas.

Assim nasceu *Entre Sentidos*, uma exposição a brindar a família, os amigos, os participantes, todo um grupo de pessoas que contribuíram para que a experiência ganhasse estrutura, forma e cor.

E porquê a escolha de *Entre Sentidos*?

Entre Sentidos foi o fruto de “uma experiência para dar sentido aos sentidos” (proposta lançada no tema do presente Trabalho de Projeto a traçar caminho para outros sentidos que iriam brotar das impressões sentidas/absorvidas durante todo o processo e dinâmica que o envolveu antes, durante e depois da exposição. O tema parece devolver toda uma subjetividade à esfera das emoções mas, na verdade, dele emergem, sobretudo, muitas experiências sentidas através de uma “Educação pela Arte” a dar sentido a um programa criado com intencionalidade educativa, para uma ação humana libertadora através de uma educação expressiva.

O imaginado ganha materialidade sob a forma de exposição, na noite do dia três de maio de 2013 para, no dia seguinte, às dez horas da manhã, a Sala Pablo Neruda ser aberta ao grupo de autores/participantes.

As crianças/jovens mostraram um rosto surpresa ao entrar na sala. Muitos deram abraços, saltaram para o colo. Outros iam apontando para as suas telas. Outros, ainda, ficaram emocionados, entregues a um abraço silencioso.



O grupo que acompanhou a abertura da Sala não foi em número significativo, visto muitas crianças e jovens terem ido passar o fim de semana com as respectivas famílias. Durante o período da manhã os participantes observaram as suas produções, partilharam comentários, sorriram, ajudaram a terminar a exposição de uma das vitrinas e assinaram o livro disponível para ser “tatuado” com impressões sentidas pelos visitantes.

No período da tarde, pelas dezasseis horas, foi realizada uma palestra, com o objetivo de contextualizar a assistência relativamente a todo o percurso do Trabalho de Projeto, com particular destaque para as estratégias, recursos humanos e económicos mobilizados, assim como para a longa fase de implementação do programa, ao longo de cinco meses (outubro 2012 – fevereiro 2013).

A investigadora manteve a devida reserva académica relativamente a objetivos e resultados, consciente de que o seu trabalho carece da devida apreciação/validação científica.

Entre a assistência, para além de familiares e amigos, contaram-se as presenças de alguns participantes e colaboradores diretos do projeto, de alunos e ex-alunos da investigadora, de representantes da Santa Casa da Misericórdia de Almada, nomeadamente o Sr. Provedor, a Vice Provedora, a Diretora Coordenadora Técnica, alguns “Padrinhos das Telas” (que se uniram para ajudar a concretizar a compra dos diferentes materiais, com destaque para as telas, como referimos anteriormente, assim

como todos os materiais que sustentaram o ateliê Ana Pimentel), e ainda diversos representantes da comunidade educativa do Concelho.

No final da palestra/comunicação onde, para além da investigadora, foram oradores o Provedor da Santa Casa da Misericórdia, a Diretora da Biblioteca Municipal, foi contada a história *A Manta-Uma História aos Quadrinhos (De tecido)*.

A leitura partilhada foi realizada por três convidadas e amigas especiais, a Ana Rita, a Bárbara L.e a Bárbara P.. O convite teve como objetivo juntar gerações de alunos da investigadora, sendo que na sala se encontravam igualmente presentes pais e alunos do ano letivo 2012/2013.



Unir retalhos com história, para outras histórias serem encontradas

O desafio, lançado no material informativo, partiu da investigadora para juntar pedaços de tecido de todos os presentes no momento da inauguração da exposição. Cada participante foi chegando com o seu *Kit* (linhas, agulhas e tesoura).



Todos os participantes na inauguração uniram os pedaços de tecido num ambiente onde reinou a boa disposição, a partilha de caixas de costura, de agulhas, de tesouras e sobretudo, de sorrisos e abraços encontrados.

Divulgação da Exposição

A exposição e os ateliês desenvolvidos no Setor infantojuvenil foram divulgados através dos materiais e diferentes meios de comunicação utilizados pela Rede de Bibliotecas Municipais de Almada Assim, foram utilizados a Newsletter, sms, redes sociais, *Facebook* e *Twitter*, no *Flickr* (Plataforma de Administração e Partilha de Imagens *online*) o Boletim Informativo do Fórum Municipal Romeu Correia, através das brochuras mensais de “atividades para famílias” e “atividades para adultos” da Rede de Bibliotecas Municipais de Almada e, ainda, na Agenda Cultural do Município, referente ao mês de maio de 2013.

Documentos criados para o evento

Os documentos criados pela investigadora para a informação/divulgação destas atividades, seguiram parcialmente o padrão utilizado nos materiais de divulgação da Rede de Bibliotecas Municipais de Almada, que lhe haviam sido facultados previamente pela Diretora da Biblioteca Municipal de Almada.

O quadro que se segue apresenta a imagem/informação criada para divulgar a inauguração da exposição.

Exposição *Entre Sentidos*



Data: 4 a 18 de maio de 2013

Horário: 16h00

Local: Sala Pablo Neruda

Exposição “*Entre Sentidos*” de Anabela Libânio

Anabela Libânio é Educadora de Infância e mestranda em Ciências da Educação. A exposição acontece no âmbito do seu Trabalho de Projeto com o tema “Educação pela Arte”, realizado no Lar de Crianças e Jovens. *Entre sentidos* é o resultado de um conjunto de experiências acontecidas durante a execução de um plano traçado a desafiar a criatividade. Para o efeito foram realizados uma série de ateliês com apelo a todos os sentidos, para um final de trabalho a brilhar com uma paleta de cores inspirada em Joan Miró, Ana Pimentel e na sensibilidade de cada criança/jovem do Lar.

À inauguração da exposição segue-se uma palestra com o objetivo de partilhar experiências e desafios sentidos na primeira pessoa durante para a concretização do Trabalho de Projeto.

Duração: 60 minutos

Público-alvo: Educadores, Professores e Interessados no tema

Lotação máxima: 30 participantes

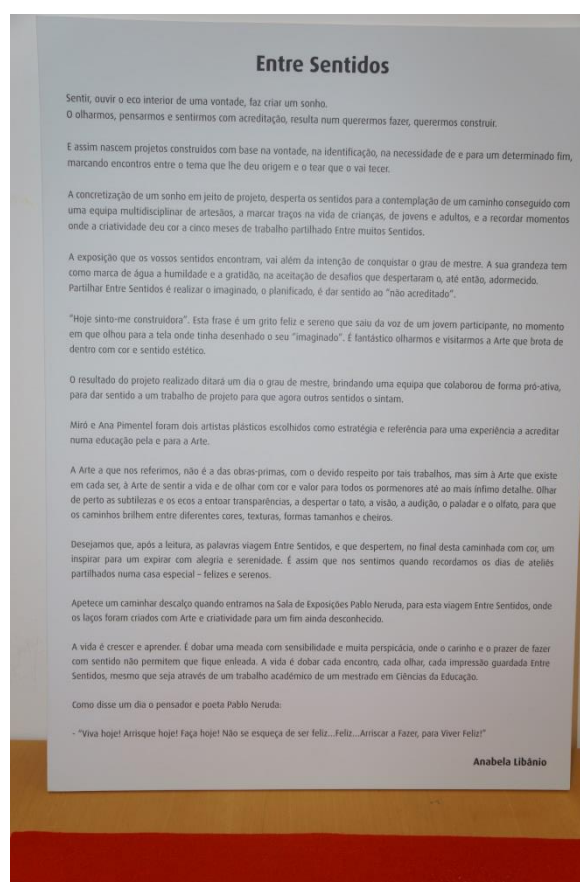
Marcação prévia: xxxx

Desafio: Propomos que cada participante se faça acompanhar de um pedaço/retalho de tecido 20 x 20 cm e, ainda, de um *kit* de costura (agulha, linhas a gosto e uma tesoura).

Nota de Acolhimento

A nota de acolhimento à entrada da exposição foi pedida pela Diretora da Biblioteca para contextualizar os visitantes na temática e impressões da investigadora relativamente ao trabalho exposto.

Entre Sentidos



Sentir, ouvir o eco interior de uma vontade, faz criar um sonho.

O olharmos, pensarmos e sentirmos com acreditação, resulta num querermos fazer, querermos construir.

E assim nascem projetos construídos com base na vontade, na identificação, na necessidade de e para um determinado fim, marcando encontros entre o tema que lhe deu origem e o tear que o vai tecer.

A concretização de um sonho em jeito de projeto, desperta os sentidos para a contemplação de um caminho conseguido com uma equipa multidisciplinar de artesãos, a marcar traços na vida de crianças, de jovens e adultos, e a recordar momentos onde a criatividade deu cor a cinco meses de trabalho partilhado *Entre* muitos *Sentidos*.

A exposição que os vossos sentidos encontram, vai além da intenção de conquistar o grau de mestre. A sua grandeza tem como marca de água a humildade e a gratidão, na aceitação de desafios que despertaram o, até então, adormecido.

Partilhar *Entre Sentidos* é realizar o imaginado, o planificado, é dar sentido ao “não acreditado”.

“Hoje sinto-me construidora”. Esta frase é um grito feliz e sereno que saiu da voz de um jovem participante, no momento em que olhou para a tela onde tinha desenhado o seu “imaginado”. É fantástico olharmos e visitarmos a *Arte* que brota de dentro com cor e sentido estético.

O resultado do projeto realizado ditará um dia o grau de mestre, brindando uma equipa que colaborou de forma pró-ativa, para dar sentido a um trabalho de projeto para que agora outros sentidos o sintam.

Miró e Ana Pimentel foram dois artistas plásticos escolhidos como estratégia e referência para uma experiência a acreditar numa educação pela e para a *Arte*.

A *Arte* a que nos referimos, não é a das obras-primas, com o devido respeito por tais trabalhos, mas sim à *Arte* que existe em cada ser, à *Arte* de sentir a vida e de olhar com cor e valor para todos os pormenores até ao mais ínfimo detalhe. Olhar de perto as subtilezas e os ecos a entoar transparências, a despertar o tato, a visão, a audição, o paladar e o olfato, para que os caminhos brilhem entre diferentes cores, texturas, formas, tamanhos e cheiros.

Desejamos que, após a leitura, as palavras viagem *Entre Sentidos*, e que despertem, no final desta caminhada com cor, um inspirar para um expirar com alegria e serenidade. É assim que nos sentimos quando recordamos os dias de ateliês partilhados numa casa especial – felizes e serenos.

Apetece um caminhar descalço quando entramos na Sala de Exposições *Pablo Neruda*, para esta viagem *Entre Sentidos*, onde os laços foram criados com *Arte* e criatividade para um fim ainda desconhecido.

A vida é crescer e aprender. É dobar uma meada com sensibilidade e muita perspicácia,

onde o carinho e o prazer de fazer com sentido não permitem que fique enleada. A vida é dobrar cada encontro, cada olhar, cada impressão guardada *Entre Sentidos*, mesmo que seja através de um trabalho académico de um mestrado em Ciências da Educação.

Como disse um dia o pensador e poeta Pablo Neruda:

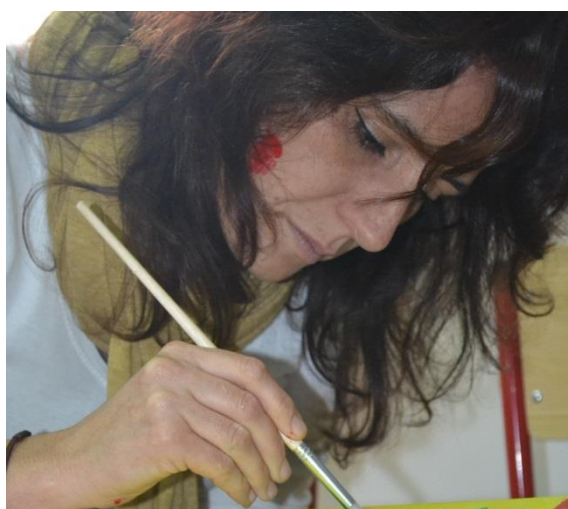
- “Viva hoje! Arrisque hoje! Faça hoje! Não se esqueça de ser feliz ... Feliz ... Arriscar a Fazer, para Viver Feliz!”

Anabela Libânio

Biografia

O pedido da Biografia levantou uma questão à investigadora. Obviamente que cada um pode tentar definir o seu carácter e a sua personalidade, mas considerando que o ambiente era profissional, quem melhor do que uma criança para escrever/falar sobre o assunto? Por essa razão o pedido foi feito a uma ex-aluna da investigadora, que decidiu, para o efeito, colocar um conjunto de breves questões, em jeito de entrevista, para posteriormente a Bárbara L. redigir o texto que se segue, a definir alguns traços sucintos de vida pessoal e profissional.

Biografia de Anabela Marques Saraiva Libânio



A Anabela, mais conhecida por “Bela”, nasceu em 1972 numa roça, em Angola, perto de Luanda, chamada “Nhime”.

Veio para Portugal em 1975. Cresceu na Covilhã, onde pôde disfrutar do cheiro a fresco que a Serra da Estrela tem. Gosta de sentir a magia dos flocos de neve a cair no rosto, gosta de ver o pôr-do-sol no alto da Torre (a 2 mil metros de altitude). Gosta de fazer caminhadas e de sentir os pés na terra. Gosta de cozinhar e gosta muito de finais de tarde no mar.

Hoje em dia vive no Concelho de Almada, desde os 26 anos, e licenciou-se no Instituto Piaget.

É educadora de infância desde 2003 e de momento é Mestranda em Ciências de Educação na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas em Lisboa. Trabalha no voluntariado.

A Bela é uma pessoa carinhosa, amiga, exigente, simpática, dada, gosta muito de ajudar...

Sempre gostou e deu valor a todas as pessoas que a ensinaram. Aprender para a Bela é igual a beber da vida.

Gosta muito de descobrir com todos os seus sentidos e com toda a sua sensibilidade a magia e arte de experimentar, de fazer, de construir e de lançar desafios a todos os que a rodeiam.

A Bela diz que a trabalhar com a infância descobrimos códigos da linguagem não-verbal. Através da arte as crianças expressam tudo o que “mora” no seu interior.

Diz que, quando for “crescida”, quer continuar a ser voluntária, quer continuar a mimar a família e os amigos, quer continuar a ser professora, mas ligada à formação de adultos. Com as crianças quer continuar por perto, na área de leitura e expressão plástica. Quer aprender a ser uma “Educadora Arte”.

(A Biografia foi redigida por Bárbara Lagos de 13 anos de idade - ex. Aluna de Anabela Libânio).

Inventariação das telas

A inventariação das telas foi feita para criar um folheto com o título de cada tela, obviando a impossibilidade da colocação de legendas nas paredes.

ATELIÊ JOAN MIRÓ

- 1- SENTIDO
- 2- BLUE AND RED
- 3- A BARAFUNDA
- 4- PERDIDO
- 5- PÓKEMIX
- 6- S
- 7- INVENTADO
- 8- SEM TÍTULO
- 9- NATUREZA AMOROSA
- 10- SEM TÍTULO
- 11- ANATOMIA
- 12- MUNDO AO CONTRÁRIO
- 13- MIMINHO
- 14- ARTE DE ÁFRICA
- 15- ESTRELA DE MIRÓ
- 16- PINTAINHO DE AMARELO
- 17- PINTAINHO AMARELO COM NUVENS AZUIS E BOCA VERMELHA
- 18- AS CORES DE MIRÓ
- 19- OS TRÊS
- 20- MÉMÉ
- 21- FLAMINGO
- 22- CORAÇÕES A COLORIR
- 23- BOLA DE FOGO RASGANTE
- 24- LIBERDADE
- 25- MORZADÉ
- 26- ANA LUISA
- 27- AMIZADE E AMOR
- 28- PINTURA DE PENSAR
- 29- MANUEL

ATELIÊ ANA PIMENTEL

- 30- A NOSSA GERAÇÃO
- 31- O COLORIDO

- 32- FLORES BRILHANTES
- 33- BRILHANTE
- 34- ENTRELAÇADO
- 35- FANTASIA
- 36- MUNDO JARDIM
- 37- JARDIM DAS ARANHAS
- 38- AS CORES DA PRIMAVERA
- 39- CARTA
- 40- PUREZA
- 41- JARDIM
- 42- SALADA DE FRUTAS
- 43- CÍRCULOS, FOGO E OLHOS
- 44- A ESPIRAL
- 45- AS FITAS
- 46- PEIXE DE MAR
- 47- CORAÇÃO TORCIDO
- 48- FLOR
- 49- MIMI
- 50- AS FLORES
- 51- A FLOR DA VISÃO FUTURA DO PASSADO E DO PRESENTE

ATELIÊ TELA LIVRE

- 52- CONJUNTO - O GANG DE MIRÓ, ANA PIMENTEL E PAULO
- 53- PINTINHAS VERMELHAS E UM CORAÇÃO COM BRILHANTES
- 54- JOANA
- 55- MIRÓ DE ESTRELAS
- 56- ESTRELAS DE INÊS
- 57- A COR DO M
- 58- AS CORES
- 59- O K DE O MIRÓ
- 60- O PALHAÇO DE MIRÓ
- 61- FOLHAS E FLORES
- 62- OS BRILHANTES DE MIRÓ

- 63- SAMÁRA
- 64- AMOR ALEGRE
- 65- NARUTO
- 66- A SENSIBILIDADE DA ARTE
- 67- MOTIVAÇÃO
- 68- A CONSPIRAÇÃO DO AMOR
- 69- O AMOR
- 70- AZUL
- 71- TRIO DE AMOR INVENTADO
- 72- ECLIPSE
- 73- ÁVORE DE AMOR
- 74- TELA AZUL
- 75- SEM TÍTULO

Aplicação do Programa no Setor Infanto-Juvenil da Biblioteca Municipal de Almada

1º Ateliê: Joan Miró - Oficina dinamizada por Anabela Libânio

Oficina Agarra as Cores de Miró

Qual a cor que escolhes para pintar o teu dia? Aceita o nosso convite para uma tarde a colorir o branco da tua tela através da descoberta das cores de Joan Miró.



Dia: 11 de maio de 2013

Horário: 16h00

Local: Setor Infantil

Duração: 60 minutos

Público-alvo: Crianças dos 5 aos 12 anos

Lotação máxima: 15 famílias (máximo 30 participantes)

Marcação prévia: xxxx

Desafio: Propomos que cada participante se faça acompanhar de um pedaço/retalho de tecido 20 x 20 cm e ainda, de um *kit* de costura (agulha, linhas a gosto e uma tesoura)

Descrição da Oficina

No anfiteatro estavam presentes crianças e seus familiares, sobretudo pais e avós. A atividade teve início com a projeção de uma apresentação *Powerpoint*, destacando algumas particularidades sobre a vida e obras de Joan Miró, utilizado à semelhança do que havia sido feito com o grupo de participantes no Lar de Crianças e Jovens.

Durante a apresentação, a investigadora foi solicitando e permitindo a participação de crianças e adultos. Foi um momento que funcionou como estratégia para uma sensibilização e enquadramento relativamente ao tema da Oficina *Agarra as Cores de Miró*.

À semelhança do momento da inauguração da exposição, as dinamizadoras habituais da secção Infantil do Setor Infanto-Juvenil contaram e mimaram a história *A Manta*, para que, após o final da pintura de telas entre pais e filhos / netos e avós, cada participante pudesse coser o seu pedaço de tecido.

Familiares e crianças “descobriram” juntos as cores de Joan Miró e, de seguida, coseram o pedaço de tecido trazido de casa.

No momento de entregar a tela, cada participante deu um título à sua obra.

Participantes	Resposta
A	<i>Sem titulo</i>
B	“Miró.”
C	“Arte de David.”
D	“Flor ao Contrário.”
E	“O Pássaro de Várias Cores.”
F	“O Pássaro e a Estrela.”
G	“Artista.”
H	“Inventos.”
I	“Os Malucos.”
J	“Adoro-te.”
K	“Miró.”
L	“Criatividade.”
M	“O menino.”
N	“O Miguel a Brincar.”
O	“Jardim com Flores.”
P	“Estrela do Mar.”
Q	“Flores ao Sol.”

Avaliação da Oficina

A oficina juntou um grupo de participantes que contou com quinze crianças e quinze adultos. Os participantes aderiram à atividade com entusiasmo e dedicação, conferindo ao ambiente alegria e bem-estar, através de produções a transferir para as telas as cores e formas de Joan Miró, com a certeza interior de que são artistas a produzir a arte das suas expressões.

O momento de unir os pedaços de tecido foi mais um encontro marcado pela boa disposição partilhada.

A organização do ambiente e dos recursos materiais a par com as estratégias utilizadas resultou numa harmonia entre o planificado e o conseguido. Foi um resultado muito positivo para todos os intervenientes.

Avaliação da atividade feita pelas crianças e familiares

Opiniões
“Parabéns, atividade muito enriquecedora para pais e
“É uma atividade muito interativa que proporciona união, aprendizagem em grupo e muita imaginação.”
“Na minha opinião, esta atividade foi muito bem dinamizada, pela sua explicação sobre o pintor; e depois pela dinamização da história. Foi muito agradável participar nesta atividade.”
“Foi uma atividade muito educativa, muito dinâmica e interessante. Obrigado.”
“Gostámos muito de participar!”
“Gostámos muito, boa organização.”
“Excelente referência artística para as crianças.”

Nota: A avaliação qualitativa foi tratada e facultada pela Biblioteca Municipal de Almada.

“É uma atividade muito interativa que proporciona união, aprendizagem em grupo e muita imaginação.”

Registos da Retina:

A Retina guarda a partilha de uma criança feita com o dedo indicador da sua mão direita esticado para ganhar a vez de poder partilhar o seu “encontro” com Joan Miró. A investigadora perguntou à plateia de participantes se conheciam Miró? O rapaz levantou o dedo e disse:

-“Encontrei-me com Miró no computador”.

Miró continua a encontrar-se com a pureza, com a infância. Não há melhor avaliação possível. O programa criado para o Trabalho de Projeto é um facilitador de encontros com a vida, com as “diferentes gentes”. Foi uma experiência muito positiva e gratificante.

Palavras do Observador: Encontros.

2º Ateliê: Ana Pimentel- Oficina dinamizada por Anabela Libânio

Oficina Sente a Tua Arte

Para esta oficina propomos a descoberta da arte de Ana Pimentel. É uma artista plástica que gosta de viver, de sentir, de pintar e de construir com todos os seus sentidos. Aceita o nosso desafio para explorar um leque de cores e texturas variadas.



Dia: 18 de maio de 2013

Horário: 16h00

Local: Setor Infantil

Duração: 60 minutos

Público-alvo: crianças dos 5 aos 12 anos

Lotação máxima: 12 famílias (máximo 24 participantes)

Marcação prévia: xxxx

Desafio: Propomos que cada participante se faça acompanhar de um pedaço/retalho de tecido 20 x 20 cm e uma flor artificial e ainda, de um *kit* de costura (agulha, linhas a gosto e uma tesoura)

Poderá ainda escolher três materiais da seguinte sugestão:

- Botões grandes e coloridos de plástico
- Fitas de renda
- Fitas de seda
- Rosetas de crochet

- Gorgorões
- Missangas de várias cores e tamanhos
- Cordões de algodão
- Pedacos de feltro
- Argolas de acrílico (por exemplo: pulseiras coloridas de criança)
- Pedacos de trapilho
- Coador de leite pequeno
- Peças decorativas de metal (por exemplo: corações, flores, etc...)
- Molas de plásticas coloridas

Descrição da oficina

À semelhança da oficina *Agarra as cores de Miró*, no anfiteatro estavam presentes crianças e seus familiares (pais e avós). A atividade teve início com a projeção de uma apresentação *Powerpoint*, destacando algumas particularidades sobre a vida e obras de Ana Pimentel, utilizado tal como com o grupo de participantes no lar de jovens da Santa Casa da Misericórdia de Almada. Durante a apresentação a investigadora foi solicitando e permitindo a participação das crianças e adultos. Foi um momento que funcionou como estratégia para uma sensibilização e enquadramento do tema da Oficina *Sente a Tua Arte*.

Tal como no momento da inauguração da exposição, as dinamizadoras habituais da secção infantil do Sector Infanto-Juvenil, contaram e mimaram a história *A Manta*, para que, no final da pintura de telas entre pais e filhos, cada participante pudesse coser o seu pedaço de tecido. Familiares e crianças “descobriram” juntos a arte que cada um tem dentro de si como expressão humana, como vida, como cor. Após terem terminado a pintura e colagem dos materiais escolhidos, coseram o pedaço de tecido trazido de casa.

No momento de entregar a tela, cada participante deu o nome à sua obra.

Participantes	Resposta
A	“Tela dos Desenhos.”
B	“Leriac.”
C	“Raios da Flor de Sol.”
D	“Flor de Prata.”

E	“Coisa Estranha.”
F	“Lago.”
G	<i>Sem Título</i>
H	“As Flores Coloridas.”
I	“Girassol.”
J	“As Cores do Artista.”
K	“A Obra de Arte.”
L	“A Grande Arte.”
M	“Coração Mais Giro do Mundo.”

Avaliação da Oficina

A oficina juntou um grupo de participantes composto por treze crianças e doze adultos. A maioria dos participantes tinha participado no ateliê *Agarra as Cores de Miró*, pelo que o nível de entusiasmo e o à-vontade demonstrado superaram as expectativas da investigadora.

O desafio para unir retalhos de tecido foi uma vez mais um tempo bem passado entre os participantes. A praticidade, a harmonia, a fluidez na conversa e na partilha de caixas de costura e retalhos de tecido, animaram a oficina, ficando verbalizada a vontade de repetir atividades semelhantes às então experimentadas.

Uma vez mais, a excelente organização do espaço e materiais permitiram o bem-estar e a fácil mobilidade dos participantes na escolha/seleção dos materiais.

Foi um momento excelente, muito positivo!

Avaliação da atividade feita pelas crianças e familiares

Opiniões
“A repetir, porque realmente é uma boa atividade para ser realizada em família.”
“Foi a 1ª vez que viemos e gostámos muito de participar. A Leonor já pediu para voltarmos para a semana, gostou tanto que quer repetir. Obrigada!”
“Muito importante sensibilizar as crianças para a arte. Construção de flores em tecido. Sugerimos a repetição da atividade de pintura de Ana Pimentel.”
“Maravilhosa atividade, mais uma vez parabéns.”
“Vocês são ótimos, atividade maravilhosa que desperta mesmo a arte e o artista. Parabéns!”
“Gostámos muito! É uma forma muito criativa de as crianças conhecerem outras formas de aprender a "ler" novas coisas.”
“Muito interessante e motivadora para todos os participantes. Parabéns!”
“Este tipo de atividades deviam ser realizadas mais vezes, porque despertam nas crianças o gosto pelo trabalho criativo e a sua própria criatividade.”

Nota: A avaliação qualitativa foi tratada e facultada pela Biblioteca Municipal de Almada.

Registos da Retina:

Antes de ser projetada a apresentação *Powerpoint* sobre Ana Pimentel, a investigadora explicou as diferentes fases da Oficina, pelo que perguntou aos participantes se haviam trazido os materiais sugeridos para o desafio. Explicou o objetivo da construção da manta, lembrando que já existiam muitos pedaços unidos a marcar os diferentes caminhos do Trabalho de Projeto e que, em cada pedaço, existia uma história para contar.

Entretanto, foram “levantadas” três vozes para partilhar a explicação de três retalhos com história.

1ª- *O meu retalho é de uma peça de teatro que a minha mãe dirigiu. Foi retirado do guarda roupa, do fato de uma personagem, uma velhinha.*

2ª- *Os nossos retalhos foram retirados do cenário da peça “O macaco de Rabo Cortado”, feito em surpresa pelos pais da Escola Feliciano Oleiro.*

3ª- O meu é um pedaço de uma fralda de quando eu era bebé.

As crianças quiseram acompanhar a costura. Crianças e adultos sentaram-se no chão, como se à soleira de uma porta estivessem.

Há imagens que só mesmo a retina consegue registar!

Palavras do Observador: Histórias Retalhadas.

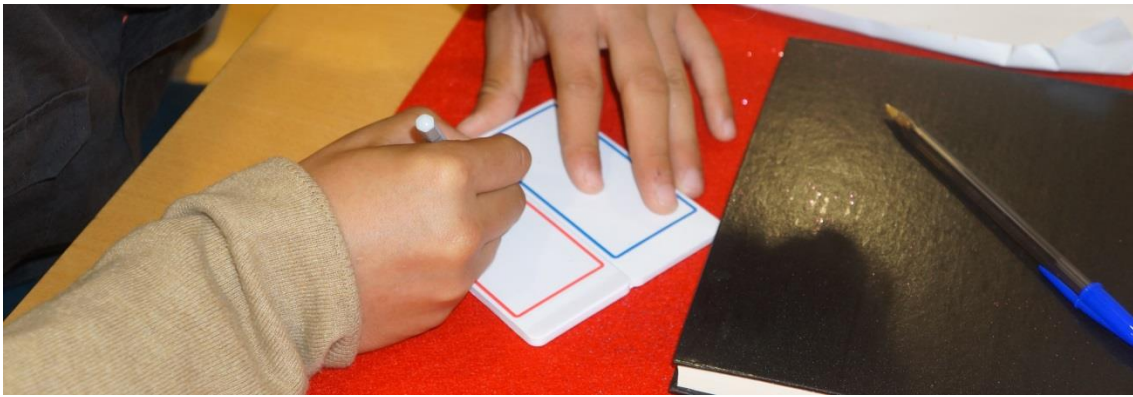
Reflexão *Entre Sentidos*

A *Exposição Entre Sentidos* permitiu reter inúmeros momentos, desde a criação do programa até ao momento do último contacto com os participantes.

Foi uma experiência muito gratificante. Uma riqueza na partilha do saber estar, ouvir, sentir, fazer, partilhar. São muitas as expressões humanas, guardadas em cada traço de vida de um Trabalho de Projeto brindado com um grupo de participantes muito especiais.

É interessante poder registar que *Entre Sentidos* despertou em muitos visitantes a partilha de sensações, como são exemplo “arrepios na pele”, “lágrimas a deslizar”, “sorrisos emocionados”, “vontade de ficar no espaço a olhar”, “vontade de abraçar”, “surpresa entre o imaginado e o observado”, “admiração perante tanta cor e criatividade”, entre tantos outros registos verbais trocados no momento de acompanhar os visitantes e convidados para o momento.

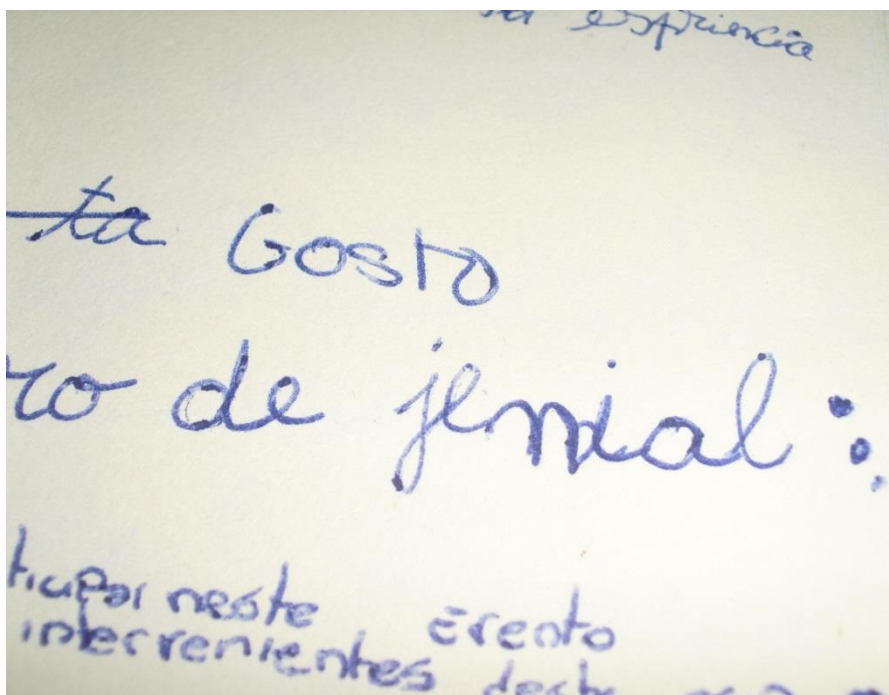
Há sensações únicas reservadas aos momentos, às pessoas, aos espaços, aos materiais, à arte produzida. A partir do momento em que a arte brota e se transforma em “algo” que posteriormente é partilhado, outros registos acontecem, ficando dessa forma *Impressões Entre Sentidos*.



Entre Sentidos



Entre sentidos ofereceu a muitas crianças/jovens uma possibilidade inesperada. O evento limitou-se a organizar um conjunto de produções deliciosas, executadas por jovens empenhados em agarrar um programa, colocando-as, durante um determinado período de tempo, em exposição num determinado espaço, perto de um *caminho de todos os dias até casa*.



Registro de uma das crianças no livro “*Impressões Entre Sentidos*”

Palavras do Observador: Experiência Genial

4ª fase de registos

Participação no *IX Encontro de Educação: Cidadania e Criatividade* realizado na Escola Superior de Educação Jean Piaget, de Almada.

O convite para participar no IX Encontro de Educação surgiu por parte da Professora Rita Alves, elemento da Comissão Organizadora daquele evento. Esta docente era conhecedora do tema que envolve o presente Trabalho de Projeto, por ter acompanhado de perto os seus diferentes momentos e por ter participado na exposição *Entre Sentidos*. A tal facto se terá ficado a dever esta proposta de partilha do trabalho no âmbito do *IX Encontro de Educação*.

Assim, no dia doze de julho de 2013, a investigadora participou como conferencista no IX Encontro de Educação, apresentando uma comunicação intitulada ***“Intenções, Impressões e Expressões”***.

A investigadora contextualizou a temática desenvolvida no seu Trabalho de Projeto, caracterizou o grupo de participantes (com autorização prévia do senhor Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Almada), e deu destaque à inserção do seu programa na comunidade, através da exposição *“Entre Sentidos”* e da subsequente dinamização das Oficinas do Setor Infanto-Juvenil da Biblioteca Municipal de Almada.

Intenções, Impressões e Expressões foi o título escolhido pela investigadora por envolver três palavras que apresentam e definem todo o Trabalho de Projeto desenvolvido, de um jeito “poético e subjetivo”, como então referiu a Professora Rita Alves.

Dentro dessa lógica, “legendámos” cada uma das palavras escolhidas, em jeito sumário de um trabalho de contínua descoberta de intenções, impressões e expressões.

Intenções

As intenções fazem parte do ponto de partida, da origem, da criação do programa, onde foram desenhados os percursos, traçados os objetivos, as estratégias, as atividades, e escolhidos os recursos materiais para serem aplicados através da “Educação pela Arte”.

Impressões

As impressões estão diretamente relacionadas com todas as emoções/sensações sentidas durante os ateliês, durante a exploração do espaço e dos materiais, assim como, nas relações pessoais e interpessoais.

Expressões

Com a conclusão da aplicação do Programa, o resultado apresenta-se num conjunto de expressões, sobretudo as não verbais. A recolha das palavras foi acontecendo gradualmente - sendo que a linguagem verbal ficou circunscrita a respostas simples - tendo a comunicação não-verbal assumido o papel de maior destaque através de uma linguagem criativa / expressiva.

Expressões foram também os abraços, a emoção pelas descobertas, pela aquisição de competências (como são exemplo a autorregulação, iniciativa, criticidade, destreza no manuseamento de diferentes materiais, liberdade expressiva, pensamento divergente e criativo, entre outras.) através da exploração de expressões adormecidas ou não exploradas, pela libertação de muitas “caixas das emoções”, através de uma “Educação pela Arte”.

ANEXO V

Encontros e Retalhos

Com alguma distância temporal a investigadora dirigiu-se ao Lar de Crianças e Jovens com dois objectivos: o primeiro era o de “concluir” a manta de retalhos (sendo que uma manta de retalhos é, em si, um final em aberto...), iniciada na inauguração da exposição “*Entre Sentidos*”; o segundo consistiu em tentar perceber que impressões ou expressões guardavam os jovens da experiência partilhada ao longo dos ateliês.

O período da manhã foi passado com o grupo de participantes “mais jovens”, e o período da tarde, com os mais velhos.

Os momentos foram distintos, sendo que, no período da manhã, antes de ser iniciada a “sessão de costura”, a investigadora lançou a proposta para uma atividade sensorial. O grupo aderiu muito positivamente, pois nunca tinham experimentado uma atividade com espuma de barbear.

Atividade: Espuma de Barbear e Oficina de Costura

Grupo B – 5/13 anos (20 de julho de 2013)



Registo da atividade

Objetivos para a atividade com espuma de barbear:

- Estimular o prazer sensorial.
- Estimular a descoberta das sensações e das possibilidades de expressão que a espuma de barbear oferece.
- Explorar os sentidos.
- Brincar, brincar, brincar.
- Estimular a interação entre pares.

Objetivos para a Oficina de Costura:

- Estimular o gosto pelos trabalhos manuais / artesanais.
- Estimular a utilização de materiais pouco usuais na vida prática dos participantes.
- Estimular a imaginação e a criatividade.

- Estimular o gosto pela estética.
- Estimular o prazer de construir com sentido e expressão.

Estratégias:

- Criar um ambiente tranquilo e acolhedor.
- Explicar aos participantes qual o tema/proposta de trabalho a desenvolver no ateliê.
- Apresentar as regras para o ateliê.
- Dar liberdade de escolha para a utilização dos diferentes materiais.

Recursos Humanos:

- Dez participantes com idades compreendidas entre os sete e os treze anos.
- Investigadora.
- Educadora de Infância (Voluntária da Santa Casa da Misericórdia de Almada. Presentemente é a responsável pelas atividades do Ateliê do Lar).

Recursos Materiais:

- Espuma de barbear
- Plásticos transparentes para forrar a mesa
- Batas para os participantes vestirem durante a atividade

Para a Oficina de Costura (material remanescente do Ateliê Ana Pimentel):

- Retalhos de tecido
- Flores artificiais

- Botões
- Rosetas de lã e de crochet
- Fitas de Seda
- Feltros
- Linhas
- Agulhas (com e sem bico)
- Tesouras

Descrição das atividades

Regras para a atividade

- Cada participante deverá desfrutar da espuma de barbear sem a colocar no rosto.
- Cada participante deverá decorar o seu retalho com escolha livre de materiais, sendo que, para o efeito, apenas poderá ser utilizado o *kit* de costura.
- Não é permitida a utilização de cola.

Espuma de Barbear

Antes dos participantes descerem para a sala polivalente (espaço onde recebem normalmente as visitas das famílias), investigadora e Educadora de Infância organizaram o ambiente educativo. Forraram a mesa de refeições com plástico (por ser uma mesa de madeira e para facilitar a limpeza no final da atividade) e enquanto a Educadora subiu às unidades para chamar os participantes a investigadora organizou todo o material para a Oficina de Costura.

Quando os participantes desceram a investigadora explicou as atividades e as regras. De seguida vestiram as batas. Alguns pares ajudaram-se mutuamente a abotoar as batas enquanto a investigadora colocava espuma na mesa, para cada participante.

Oficina de Costura

Os materiais para a Oficina estavam organizados desde o início da manhã. Todos os materiais foram colocados em cima da mesa para que cada participante os escolhesse livremente e se organizasse junto do pedaço de tecido escolhido.

Por ser um grupo de crianças de “tenra idade”, foram lembradas as regras da oficina, tendo a investigadora reforçado estas regras com outras de senso comum que, no momento, lhe pareceram oportunas, como por exemplo os cuidados a ter no manuseamento geral de tesouras e agulhas.

Avaliação da atividade: Espuma de Barbear



Foi interessante observar que, no início, todos ficaram estáticos, a necessitar de incentivo para iniciar o trabalho. Era, de facto, uma novidade para eles. Assim, a investigadora iniciou a atividade junto de um participante, esfregou a espuma sobre a mesa e, em continuação, “abraçou” as mãos do participante mais próximo. De seguida, cada participante deu início à sua atividade.

Como acima se referiu e aqui se reitera, a atividade constituiu uma surpresa para todos os intervenientes. Participantes e Educadora de Infância do Lar de Jovens nunca tinham experimentado a espuma de barbear como atividade. A investigadora atingiu um grau de felicidade enorme. Foi uma atividade que gerou um ambiente perfumado e rico em boa disposição, serenidade/calma - um dos “efeitos secundários” desta actividade - com muita criatividade na “ponta dos dedos”.

Parece-nos pertinente referir que esta actividade é implementada pela investigadora há largos anos com diferentes faixas etárias. A resposta é sempre muito positiva e

divertida. Desde a “idade mais tenra” de uma criança, até à “idade madura” de um adulto, *fazer* espuma de barbear é sempre um momento em que se exploram sensações, onde brotam, de um jeito mágico, a criatividade e as expressões, onde o “apagar” pode acontecer, sempre que o artista queira mudar a imagem “tatuada” na sua base de espuma.

É interessante oferecer momentos sensoriais fantásticos, com as sensações a transbordar de felicidade. É, também, através destes momentos que a investigadora avalia a pertinência do tema escolhido, certificando-se, a cada passo, que uma “Educação pela Arte” é um caminho onde se descobrem capacidades, emoções e sensações. É onde os sentidos encontram sentido.



Avaliação da atividade: Oficina de Costura



O segundo momento da manhã, à semelhança do primeiro, foi uma estreia para muitos dos participantes. A atividade teve início e, imediatamente, alguns dos participantes perguntaram onde estava a cola, ao que a investigadora respondeu que apenas podiam utilizar na atividade o *kit* de costura. Os participantes não apreciaram a resposta mas a investigadora estimulou-os a continuar a atividade. Um a um, foram pedindo ajuda para o enfiamento das linhas nas agulhas, para saber como davam o nó na linha e para começar a coser. Pouco a pouco a criatividade ganhava lugar para uma mistura diversificada na aplicação de diferentes materiais sobre um pedaço de tecido.

Foi uma manhã a viver experiências muito positivas.

Voz dos participantes



A investigadora tentou o registo das conversas e das trocas de ideias no final das atividades sobre as diferentes experiências partilhadas, desde a aplicação inicial do programa até ao momento da sua conclusão, mas os participantes não quiseram expressar opiniões. Alguns responderam, *já falei contigo sobre isso* ou *já te disse que gostei muito das telas*. Nesse momento a investigadora percebeu que não era tempo para a linguagem verbal, pois há momentos em que a língua mãe é a linguagem não verbal. O registo que se segue justifica a mudança de atitude da investigadora.

Num dado momento, em que dava uma volta à mesa para colocar mais espuma junto de cada participante, a investigadora foi surpreendida pela palavra “Miró” desenhada sobre a espuma. Nesse momento, fitou o participante nos olhos a sorrir. Os olhares fixaram-se, a resposta aconteceu:

- *O que é? Eu gostei muito dos quadros dele!*

Os gestos e as ações fluem, comunicam, traduzem sentidos e significados de expressão das diferentes formas de ser, de estar e de pensar. Ser um observador atento é uma mais-valia para que não se percam os trilhos de uma comunicação expressiva entre “gentes” a experimentar e a comunicar, com o exercício de todos os seus sentidos.

Registos da retina



A retina guarda dois registos em especial:

- Ao longo dos ateliês o participante da fotografia à esquerda, tinha que sentir o cheiro dos cabelos da investigadora antes de iniciar as atividades. Foi um gesto repetido desde outubro 2012 até então. Cheirava o cabelo e a seguir sentia a textura “esfregando” o cabelo entre os dedos. Durante a atividade com espuma recebeu estímulos para partilhar a espuma com os seus pares, mas o participante preferiu o braço da investigadora. Preencheu o braço com espuma e massajou-o durante bastante tempo, sempre a sorrir e com a saliva a cair da sua boca entreaberta (O participante é um jovem com necessidades educativas especiais, pelo que quando realiza atividades que lhe conferem satisfação, não controlo maxilo-facial). Quando se cansou disse *já está* e perguntou *não estás zangada comigo?* Ele sabia que, de alguma forma, tinha quebrado as regras, mas ainda assim, a investigadora sentiu uma vez mais que a linguagem não-verbal, naquele dia, era companheira de caminhada.

- O registo fotográfico da direita reteve a imagem de um dos participantes a deitar espuma de barbear sobre a mesa. Era a vontade de serem os participantes, eles próprios, a querer gerir a utilização dos materiais. Consideramos fundamental este arrojo, verificado entre regras e permissões, pois, como saberão fazer, com confiança e autonomia, se não lhes for dada a oportunidade de experimentar?

Palavras do observador: Sentido de Oportunidade.

Quebra de Regras?





Definir regras para uma atividade significa instituir normas para regular, para orientar a dinâmica/atividade, para minimizar riscos ou danos, ou ainda, para servir como estratégia para avaliar a autorregulação dos participantes.

Como atrás referimos, esta atividade é por nós realizada ao longo de mais de uma década de prática pedagógica sem registos de cumprimento integral das regras antecipadamente instituídas. É inevitável a tentação de passar e sentir a espuma no rosto. Normalmente os participantes iniciam a “quebra da regra”, quer olhando diretamente para o mediador da atividade, quer “às escondidas”, num jogo cúmplice entre pares (raramente acontece como decisão individual e autónoma).

O desafio é normalmente iniciado em jeito de jogo simbólico, onde o gesto de passar a mão com espuma pelo rosto é acompanhado de frases a facilitar a conquista do “perdão” pelo incumprimento, como por exemplo “estou a fazer a barba como o meu pai” ou “agora sou um homem, vou fazer a minha barba”.

É importante avaliar previamente se existem ou não alergias ou hipersensibilidade aos produtos utilizados, pois sabemos que é já prática comum a quebra de regras nesta atividade. Ainda assim, ficamos sempre na expectativa curiosa de um dia as regras não serem quebradas.



Palavras do observador: Sentido de Oportunidade

Atividade: Oficina de Costura

Grupo A – 13/16 anos (20 de julho de 2013)



Registo da atividade

Objetivos para a Oficina de Costura:

- Estimular o gosto pelos trabalhos manuais / artesanais.
- Estimular a utilização de materiais pouco usuais na vida prática dos participantes.
- Estimular a imaginação e a criatividade.
- Estimular o gosto pela estética.
- Estimular o prazer de construir com sentido e expressão.

Estratégias:

- Criar um ambiente tranquilo e acolhedor.
- Explicar aos participantes qual o tema/proposta de trabalho a desenvolver no ateliê.
- Apresentar as regras para o ateliê.
- Dar liberdade de escolha para a utilização dos diferentes materiais.

Recursos Humanos:

- Nove participantes com idades compreendidas entre os treze e os dezasseis anos
- Investigadora
- Educadora de Infância (Voluntária da Santa Casa da Misericórdia, presentemente. responsável pelas atividades do Ateliê do Lar)

Recursos Materiais (material remanescente do Ateliê Ana Pimentel):

- Retalhos de tecido
- Flores artificiais
- Botões
- Rosetas de lã e de *crochet*
- Fitas de Seda
- Feltros
- Linhas
- Aglhas (com e sem bico)
- Tesouras

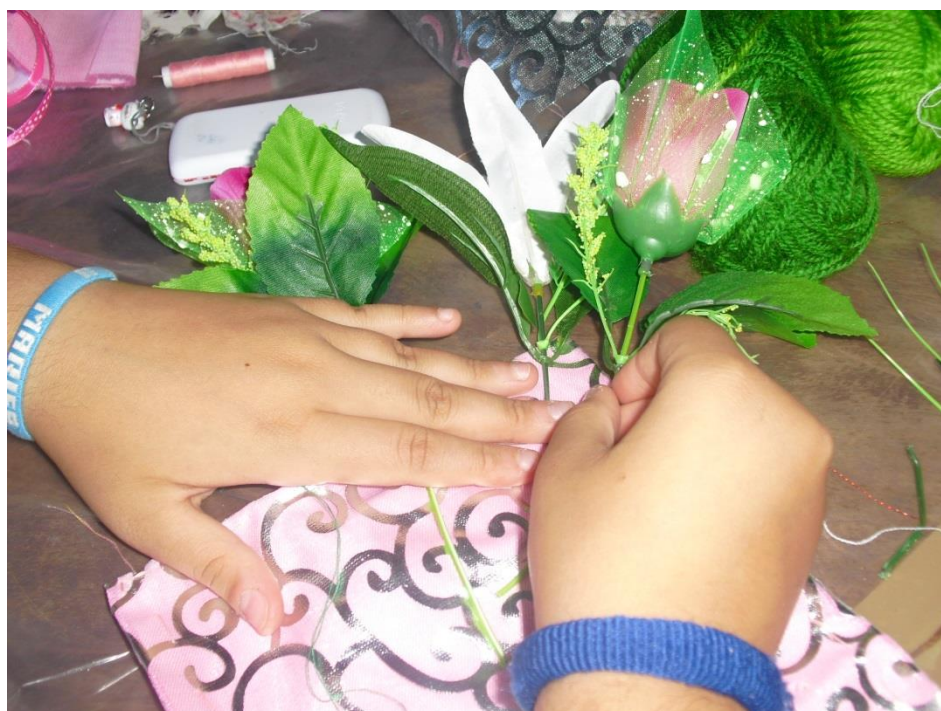
Descrição da atividade

Regra para a atividade

- Cada participante deverá decorar o seu retalho com escolha livre de materiais, sendo que, para o efeito, apenas pode ser utilizado o *kit* de costura.
- Não é permitida a utilização de cola.

A atividade teve início com todos os materiais disponíveis na mesa da sala polivalente. A investigadora explicou os objetivos da atividade e informou os participantes acerca das regras definidas para a mesma.

Avaliação da atividade



Os participantes iniciaram a escolha livre dos materiais e, à semelhança do Grupo A, perguntaram se não era mesmo permitida a utilização de cola, porque nunca tinham cosido ou porque consideravam que coser à mão era muito difícil. A investigadora respondeu reforçando que a regra estabelecida tinha como objetivo o contacto com materiais pouco utilizados pelos participantes diariamente, para que se fossem familiarizando com “novos” materiais, com “novas” técnicas de produção.

Os desabafos foram acontecendo em voz alta e de olhos fixos nos materiais escolhidos, verbalizando frases como “não consigo”, “está a ficar tudo podre”, “não quero fazer nada”. Uma vez mais foi necessário o reforço dos adultos para que cada retalho ganhasse expressão. A investigadora sugeriu aos participantes com mais dificuldade na utilização dos materiais, que fossem colocando em cima do retalho de tecido os materiais dispostos de acordo com a sua vontade, para, posteriormente, os ajudar a coser ao tecido. Foi uma excelente estratégia, a despertar vontade de fazer, de utilizar linhas e agulhas para terminarem o “imaginado”. A investigadora ajudou a enfiar linhas nas agulhas, a dar nós nas pontas das linhas, juntando palavras de incentivo e despertando nos participantes vontade de fazer.

Houve períodos em que o silêncio durante a atividade foi ensurdecedor. Quando alguns participantes deram conta, pediram autorização para ouvir música, pelo que foram buscar um pequeno rádio e sintonizaram uma estação de rádio prazerosa para todos. Entre *Hip Hop* e *Quizomba* a atividade foi acontecendo com mais animação, embora sem muita partilha de conversa, de brincadeira ou de opiniões. A linguagem não-verbal, uma vez mais, era experimentada por parte da investigadora junto dos participantes.

Voz dos participantes

À semelhança dos participantes do Grupo A, os participantes do Grupo B não aceitaram responder às perguntas da investigadora relativamente ao acontecido nos ateliês. Preferiram sugerir outras atividades a desenvolver em possíveis encontros. Alguns quiseram escrever, assinar o seu nome no livro “*Impressões Entre Sentidos*”, utilizado na exposição, onde deixaram algumas frases escritas em jeito de uma breve avaliação.

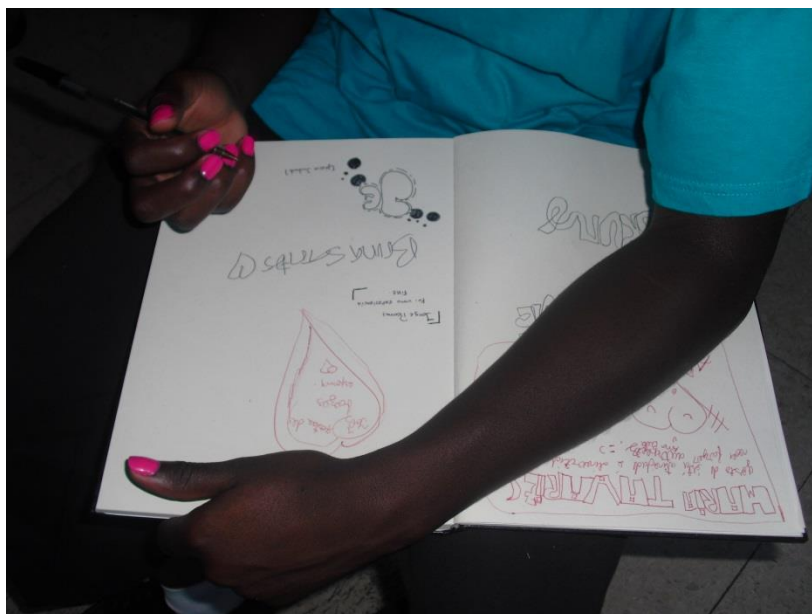
- *Gosto muito de ti...Adorei fazer este trabalho contigo.*

- *Obrigado por vires outra vez. Gostei muito da atividade. Volta sempre. Bem vinda ao nosso Lar de Jovens.*

- *Eu gostei muito.*

- *Foi uma experiência fixe.*

A atitude da investigadora foi descontraída, permitindo a utilização do livro, deixando a grupo agir naturalmente.



Registos da retina



A retina registou um gesto inesperado:

- Um dos jovens sentou-se numa cadeira, após ter escolhido os materiais com determinação. Esteve em silêncio na maioria do tempo em que decorreu o ateliê. A investigadora observou que, no início da decoração do seu pedaço de tecido, ele teria desenhado sobre o pano, sem nunca ter parado por perto ou colocado alguma questão. A investigadora conhecia o jovem, sabia que gostava de estar no seu espaço, com o seu tempo e atenção dedicados ao trabalho.

No momento de terminar o ateliê, os jovens ajudaram a arrumar os materiais, mas este participante continuava cosendo, sentado na cadeira e com os cotovelos apoiados na mesa. Subitamente ergueu-se e, esticando o braço com o pedaço de tecido na mão, entregou-o à investigadora, que ficou em êxtase perante tamanha pureza. Surpreendida com a escolha de materiais, quer pela natureza diversa dos mesmos, quer pela conjugação cromática, a investigadora olhou para o jovem, elogiou o trabalho e leu em voz alta “saudades de ti”. O jovem esboçou um sorriso e acrescentou, “essas saudades são para ti”.

Palavras do observador: Desejo muito que os sorrisos nunca envelheçam. Enquanto me lembrar destas saudades, vou sorrir sempre de felicidade. (Foi absolutamente necessário para a investigadora fazer o registo na primeira pessoa. Trata-se do último registo. Obrigada!)